

Cronica DA SEMANA

A CENA MUDA

Nº 26



28-6-49

AO CORRER DO MARTELO

FALAM daqui e dacolá que a magnífica (que corpo, e que cara!...) Maria Felix vem ao Brasil. Em vista disso, alguns cronistas (de jornais e rádio) estão já com suas baterias instaladas no Aeroporto Santos Dumont, à espera do "furo" de reportagem. Coitada da belíssima atriz mexicana... Que parada ela terá que suportar...



Tem também, para esta semana, a história do velho amigo e colaborador desta revista, o Leon Eliachar... O rapaz resolveu enfrentar o microfone, e de saída conseguiu um excelente programa na Tupi ("Cine-Grátis"), e num horário excelente (21 horas e meia), tôdas as segundas-feiras. Como programa humorístico, é um dos melhores do nosso rádio, e o Eliachar "abafou" com a sua estréia radiofônica muito "cartaz" que existe em nossos microfones.



"Última etapa", "A verdade não tem fronteiras" e numerosos filmes de curta metragem, como "Suite Varsoviana", "Inundação", etc., exibidas no estrangeiro, fizeram com que todos concordassem em dizer que o cinema polonês apresenta boas possibilidades de desenvolvimento. Entretanto a jovem indústria cinematográfica polonesa não possui ainda um número suficiente de técnicos; por isso, ao mesmo tempo que treina ativamente novos quadros de profissionais, "Film Polski" recorre a alguns cinematografistas estrangeiros de reconhecida competência.

Assim, Victoria Mercanton, assistente de montagem de Jacques Feyder, o operador Jean Isnard e o cameraman Jacques Klein trabalharam recentemente com uma equipe polonesa no "Robinson de Varsóvia". O cenário desse filme repousa numa análise minuciosa da experiência humana da solidão, do medo, e depois da experiência da solidariedade de uma pequena coletividade, bloqueada nas ruínas de Varsóvia, enquanto se termina o combate entre os exércitos hitleristas e as tropas vitoriosas da Polônia e de sua aliada do Leste. O conhecido poeta Czeslaw Milosz e o romancista Jerzy Andrzejewski, detentor do prêmio literário "Renascença", são responsáveis por esse cenário". A realizadora de "Última etapa" — Wanda Jakubowska — supervisionou a produção. A filmagem das principais cenas do filme, realizadas ao ar livre, encontrou dificuldades divertidas: as cenas do inverno exigiam a quantidade normal de neve, com que Varsóvia costuma se revestir; entretanto um inverno excepcionalmente brando fez com que houvesse precisão de corrigir a falha da natureza com grandes quantidades de cal... Mais confortadora foi a "caça às ruínas", à qual tiveram que se entregar os realizadores do filme para satisfazer às exigências do cenário, uma vez que a rápida reconstrução da capital polonesa já curou muitas feridas deixadas na cidade pela guerra.

Os poloneses entraram também num primeiro contacto com os realizadores italianos, ao colaborarem com Aldo Vergano na realização da "Agulha do Diabo". Essa é uma fita realizada por Vergano em conjunto com o polonês Tadeusz Karski, segundo um cenário original do tcheco Preus, sobre a vida de montanhese poloneses da aldeia de Chocholow, situada na fronteira polono-tchecoslovaca, e distante de menos de 20 quilômetros da famosa Zakopane — "a princesa dos Tatras".

LUIZ ALÍPIO DE BARROS

Sumário:

| | |
|---|----|
| Ao correr do martelo, por Luiz Alípio de Barros | 3 |
| Na côrte do Rei Artur (cine-romance) | 4 |
| Tyrone Power | 6 |
| Vivien Leigh | 7 |
| Uma "estrela" britânica | 8 |
| Bisbilhotices de Hollywood | 9 |
| Melodias para você, por F. Corrêa da Silva | 11 |
| Cine-repórter | 14 |
| Curiosidades do cinema inglês | 16 |
| Os artistas no cinema português | 17 |
| Van Johnson, o sardento | 18 |
| Niven-Wright | 20 |
| Granger-Keyes | 21 |
| Dick Haymes | 22 |
| Pequeno mundo antigo | 23 |
| Swing-fan, por Sylvio Tulio Cardoso | 26 |
| Rádio, por Max Gold | 28 |
| Futuras estréias | 31 |
| Caras e caretas, por Pery Ribas | 32 |

NOSSA CAPA



Ilustra nossa capa desta semana a famosíssima Ingrid Bergman, notável atriz sueca pertencente agora ao firmamento de Hollywood. Neste momento, Ingrid está na Itália, onde, com Roberto Rossellini, o consagrado diretor de "Paisá", realiza um filme na ilha de Stromboli. O próximo filme de Ingrid Bergman a ser apresentado ao público brasileiro será "Joana D'Arc", produção distribuída pela RKO, companhia que nos cedeu a foto da capa.



Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração, 22-2550; Publicidade, 22-9570; Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 140,00; Semestral (26 números), Cr\$ 70,00. Registrada: Anual, Cr\$ 170,00; Semestral, Cr\$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 270,00; Semestral, Cr\$ 140,00. Número atrasado, Cr\$ 3,50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Distribuidor de A CENA MUDA em São Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salgado 67; telefone 4-1569. Representante em São Paulo para publicidade: Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado, 159, 5º andar, sala 502; telefone 3-2649. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mundaes, 19, West 44th Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor



NA CÔRTE DO REI ARTUR

"A CONNECTICUT YANKEE IN KING ARTHUR'S COURT"

PERSONAGENS

| | |
|----------------------------------|----------------------|
| Hank Martin | BING CROSBY |
| Alisande (Sandy) | RHONDA FLEMING |
| Rei Artur (Lord Pendragon) | SIR CEDRIC HARDWICKE |
| Merlin | MURVYN VYE |
| Morgan Le Fay | VIRGINIA FIELD |
| Sir Sagamore | WILLIAM BENDIX |
| Sir Logris | JOE VITALE |
| Sir Lancelot | HENRY WILCOXON |
| Sir Galahed | RICHARD WEBB |

Produção de Robert Fellows ★ Direção de Tay Garnett
★ De uma novela de Mark Twain ★ Em technicolor



No ano de 1905, Hank Martin, jovem americano, visita o Castelo Pendragon, na Inglaterra, antigo domínio do Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda. Tudo ali é familiar a Hank, que acaba por assustar os circunstantes, aos gritos de que pertencera à côrte do Rei Artur...

Hank é levado à presença de Lord Pendragon, indivíduo parecidíssimo com o Rei Artur, recebendo nessa ocasião um convite para dar explicações a respeito de sua curiosa descoberta. O rapaz atende ao convite e começa a falar. Possuía ele uma loja de ferreiro, em Connecticut. Certa noite, durante uma tempestade, sofreu um acidente...

Ao recobrar os sentidos, Hank se vê transformado num cidadão da Inglaterra, do ano 528 A. C., prêso por ordem de Sir Sagamore, um dos cavaleiros do Rei Artur. Confuso e irado, é ele conduzido ao Castelo Pendragon, onde reside o Rei Artur. A aparência e a conversa de Hank são tão estranhas que logo o apontam como um espírito do mal, versão que é prontamente aceita por Merlin, o feiticeiro da côrte, que receia seja o forasteiro um perigoso concorrente ao seu cargo. Hank é condenado a morrer na fogueira.

Duas únicas pessoas demonstram ter pena do infeliz rapaz: Lady Alisande, a bela e favorita sobrinha do Rei Artur, por quem Hank se apaixona à primeira vista, e Sir Sagamore.

Só um milagre poderá porém salvar Hank. E é algo parecido que sucede à última hora, ao usar Hank a lente do seu relógio para queimar a proclamação de morte e o manto de Merlin, provando assim ao Rei Artur e seus atemorizados súditos que ele é um feiticeiro muito mais poderoso do que Merlin.

O Rei Artur concede sua liberdade e eleva-o ao grau de Cavaleiro, com o título de "Sir Patrão", dispondo ainda de Sir Sagamore como escudeiro. Um pomposo baile é realizado em sua honra.

Se bem que Alisande seja noiva de Sir Lancelot, que se encontra ausente em missão dos Cavaleiros Andantes, Hank não perde tempo em cortejá-la, principalmente depois que a moça admitiu não amar o noivo. De fato, ela está apaixonada por Hank.

Merlin, que não descansa em seu trabalho de espionagem, vê nesse idílio uma oportunidade para destruir o rival, apressando-se pois em enviar uma mensagem ao ciumento Sir Lancelot. Este cavaleiro regressa ao lar às carreiras e desafia Hank para um torneio, sendo o prêmio ao vencedor a mão de Alisande em casamento.

Hank quase desmaia quando vem a saber que deve tomar parte na luta vestido com uma pesada armadura de ferro e munido de comprida lança. Não se conformando com esse incômodo aparato, ele se apresenta em campo vestido apenas com seu costume de casemira. Fazendo círculos e piruetas à volta do pesadamente armado cavaleiro, Hank acaba por derrotá-lo fragorosamente, laçando-o como se fôra um novilho, o que muito divertiu o Rei Artur e a sua côrte... Mas acontece que Lady Alisande, irritada com a humilhação feita ao seu noivo, declara que se casará com Sir Lancelot!

Merlin convencerá o Rei de que seus súditos viviam felizes e satisfeitos; mas Hank, que sabe não ser isso verdade, pois o povo vive oprimido e sofrendo, persuade o Rei a ir ele próprio fazer a verificação, percorrendo anonimamente as ruas de Londres. Hank e Sir Sagamore acompanham-no nessa tarefa.

Merlin descobre o estratagema e providencia para que os três sejam presos e vendidos como escravos. Quando Alisande, disfarçada com os trajes de um rapaz, tenta libertá-los, vem também a ser detida. Sir Sagamore consegue fugir e vai em busca de socorro. Mas, nesse meio tempo, Hank salva a vida do Rei e a sua própria, convencendo o povo de que o eclipse do sol, que por coincidência, ocorrera naquele momento, fôra provocado por ele... Ato contínuo, Hank tenta socorrer Alisande, mas recebe uma violenta pancada na cabeça e cai sem sentidos...

Surge novamente o Castelo Pendragon, em 1905... Hank conclui sua história, declarando que ao recuperar os sentidos, em Connecticut, encontrou-se de volta ao presente... Alisande e Lancelot haviam desaparecido nas brumas do passado...

Lord Pendragon, sorrindo, manda Hank se dirigir à varanda ao lado, onde se acha sua sobrinha. A moça, que é parecidíssima com Alisande, está justamente à espera de Hank...





BING CROSBY e William Bendix numa cena de "Um lanque na corte do Rei Artur", película que a Paramount lançará brevemente no Brasil. Reparem a cara de Bing... Coitado



OUTRA CENA de "Um lanque na corte do rei Artur", onde Bing Crosby tem o papel principal. Vejam em que apuros se meteu o pobre Bing, com lanças apontadas para sua barriga



TYRONE POWER

(Foto 20th Century-Fox)

(Fotos como esta o leitor encontrará no ALBUM de A CENA, já em tôdas as bancas)



Vivien Leigh

LADY LAURENCE OLIVIER

UMA recente fotografia (distribuída para A CENA, com exclusividade, pelo BNS) da famosa atriz Vivien Leigh, esposa do também famoso Sir Laurence Olivier, o homem que esmagou Hollywood com o seu já célebre "Hamlet". Vivien Leigh adora gatos... e os traz na coleira... "Quem não tem cão caça com gato..."



UMA ESTRÊLA BRITÂNICA
EDANA RONNEY

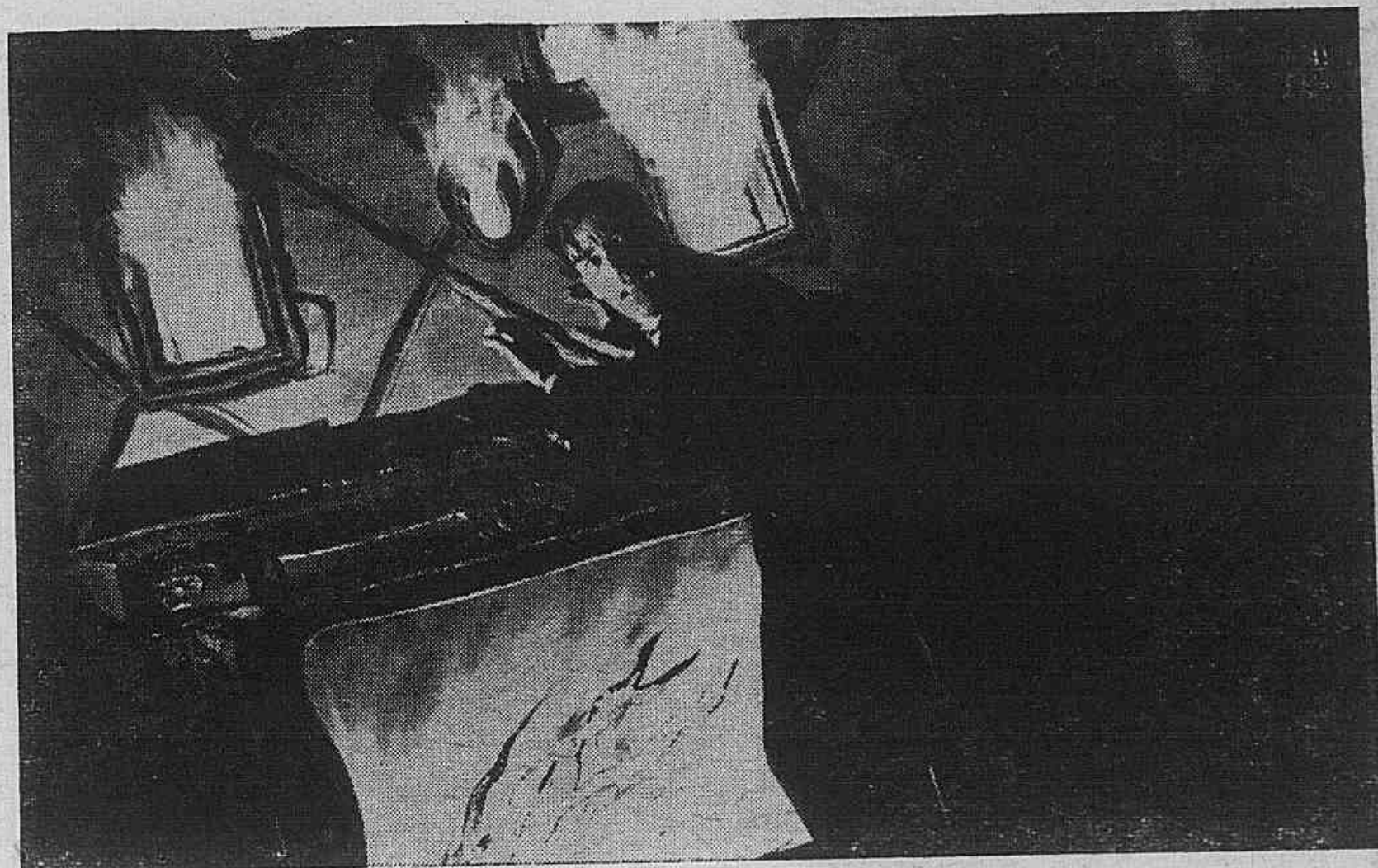
PARECE um quadro clássico, mas não é. Trata-se exatamente da atriz britânica Edana Ronney, que aí vem no filme "Escravo do passado", de J. Arthur Rank, que a Universal-International apresentará brevemente no Brasil. Estampa, Edana tem muita. Vamos ver agora as qualidades artísticas da linda atriz.

BISBILHOTICES DE HOLLYWOOD

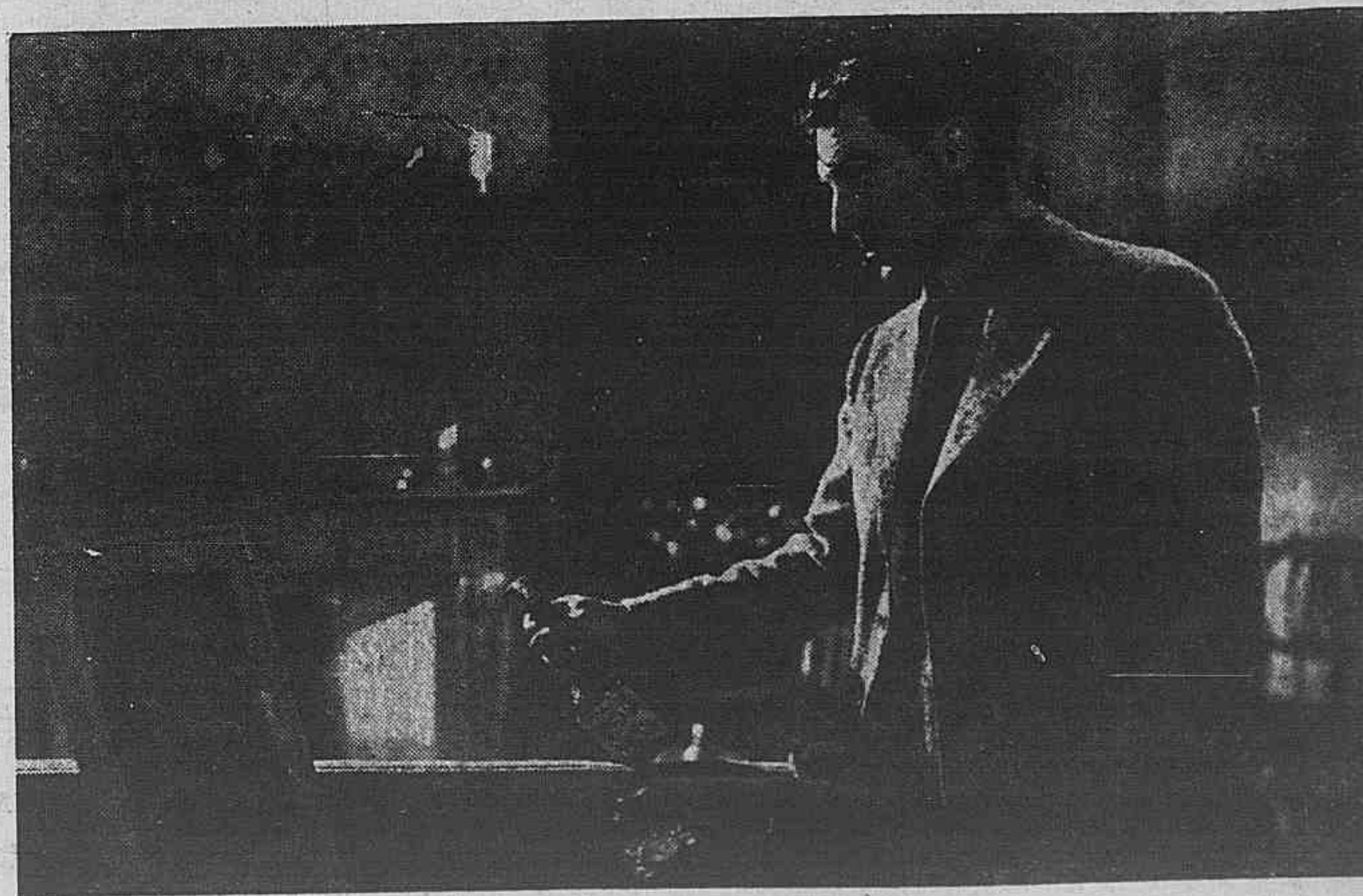
A residência de Barbara Stanwyck está se transformando aos poucos numa "concorrente" do Kennel Club norte-americano; lá se encontram Eenie, Meenie e Mo, três cachorrinhos que a "estrela" arranhou para fazer companhia aos cinco gigantescos cães de caça do seu marido, o paciente Mr. Robert Taylor... E por falar nesse simpático casal, aqui ficam nossas felicitações pela passagem do 10.º aniversário de casamento. Uma das raras "estrelas" solteiras de Hollywood, a linda loura Joan Caulfield, está sendo acompanhada por todos os cantos por Robert Stack, o ator-multi-millionário que desempenha um dos principais papéis de "A Dança dos Milhões". ★ Quando terminar seu papel em "Rope and Sand", o "abrutalhado" Burt Lancaster irá para o "Circo Cole Brothers", executando no trapézio o mesmo arriscado número que ele fazia antes de ser ator de cinema; os parentes de Burt estão lendo Freud, para ver se descobrem a origem dessa sua estranha mania. ★ Wanda Hendrix e Audie Murphy, recém-casados e muito felizes, pretendem trabalhar juntos num filme, possivelmente na versão cinematográfica do romance que Audie está escrevendo sob inspiração de Wanda; deve ser um "grande" romance, não há dúvida... Dona Alice, a esposa de Wendell Corey, recebeu pela terceira vez a visita de D. Cegonha, que lhe foi levar um garotinho para brincar com Robim e Jonathan, filhinhos do casal; Corey, que recentemente foi galã de Loretta Young em "Acusada!", anda "todo bôbo" com o aumento contínuo de sua família. ★ Alan Ladd aproveita todos os momentos de folga para ensinar a seu filhinho David, a arte da natação; é que o simpático ator de "Abutres humanos" construiu uma "baita" piscina em sua residência e quer que o garoto aprenda a nadar antes de enchê-la d'água. ★ Barry Fitzgerald está danado com o boato que circula em Hollywood a respeito do seu próximo casamento; o bom velhinho explica que, após passar tóda a existência solteiro, o máximo que ele pode aspirar agora é ser avô. ★ Mais uma vez Bing Crosby bate todos os records de bilheteria do "Radio City Music Hall", de Nova York, agora com a produção tecnicolor, "Na Côte do Rei Arthur". ★ Joan Fontaine, a "estrela da sorte", embarcará em Setembro próximo rumo à Paris, onde será coroada rainha do "Festival Anual de Modas"; o prêmio é constituído de duas dúzias de vestidos, especialmente desenhados para ela pelos mais famosos costureiros franceses. Quem também embarcará para Paris é Gigi Perreau, a estrelinha que estréia no cinema ao lado de Wanda Hendrix e Claude Rains em "O Pecado de Amar"; ela vai travar conhecimento com seus avós, que moram na Cidade-Luz.



DAVID FARRAR e Kathleen Byron, em uma cena do filme "The small back room", produzido e dirigido por Michael Powell e Emeric Pressburger, película inglesa. (Foto BNS)



DIZEM as notícias de Londres, que David Farrar tem um dos melhores trabalhos de sua carreira cinematográfica em "The small back room", de Powell-Pressburger (Foto BNS)



OUTRO momento de David Farrar em "The small back room". O conhecido ator inglês tem oportunidade de revelar as suas decantadas qualidades artísticas nesta película britânica (Foto BNS)

NOTÍCIAS

FRITZ LANG vai dirigir Louis Hayward, Jane Wyatt e Lee Bowman (mau elenco) em "The House Across the River". O último filme de Lang foi "Secret Beyond the Door" (O Segredo da Porta Fechada).

★ Marcel Carné está realizando "La Marie du Port", com Jean Gabin e Anouk Aimée, depois de várias tentativas frustradas, inclusive a de "La Fleur de l'Age" (com Arletty, Serge Reggiani, Anouk Aimée), que não foi (e dizem que não será) terminado. Há três filmes de Carné desconhecidos no Brasil (além de "Nogent" e "Jenny" que em virtude de serem muito antigos jamais nos serão apresentados), dois dos quais produzidos durante a guerra ("Les Visiteurs du Soir" e "Les Enfants du Paradis") e o terceiro em 1946 ("Les Portes de la Nuit"). Tanto "Les Visiteurs du Soir" como "Les Enfants du Paradis" já estão sendo anunciados, mas ninguém se lembrou ainda de importar "Les Portes de la Nuit", elogiadíssimo também pela crítica europeia.

★ Julien Duvivier, de regresso à França ao terminar a guerra, realizou "Panique" (1946), com Viviane Romance e Michel Simon. A seguir, levou um ano nos preparativos de filmagem de "Le Mariage de Loti", indo até à Polinésia filmar os exteriores, mas não pôde levar a cabo os seus projetos. Desistiu de "Le Mariage de Loti", e dirigiu, então, "Au Royaume des Cieux", ainda não estreado em Paris. E, no momento, está pronto para iniciar "L'Homme de la Jamaïque", cujos intérpretes serão Patricia Roc e Louis Hayward. Desnecessário dizer que a película tem 2 versões, uma francesa, outra inglesa. A moda de quinze anos atrás está de volta. O cenário de "L'Homme de la Jamaïque" (que não é uma refilmagem de "Jamaica Inn" — A Estalagem Maldita — de Hitchcock) é de autoria de Charles Spaak.

★ Judy Garland foi suspensa pela direção da Metro, que não gostou do seu modo de interpretar "Annie Get your Gun". Judy trabalhou de má vontade, talvez por não ter Vincente Minnelli como diretor. Aliás, êsse tem uma história complicada. Começado por Busby Berkeley (que reapareceu em grande estilo com "Take me out of the Ball Game"), foi terminado por Charles Walters, o pobre diabo que nos deu recentemente um inenarrável "Ester Parade". Em virtude de Judy Garland ter sido suspensa, a June Allyson caberá o principal papel de "Lovely to Look at".

★ Gene Kelly estréia como diretor de cena em "On the Town". Além de Gene, estão no "cast" Frank Sinatra, An Miller e Vera Ellen. Um musical, evidentemente.

★ Montgomery Clift, que estreou em "The Search" (Perdidos na Tormenta), de Fred Zinnemann, e se revelou em "Red River" (Rio Vermelho), um "western" famoso de Howard Hawks, assinou contrato com a Metro e já tem dois filmes programados: "Running of the Tide", com Lana Turner, e "Just 18", com Elizabeth Taylor.

★ Louis Daquin apresentou seu novo filme, um drama de mineiros: "Le Point du Jour", com Jean Dessailly, René Lefèvre, Jean-Pierre Grenier, Loleh Bellon, Marie-Hélène Dasté, Guy Sergis. O cenário de Vladimir Pozner (um dos



INEZ VALERIA — Ela já possui o seu prestígio como intérprete teatral, e é moça, bonitinha, talentosa, muito talentosa. Agora, Inez pretende tentar o cinema, deseja enfrentar a câmera, animada pelos seus bons resultados teatrais. A jovem atriz foi contratada por Fernando de Barros para trabalhar no novo filme do diretor de "Caminhos do sul". Este novo filme será lançado com o título de "Quando a noite acaba", e tem a realização de Artistas Associados, uma nova produtora que promete grandes coisas na nossa vida cinematográfica. O cinema brasileiro pretende mesmo renovar-se. Os "cartazes" radiofônicos parece que vão mesmo cair fora. E já era tempo de um acontecimento assim. Cinema é cinema... rádio é rádio. Gente moça, gente cinematográfica, é o que serve

mais destacados "script-writers" do cinema americano e que, com êste filme presta seu concurso também ao cinema francês), segundo um crítico, parisiense (Robert Chazal), "não é um cenário objetivo. O autor acreditou ser necessário abordar o lado político da questão e tomar partido". Terão feito Pozner e Daquin um filme "vrai", reivindicador, como o inesquecível "Black Fury" (Inferno Negro), de Michel Curtiz? O mesmo crítico citado diz que o desejo de convencer diminui o valor da obra" (I); e, mais adiante, "de todos os filmes realizados sobre mineiros, êste é o melhor" (II).

★ Fala-se na filmagem da vida de Fred

Astaire. Uma excelente idéia, embora em tais empreendimentos haja muito mais cabotismo do que arte cinematográfica. O exemplo da "Vida de Al Jolson" é significativo.

★ Corinne Luchaire, processada por colaboracionista, e com os direitos de cidadania francesa cassados por dez anos, reaparece no cinema italiano, ao lado do caixeiro-viajante George Rigaud e Osvaldo Valenti em "O Mandamento Supremo" (Abandono).

★ Vingança! (Un Uomo Ritorna) dirigida por Max Neufeld é o mais recente filme de Anna Magnani importado pela Art-Films. Gino Cervi é o galã.



TRIBUNAL POPULAR

Réu: Dick Farney

Defesa: Miss Nelly Santa-Rosa

Cedo, democraticamente, esta página para a transcrição da carta que acabo de receber e que foi escrita em máquina "Made in U.S.A." para seu consumo interno, dada a ausência dos sinais indispensáveis à acentuação portuguesa:

"Quem lhe escreve é uma grande fã de rádio, que lê frequentemente suas crônicas na **A CENA MUDA**. Notei, nos dois últimos números dessa revista, que o Sr. se ocupa, em suas reportagens, do cantor Dick Farney. E não creio que o faz com justiça. Permite-me criticar um crítico? Então, vejamos:

Demonstra o Sr. em sua crônica "Dr. Jekyll e Mr. Hyde", um grande amor à música brasileira e quasi que ogeriza à americana. Está certo, gôsto não se discute. Mas daí a acusar de Yankismo as tentativas corajosas de se melhorar um pouco os nossos programas de rádio, está errado. Eu conheço bem a situação do rádio americano por ter estudado nos Estados Unidos durante dois anos, e como tôda a turista que se preza, não perdi oportunidade de visitar as famosas N. B. S., e de assistir a inúmeros programas. E, caro Sr. Corrêa da Silva, o único meio do rádio brasileiro ir para a frente é mesmo tentando imitar o americano. Não só na forma e apresentação dos seus programas, mas também na técnica, na noção de responsabilidade de seus dirigentes e artistas na função de educar o povo e procurar despertar na massa dos ouvintes o interesse pela música popular também.

Entre outros programas, assisti ao famoso "Hit Parade". É um verdadeiro "show", 100% musical, apresentando geralmente umas oito músicas entre as mais populares do país. É o programa mais ouvido nos Estados Unidos, com o concurso do cantor mais popular da América, e contando com uma grande orquestra que apresenta arranjos cuidadíssimos, tornando os "swings" e "blues" verdadeiras obras primas, educando o gôsto do público ouvinte.

Então, porque não se fazer no Brasil um programa semelhante? E, tratando-se de um artista completo como Dick Farney, porque não incluir música americana e brasileira, já que o artista em questão pode interpretar ambos os estilos às maravilhas? Não devemos, nunca, boicotar a música estrangeira, não há país no mundo que o faça; devemos até favorecer o intercâmbio, já que possuímos artistas credenciados. Quando o Sr. diz que Dick Farney assume o aspecto monstruoso de um novo Mr. Hyde quando "cai" no fox, e que imita Crosby, Sinatra e até o mediocre Damone, o senhor está, positivamente, "mal informado", ou com "partipris". Como se compreenderia isso, se o artista em questão conseguiu impôr o seu nome nos Estados Unidos, competindo com os nomes Sinatra e Crosby; êle, um estrangeiro, concorrendo com os filhos da terra, e assim mesmo, conquistando, segundo a classificação autorizada da popular revista "Time Magazine", lugar honroso, de destaque, entre os "crooners" americanos? Um méro "papel carbono" passaria inteiramente despercebido naquela terra onde a concorrência é um caso muito sério. O senhor, como crítico, não devia ignorar êsses detalhes.



ELLA FITZGERALD e LOUIS JORDAN num flagrante de gravação nos estúdios da DECCA

MÚSICA BRASILEIRA

AVE SEM NINHO

Samba batuque de Luis Soberano. — Do filme "O mundo se diverte". — Gravação de Linda Batista. (Victor)

Tumba, tumba, aleô
Tumba, tumba, aleô

Sou uma ave sem ninho
A pousar sôbre o espinho
Sou vítima do amor...
Ai, secaste o meu arvoredo
Desvendaste o meu segrêdo
Destino traidor,
Amei porque amei
Explicar não sei...
Meu sofrimento é profundo
Não tenho sorte na vida
Só tenho desgosto no mundo...

★

ATÉ O AMARGO FIM

Samba-canção de N. Teixeira e D. Nasser

Pelas noites que eu passei sem dormir,
[te esperando
Pelos dias que eu passei sem viver te
[adorando,
Pela insonia, pelo cansaço, pela infeli-
[cidade,
Pelo pranto que veio de tí,
Pelo gôsto amargo da saudade,
Meu amor, em silêncio vais me ouvir:

Tú te lembrarás de mim
Até o amargo fim
E eu desejo apenas
P'ra teu maior castigo
Que beijes outra boca
Sempre a sonhar comigo
Que todo novo amor
Relembre o amor antigo
E até o amargo fim
Hás de lembrar de mim.

★

ESTRANHO

Samba-canção de David Nasser e Newton Teixeira

Parece até brincadeira
Quando começo a cismar
De que estranha maneira
Tu te deixaste levar,
Saíste de minha vida
P'ra noutra vida entrar,
Parece até brincadeira
Tudo fóra do lugar.

Pertences a outro alguém
Que hoje vive em meu lugar.
Outro amor em tua vida,
Outro alguém para enganar.
Tu dormes num leito estranho
E eu nem gosto de lembrar
Mas no lar que construímos
P'ra no inverno nos abrigar
Um outro alguém adormece,
Outro alguém em teu lugar.

Música Norte-Americana

THE BEAUTIFUL BLONDE FROM
BASHFUL BEND

Fox de Don George e Lionel Newman.
Do filme da 20th Century Fox de igual
título

The beautiful blonde from Bashful
[Bend

Never did learn to jeep a friend
She'd give 'em a start then shoot 'em
[in the end

The beautiful blonde from a Bashful
[Bend.

She's hardly the type to cuddle near
She'd rather go out and rope a steer
They never did build a school that
[she'd attend

The beautiful blonde from Bashful
[Bend.

When she deals a poker hand you ought
[to see ther 'aces

'Specially when she deals herself appro-
[ximately five aces

I'm bettin' my boots she'll meet some
[cuss

Causin' her heart to raise a fuss
Then she'll fall in love and that'll be
[the end

Of the hard-tootin', free-bootin' six-
[shootin'

Beautiful blonde from Bashful Bend.

★

BETTER LUCK NEXT TIME

Fox de Irving Berlin. — Do filme "Des-
file de Pascoa", da M. G. M.

For every rose that withers and dies
Another blooms in its stead
A new love waits to open its eyes
After the old love is dead.

That sounds all right in a careless
[rhyme

But there's seldom a second time
Better luck next time, that could he-
[ver be

Because there ain't gonna be
No next time for me, no sir-ee
Made up my mind to make another
[start

I've made my mind up
But I can't make up my heart
I'd like a new lucky day, would be nice
But this comes just once in a lifetime
Not vice

That can never be
Because there ain't gonna be
Next time for me.

★

WHO KILLED 'ER

Fox de Hoagy Carmichael, J. Torre e
Fred Spielman. — Do filme "The Night
Song" da R. K. O.

Who killed 'er?
Who killed the black widder?
Who took a broom and a frying pan
Hit her on the head
And Took it on the lam?
Who killed 'er?
Who killed the black widder?
Who beat her up till she was dead,
And left poor me in a jam?
You see, I'm the District Attorney,
A very intelligent mouse.
How'd that villain escape me
When I was right here in the house?
Who killed 'er?
Who killed the black widder?
Who threw 'er out in the garbage can
And left without a clue
Well, I'm beginning to believe it was
[you!

Case dismissed, (It's self defense)
And I'm mighty glad she's dead!

OS DISCOS MAIS VENDIDOS DA SEMANA (Estrangeiros)

(Semana de 6 a 11/6/48)

| | | |
|--|------------------------|-------------|
| 1.º — I'm Looking Over A Four Leaf Clover | Russ Morgan | Decca |
| 2.º — La Vie En Rose | Ivon Cury | Continental |
| 3.º — Final | Gregorio Barrios | Odeon |
| 4.º — La Mer | Charles Trenet | Columbia |
| 5.º — Luna Lunera | Gregorio Barrios | Odeon |
| 6.º — Venganza | Gregorio Barrios | Odeon |
| 7.º — Una Mujer | Gregorio Barrios | Odeon |
| 8.º — Scrivime | Roberto Palva | Continental |
| 9.º — Corazon A Corazon | Gregorio Barrios | Odeon |
| 10.º — Pigalle | George Ulmer | Columbia |

E nós brasileiros, não devíamos esquecer isso, e nem o fato de que esse mesmo Dick Farney embora seus contratos não o permitissem, e nem coubesse em seu tipo de programa na N. B. C., a interpretação de música brasileira, conseguiu lançar em discos comerciais americanos os sambas Marina e Copacabana, discos esses que adquiri numa loja em New York e trouxe comigo quando voltei para o Brasil. E, diga-se de passagem: não há ambiente na América para a nossa música dolente, como os sambas-canção. Há, sim, uma grande "mania" pelos ritmos vivos latino-americanos, e daí o sucesso de um Tico-tico no fubá. Só falta que os brasileiros "verde-amarelos" queiram que Dick Farney passe a cantar samba de bréque, com um chapéu de palha na mão...

Concordo com o Sr., quando se mostra decepcionado com a estreia do programa "Parada de sucessos, o Hit Parade brasileiro" (esse o título correto do programa em questão). Eu mesma, fã ardorosa de Dick Farney, e favorável ao tipo de programa achei-o bem fraco, sem boa orientação, com muito falatório, desfile de modas, etc. E também lancei o meu protesto, mas numa crítica construtiva: pedi em minha carta ao Sr. Luis Serrano que se mantivesse mais nos moldes do Hit Parade americano, apresentando maior número de canções e menos, muito menos propaganda comercial. E os dois últimos programas satisfizeram-se plenamente: Dick Farney cantou três números brasileiros, três americanos, a propaganda foi reduzida, a orquestra muito melhor ensaiada, enfim, tenho esperan-

ças de que o nosso Parada de Sucessos ainda venha a ter a popularidade e a aceitação do Hit Parade de Tio Sam. Em suas "Notas" do último número de A CENA MUDA, no entanto, o Sr. ainda se mostra descontente: e quer, à força, excluir os números estrangeiros do programa (e nem se refere ao bolero cantado pela mocinha...) Então porque apreciamos um Ruy Rei, um Yvon Cury, um Nilo Sérgio, e muitos outros grandes interpretes de músicas latino-americanas, francesas e americanas? Só podemos mesmo admirá-los por terem talento suficiente para assimilar pronúncia, estilo e interpretação de outros povos, e fazê-lo com maestria. Quanto aos gritinhos das meninas do auditório, nada mais são que a expansão de criaturas jovens e entusiasmadas. Pelo menos demonstram interesse pelo cantor e suas músicas. Alguém já se lembrou de censurar as "bobby-soxers" americanas que pelo mesmo processo mostram sua predileção pelo Sinatra? Não, "seu" Corrêa da Silva, o senhor precisa arejar e ampliar seus horizontes no que se refere a rádio, e deixar que a evolução se processe sem encontrar outros impecilhos além dos imensos obstáculos que são: o desinteresse pelos bons exemplos, o comercialismo e a banalidade, que imperam nas nossas estações de rádio, sem falar nas deficiências técnicas.

E só mais um "conselhinho": um crítico não deve nunca tomar partido... Um pouco de sua má vontade para com Dick Farney ficou patenteada numa outra "nota" do último número: Lucio Alves um cantor personalíssimo? O Sr. já ouviu a gravação de "Aqueles palavras?" Talvez já o tenha feito, mas aposto que nem se apercebeu de que o cantor era Lúcio Alves, pois a interpretação está 100% Dick Farneana...

Meu prezado Corrêa da Silva, desculpe os "palpites". Mas não gosto de injustiças e sendo o Sr. um cavalheiro esclarecido (como julgo que seja) admitirá sem ressentimento, e talvez até com aproveitamento, as minhas "críticas ao crítico".

E se após ler a minha carta julgar-me mais uma sócia "muito bem ensaiadinha" de algum Dick Farney Fan Club", errou redondamente, e continua com "parti-pris"...

★

NOTAS & COMENTÁRIOS

Xavier Cugat declarou à imprensa desta capital que mantém, sob sua responsabilidade, nos Estados Unidos, mais de uma dezena de conjuntos orquestrais, muito embora só empreste a um único o prestígio do seu famoso nome. E' bom que os nossos chefes de orquestra também lhe imitem esse exemplo, para não acontecer um caso há tempos comentado nestas páginas de, no mesmo dia e no mesmo horário, encontrarmos a orquestra de Napoleão Tavares trabalhando, simultaneamente, em Ipanema, na Gávea e na Tijuca...

★ A nossa música popular possui uma boa porção de músicas juninas que, no passado, mereceram a franca aceitação popular e que, por isso mesmo, não deveriam ser alvo do desprezo das nossas fábricas de discos. Entre essas, podemos destacar "Matrimônio, matrimônio", de



HAROLDO EIRAS, aplaudido "crooner", que já atuou em várias emissoras cariocas, está atualmente na Rádio Globo, onde canta todas às sextas-feiras, às 18.30. Já gravou vários discos, inclusive uma competição sua e de Luiz Bonfá. Concluiu, há pouco, dois anos de sério estudo de canto com o professor Gambardella achando-se, na opinião de quantos o têm ouvido, na mais perfeita forma artística e com excelente repertório.

OS DISCOS MAIS VENDIDOS DA SEMANA (Nacionais)

(Semana de 6 a 11/6/48)

| | | |
|----------------------------------|--------------------------|-------------|
| 1.º — Jamais Te Esquecerei | Antonio Rago | Continental |
| 2.º — Ponto Final | Dick Farney | Continental |
| 3.º — Sanfoneiro Joaquim | Zé e Zilda | Continental |
| 4.º — Cabêlos Brancos | 4 Azes e 1 Coringa | Odeon |
| 5.º — Quanto Le Gusta | Dircinha Batista | Odeon |
| 6.º — Festa na Roça | Pedro Raymundo | Continental |
| 7.º — Fogueira | Ademilde Fonsêca | Continental |
| 8.º — Aquelas Palavras | Lúcia Alves | Continental |
| 9.º — São João | Jorge Goulart | Sar |
| 10 — Passarinho da Lagôa | Dircinha Batista | Odeon |

Lamartine Babo, "Antônio, Pedro e João", de Benedito Lacerda, e "Cal, cai, balão", de Assis Valente. As novas instalações da Odeon e da RCA-Victor paralisaram durante longos meses as atividades dos seus estúdios de gravação e, por isso mesmo, não pôde ser encerrado o estoque que os nossos compositores haviam preparado para este ano. Apenas uma fábrica — a Continental — lançou uma meia dúzia de melodias ensôssas, feitas a martelo. Aquela paralisação foi, pois, providencialíssima para a Odeon e Victor, evitando-lhes o desperdício de um bom capital em moxinifadas como essas que andam por aí. Mas, de outro lado, uma nova edição daquelas melodias já tradicionais em nossas festividades de junho não lhes haveria de dar prejuízo e temos a certeza de que a massa de discófilos correria a procurá-las em nossas lojas especializadas. Em última análise, renovaria as discotecas das nossas emissoras, de modo a proporcionar aos seus ouvintes audições menos chiadas...

★ E por falar nisso, parece que a Continental tirou patente para fabricar disco com chiado. Ou isso ou, então, trata-se de um novo instrumento sempre presente às gravações da marca do popular João de Barro. Tenho, em minha discoteca, a série infantil dos discos Continental, e sempre que o meu garoto as escuta pergunta-me inocentemente se as personagens vão morrer afogadas... Ele acha que o chiado é barulho da água do mar...

★ Você é cantor? Instrumentista? Onde trabalha? Mande-nos a sua fotografia acompanhada de uma pequena nota sobre a sua atividade artística e teremos o maior prazer em estampá-la nestas páginas.

★ A Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música contratou os serviços de um zelador do Cemitério do Caju para cuidar da conservação da sepultura de Noel Rosa, o nosso sempre pranteado filósofo do samba.



LORRY RAINE, uma das boas intérpretes da música popular norte-americana

Música Pan-Americana

AL FIN TRIUNFÓ TU AMOR

Bolero de Pepe Robles

Tu amor sincero y resignado
Ha cambiado mi vida
Yo ha vencido mi orgullo
Yo que siempre buscaba
Un nuevo amor.

Hoy no quiero otro amor
Si no es el tuyo
Al fin triunfaste tú
Por comprensible
Al fin triunfó tu amor
Por resignada.

Tú eres el encanto de mi vida
Tú eres el querer que habia soñado
Hoy yo sou feliz
Con tu cariño
Y no quiero vivir
Más que a tu lado.

★

QUÉDATE EN MIS BRAZOS

Bolero de Noel Estrada

Si ya nos queremos
Quédate en mis brazos
De ja que tu allento
Endulce mis labios
La noche se presta
Para acariciarnos
Este es el momento
De sentir amor.

La luna se mira
En tus ojos negros
La noche me invita
A robarte un beso
Quédate en mis brazos
No perdamos tiempo
Este es el momento
Para enamorarnos
Con el corazón.

★

S A N T A

Bolero canção de Agustin Lara

En la eterna noche de mi desconsueño
Tu has sido la estrella que allumbra mi
[cielo]
Y yo he adivinado tu rara, hermosura
y yo has iluminado toda mi negrura
Santa, Santa mia mujer que brilla en
[mi existencia]
Santa se mi guia en el triste calvario
[del vivir]
Aparta de mi senda todas las espinas
Calienta con tus besos mi deslusion
Santa, Santa mia allenta con tu luz mi
[corazón].

CINE Reporter

reata em "Pureza"; a grande atriz britânica Flora Robson em "César e Cleopatra"; e Betty Grable, em cenas teatrais de um de seus "musicais" coloridos, cujo título não nos recordamos. Agora, teremos uma Gene Tierney "colored", em "Pinky", da 20th, por sinal um papel interessantíssimo, ao que informam as notícias de Hollywood.

Merle Oberon foi a única atriz de Hollywood que aceitou interpretar o papel da protagonista de "I Married a Communist", que Robert Stevenson dirigirá para a RKO-Radio. O "comunista" é Robert Ryan. Paul Lukas aparece no terceiro papel. Este filme terá, na certa, carreira acidentada. Ryan

também foi o único ator que aceitou, o papel do comunista.

Poucas são as atrizes que aceitam papéis de personagem negro. Contam-se, pelos dedos da mão: a nossa grande Conchita de Mo-

Luiza, a filhinha de Judy Garland, faz sua estréia no cinema no filme de mamãe com Van Johnson, "Good Old Summertime", da Metro. Judy deseja que sua filha seja uma grande atriz cinematográfica. E por certo o será, com

a ajuda de uma mamãe tão famosa em Hollywood. Pelo visto, breve teremos nova atriz infantil na Metro...

Olga Villi, é uma encantadora lourinha italiana que interpreta a protagonista de "Yvonne", nova produção de Giuseppe Amato, cujo galã é o americano Frank Latimore. O filme é a história da carreira de uma famosa atriz de variedades do começo do século, amada em segredo pelo cômico Totó (não confundir com seu homônimo brasileiro), seu companheiro do palco. O próprio Amato dirige a película.

O Diabo está mais uma vez em cena, no cinema — um "devil" modernizado, da era da bomba atômica, como aquele de Lubitsch no filme de Gene Tierney e Don Ameche — em "Alias Nick Beal", da Paramount. O novo Satan é Ray Milland, que fez muito sucesso como "bad" em "Alma negra..." Nesse filme de John Farrow, ele compra a alma de Thomas Mitchell. Audrey Totter é "amiguinha" do Demônio...

Nova sensação em Hollywood: John Derek, que Bogart apresenta no primeiro filme seu para a sua Santana Productions — "Knock On Any Door" — com George Macready, Allene Roberts e Susan Perry.

Ann Sheridan depois de ter sido a heroína de Gary Cooper em "A felicidade bateu à porta", agora é a pequena de Cary Grant em "I Was a Male War Bride", filmado na Alemanha.

Robert Montgomery e Ingrid Bergman interpretaram no rádio "O sétimo véu". Poderiam ter interpretado a película de James Mason e Ann Todd. E seria difícil dizer qual a melhor das duplas...



A ATRIZ E O DIRETOR — Uma fotografia pouco comum em Hollywood. Nos estúdios da Universal, a atriz Geraldine Brooks aparece ao lado do diretor Michael Gordon, durante um intervalo de filmagem do filme "The Judge's wife", que será exibido no Brasil com o título "Piedade homicida"



BEATRICE CAMPBELL

O cinema inglês está apresentando uma boa turma de *estrêlas* novas. A que aparece acima é a linda Beatrice Campbell, que o público brasileiro vai conhecer em "Luta Incerta" (My brother Jonathan), película considerada como o maior *hit* de bilheteria durante o ano de 1948 na Inglaterra. (Foto Associated British Pathé — Europa Sul América Filmes).

CURIOSIDADES NO CINEMA BRITÂNICO

HETTIE GRIMSTEAD
Copyright B.N.S., especial
para A CENA MUDA

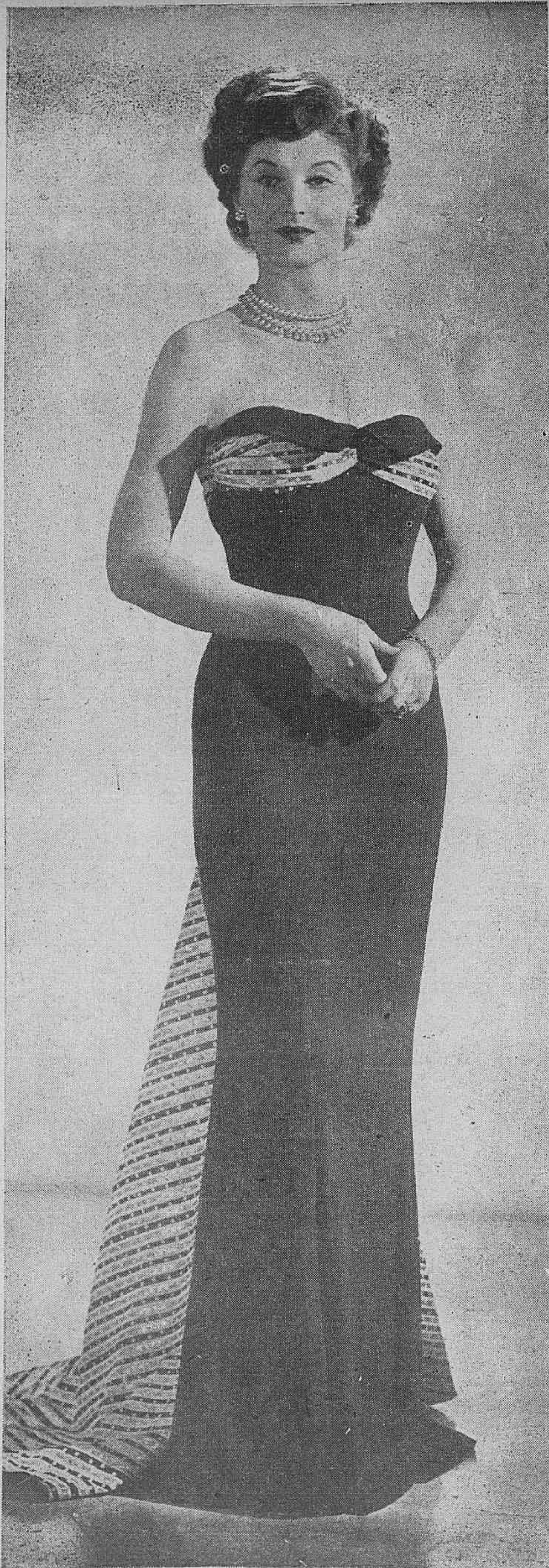
Londres — Os estúdios Pinewood receberam ultimamente um ilustre visitante na pessoa do duque de Edinburgo, que foi assistir à rodagem de alguma cena da película "Poet's Pub", baseada no livro de Eric Linklater. O duque passou várias horas entre os holofotes e pequenos "cottages" de papelão, estilo século 16, do "set" conversando com os membros do elenco, inclusive as três figuras femininas Rona Anderson, Iris Joey e Barbara Murray; estas, trajando vestidos típicos da época, não podiam sentar-se por causa das volumosas saias de brocado, tendo que se recostar em tábuas especialmente desenhadas, incidente este que divertiu bastante o duque.

Rona Anderson aparece também no mesmo filme trajando belíssimos modelos modernos, bem mais práticos. Uma vaporosa "toilette" de tule preto tem como adorno um ramo de rosas disfarçadas sob leve camada de tule. Tem ainda um "tailleur" original em "tweed" cor de rosa; o casaco tem apenas uma manga, sendo que do outro lado vemos uma larga estola do mesmo "tweed", forrada de seda estampada tipo "Paisley" combinado com a blusa. A estola é colocada sobre os ombros.

Pode-se ver atualmente nos estúdios Denham um dos maiores "sets" jamais construído para um filme; o "set" de fundo para a película "The Chiltern Hundreds", que representa um imponente castelo de pedra cercado por maravilhosos jardins antigos com fontes, e um grande gramado onde se vêem um relógio de sol e um casal de pavões. Os jardineiros do estúdio, após haverem realizado esta obra-prima, tiveram pouco depois que plantar ervas daninhas, enrolar trepadeiras nocivas nas árvores e desfigurar os gramados com montículos de grama, pois que em determinado trecho do filme o conde de Lister, dono do castelo, está em dificuldades financeiras, e já não pode manter o solar ancestral como antigamente.

Uma das cenas mais difíceis da filmagem foi a que apresentava um bando de galinhas recebendo a ração. Operários armados de paus compridos tocavam as aves em direção à "camera", porém assim que Lana Morris aparecia, atirando-lhes o milho, saíam em disparada pelo estúdio a fora. Não deixou de causar surpresa esta reação uma vez que se sabia que as galinhas estavam com fome... Chamou-se um fazendeiro das cercanias e este, olhando o avental cor de rosa de Lana, explicou que as aves eram alérgicas àquele tom! A "estrêla" foi, pois, mudar de avental; e ao vê-la, vestida de branco, atirar-lhes a ração, as gali-

(Cont. na pág. 30)



Ao lado: Encantador chapéu de feltro azul claro ostentado pela atriz Rona Anderson na película "Poet's Pub". Em cima: uma elegante inglesa que aparece no mesmo filme



OS ARTISTAS

NO CINEMA PORTUGUES

Sem dúvida, grande parte dos êxitos que o cinema português tem alcançado, quer perante o seu público quer perante as platéias estrangeiras, são devidos ao magnífico trabalho de muitos dos seus interpretes. Recrutando os seus atôres entre uma pequena população, os produtores e encenadores portugueses têm aproveitado artistas de teatro, da rádio e também os entusiastas que vindo das mais variadas profissões conseguem oportunidade de demonstrar qualidades como figurantes ou em pequenos papéis.

O estúdio tem sido a escola para todos. Alguns antigos atores viram melhorar a sua força de bilheteria no teatro com as criações do cinema. Outros foram levados pelos seus papéis cinematográficos até às interpretações teatrais.

Uns e outros estabeleceram no trabalho de estúdio uma camaradagem notável, em que todos se auxiliam e patenteiam aos colegas o resultado das suas experiências. Graças a isto, talvez o nível da interpretação tem subido constantemente no cinema nacional. Um ou outro deslize, algumas interpretações menos definidas, menos vigorosas, que, aliás se verificam por toda a parte, não desmentem a afirmação. Com efeito, de há uns anos para cá, é possível formar elencos em que, desde os protagonistas aos comparsas, todos os atôres oferecem garantias de rendimento que dão, neste capítulo, perfeita segurança ao produtor.

Enquadrando jovens com qualidades, revelações de rádio ou do teatro, com os atôres experimentados no trabalho de estúdio a renovação e enriquecimento de elencos continua a fazer-se. Raro é o filme que não apresenta, em pequenos papéis, uma ou outra cara nova. Se é certo que uns desaparecem, outros, capazes de atingir o elevado nível de profissionalismo do ator português de cinema — não deixam de ter novas oportunidades de abrir uma carreira que muitas vezes os levam aos estúdios estrangeiros. Assim aconteceu com António Vilar, Vergílio Teixeira, Milú, Leonor Maia, Isabel de Castro, Raul de Carvalho, João Vilar, Alfredo Ruas, Erico Braga, Carlos Otero, Maria Olguim, Augusto Fraga, Barreto Poeira, Oscar Acurcio, Carlos de Souza e outros que têm trabalhado em Itália, Inglaterra, Brasil e sobretudo em Espanha, conquistando gerais simpatias entre as equipas profissionais estrangeiras.

PRÊMIOS CINEMATOGRAFICOS

O Secretariado Nacional da Informação, que é o organismo animador da vida espiritual do País, e que havia já, logo no início da sua fundação, creado os seus prêmios literários e artísticos, tão bem acolhido pelos nossos escritores, os nossos pintores e os nossos escultores, quiz alargar ao cinema êsses reais incentivos, testemunha insofismável do interesse do Estado pela obra dos artistas portugueses.

E, foi assim que, em 1944, instituiu os seus Prêmios Cinematográficos, iniciativa aceite desde logo, nos nossos meios cinematográficos, com o maior entusiasmo e o mais decidido interesse

A atividade espiritual do Secretariado Nacional da Informação passava a estender-se ao cinema, essa poderosa realidade que não é possível, nem admissível, desconhecer.

A ação patriótica que o cinema português vinha já exercendo desde alguns anos, não havia passado despercebida ao S. N. I. Por isso resolveu concorrer para a elevação do nível artístico do cinema nacional.

E é assim que, anualmente, são atribuídos pelo Secretariado Nacional da Informação os seguintes prêmios, destinados a recompensar os filmes portugueses de maior mérito artístico

e técnico, e a galardoar os artistas e técnicos que mais se distinguem:

Grande Prêmio do Secretariado Nacional da Informação, destinado a recompensar o melhor filme português de grande metragem, do ano. E' constituído por uma taça de prata, a qual é oferecida ao produtor e dum prêmio de 20.000 escudos para o realizador do filme premiado.

Prêmio Paz dos Reis, em homenagem a Aurélio Paz dos Reis, um autêntico pioneiro do cinema, e que foi entre os nossos compatriotas o primeiro a realizar filmes em Portugal, em 1896. E' atribuído ao melhor filme de curta metragem e consiste numa medalha de bronze, destinada ao produtor, e num prêmio de 10.000 escudos, para o seu realizador.

Prêmio de Interpretação, a atribuir ao ator e à atriz portuguesas que mais se distinguem durante o ano pela sua atuação num filme. Consiste em duas máscaras de bronze.

Prêmio de Adaptação Cinematográfica, para o melhor "cenário", e compõe-se duma medalha de bronze e do prêmio de 5.000 Escudos.

Prêmio de melhor fotografia — E' igualmente

formado por uma medalha de bronze e 5.000 escudos.

Tanto a Taça como as Máscaras e as Medalhas, são de autoria do escultor Álvaro de Brée, um dos melhores e mais seguros valores portugueses da sua geração.

O Jury, que é presidido pelo Secretário Nacional da Informação, é constituído por representantes dos Sindicatos Nacionais dos Profissionais do Cinema, dos Artistas de Teatro, dos Músicos e da Crítica e por duas personalidades particularmente competentes em matéria de cinema.

UM NOVO FILME PORTUGUES — "A VOLTA DE JOSÉ DO TELHADO"

Todos os países têm nas suas memórias, quase sempre com enriquecimento lendários da mais variada ordem, um bandoleiro romântico.

Mesmo agora, Juliano aparece no noticiário internacional com as suas aventuras sicilianas. Pois no sec. XIX viveu em Portugal — José

(Cont. na pág. 24)



DEPOIS de algumas horas de trabalho tafa
na bica é bem reconfortante... Depois, ta
que enfrentar um pá... du

VAN JOHNSON

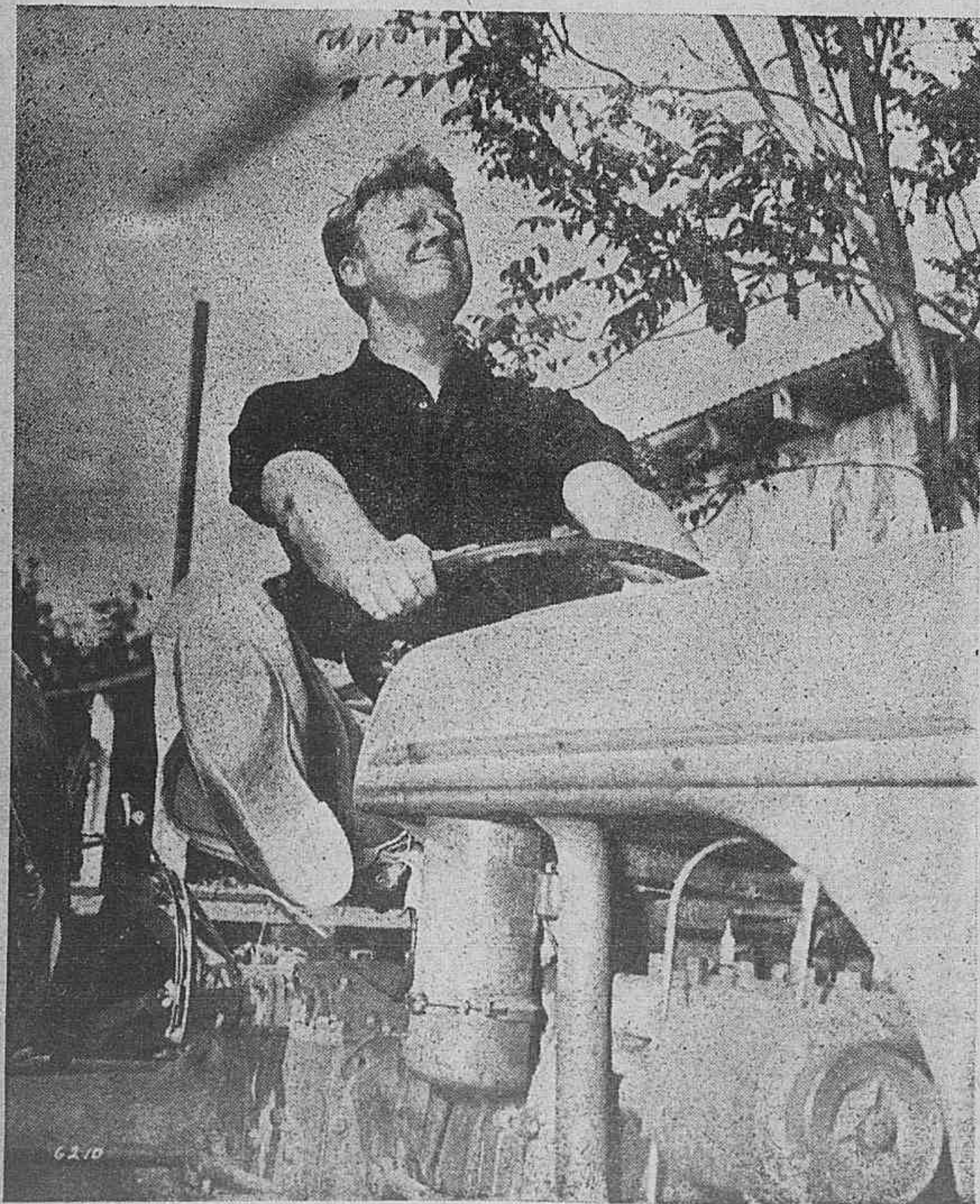
Quem não conhece o famoso sardento da Metro Goldwyn Mayer? Van Johnson, o homem que tem mais sardas no corpo do que cabelos na cabeça. Mas com sardas ou sem sarda, Van pode ser considerado como um dos atores mais populares do cinema.

O sardento nasceu em um dia 25 de agosto em Newport, Rhode Island, e fez seus estudos em escolas daquela cidade. Tem seis pés de altura, cabelos vermelhos e olhos azuis. É casado com Eve Abbot e tem uma filhinha, que nasceu no dia 6 de janeiro de 1948. Começou ganhando a vida como estenógrafo, depois fez serviços de contabilidade, tornou-se bailarino de variedades, e finalmente, ator de cinema.

No teatro, tomou parte em "New Faces", "Eight men of Manhattan", "Too many girls" e "Pal Joey".

Entre seus filmes figuram "Dois no céu",

NA DIREÇÃO do trator, V
tura no seu bem cuidado
oferecidas p



O TRABALHO (PESADO...) DIGNIFICA (E CANSA...) O HOMEM — A

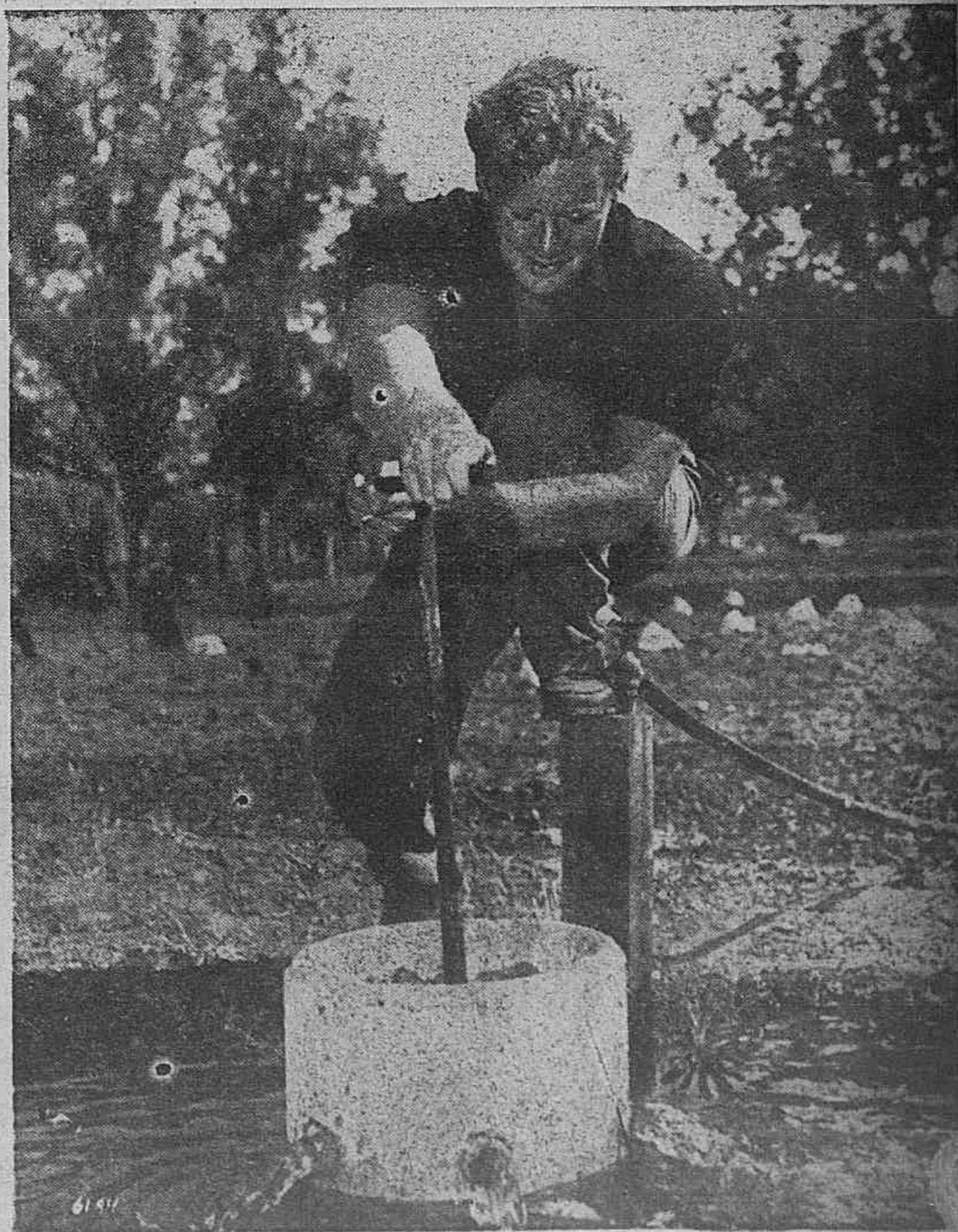
tafante, um bom gole d'água
ta ao labor. O agricultor tem
duríssimo

N, O SARDENTO

va "A comédia humana", "Madame Curie",
"Duas garotas e um marujo", "Trinta se-
gundos sobre Tokio", "Três homens de bran-
co", "Evocação", "Entre duas mulheres",
"Paixão em jôgo", "Aqui começa a vida",
"Sem licença nem amor", "Quando as nu-
vens passem", "Reconciliação", "Anjo sem
asas", "Quem manda é o amor", "Sua es-
pôsa e o mundo", e "Trágica decisão", filme
dirigido por Sam Wood.

Van Johnson é dos atores de Hollywood
que maior número de correspondência re-
cebe. Sua "fã mail" é impressionante e au-
menta de dia para dia. Sua maior ambição
é um dia chegar a dirigir um filme. Nem
que seja um simples complemento de pro-
grama. Gosta imenso de teatro e sua biblio-
teca, nesse particular, é grande. Entretanto,
como ator, prefere trabalhar no cinema.
Bom pai de família, Van Johnson adora
trabalhar em seu sítio.

or, Van Johnson dedica-se ao trabalho de agricul-
tado rancho. Assim passa Van as horas de folga
dds pelos seus afazeres no estúdio



A agricultura precisa de braços fortes e disposição para enfrentar o "batente"



NIVEN --- WRIGHT

Uma dupla romântica

O público brasileiro vai ter ocasião de ver mais uma dupla romântica lançada por Samuel Goldwyn. Os dois ótimos artistas aparecerão juntos na produção "Enchantment", a mais recente versão de uma famosa história já aproveitada por Hollywood — aparecida no Brasil, já em duas versões, com o título "O amor que não morreu". (Foto da RKO — Samuel Goldwyn).



GRANGER
- KEYES
--- A OUTRA DUPLA ---

MAS, não foi somente a Tereza Wright e David Niven que Samuel Goldwyn reuniu em "Enchantment". O famoso produtor fez outra dupla romântica parao seu filme, dupla esta formada por Farley Granger e Evelyn Keyes. Trata-se, não há dúvida, de dois artistas de grande nomeada em Hollywood. Goldwyn sabe escolher atores... (Foto da RKO — Samuel Goldwyn).



DICK HAYMES

FAMOSO cantor de músicas populares, Dick Haymes conseguiu aparecer com destaque no cinema de Hollywood. Criador de grandes sucessos musicais, Haymes tem gravado muito e toma parte em programas de rádio de indiscutíveis sucessos.

(Fotos Universal-International)

"PEQUENO MUNDO ANTIGO"

(PICCOLO MONDO ANTICO)

(Cont. do número anterior)

ROMANCE DE ANTONIO FOGAZARO — TRADUÇÃO DE JOSÉ GERALDO VIEIRA

(PUBLICADO POR ESPECIAL CONCESSÃO DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, DE S. PAULO)

Continuamos, aqui, a publicação de um dos mais extraordinários e populares folhetins da literatura italiana. A história serviu de entreecho a um filme, que será apresentado no Brasil pela Europa Sul-América Filmes. São os seguintes os seus intérpretes e realizador:

★

INTERPRETES:

ALIDA VALLI — MASSIMO SERATO — ADA DONDINI — MARILU PASCOLI — ANNIBALE BETRONE — ENZO BILIOTTI — RENATO CIALENTE

Direção de MARIO SOLDATI
Apresentação da EUROPA SUL-AMERICA FILMES LTDA.

— Por estas estradas acima se perde mesmo o fôlego, meu rico scior! — disse a velha.

Não encontraram mais ninguém até à Sostra.

A Sostra é uma cocheira na metade do caminho da montanha, mais ou menos, com um palheiro, um pórtico e uma cisterna; e um tanto recuada do caminho. E esse é o caminho — chamam-no estrada — mais excomungado que possa existir em Valsolda; faria pôr a língua de fora a um bode. Pedraglio e o advogado, pondo a alma pela boca, cheios de suor, entram um momento na Sostra. Ali também, silêncio e solidão. Naquela altitude já se respirava um ar diferente. E como todos os cimos em redor estavam baixos! E como o lago, lá em baixo naquelas profundezas, parecia ter virado um rio! O advogado erguia os olhos amistosamente para a primeira crista do Boglia onde começava o grande bosque de faias; mais uma meia-hora, serra acima.

— Vamos — disse ele. — Mas Pedraglio que sentia ainda nas pernas a lembrança daquele outro grande percurso de Loveno a Oria através do Passo Stretto, pediu calma ainda um pouco e se pôs tranquilamente folhear o calhamaço do Puttini, um poema fradresco, inédito, dum cremonense anônimo do século XVII. — Vamos! — repetiu seu companheiro daí a uns minutos; erguia-se quando ouviu passos de gente. Teve apenas tempo de dizer "Atento!" e de voltar as costas para que não lhe vissem o rosto. Pedraglio, embora enfiando o nariz no cartapácio, viu despontar na estrada primeiro dois guardas alfandegários e logo a seguir dois policiais. Avisou o amigo, entre dentes, não pestanejou. Os dois guardas pararam. Um deles cumprimentou: — Respeitável senhor Puttini! — e disse aos policiais: — Este aqui é o nosso primeiro deputado político de Albogásio. — Os policiais cumprimentaram também, Pedraglio levantou a cartola enquanto ao mesmo tempo soerguia um pouco o calhamaço. Os guardas queriam parar um bocadinho, mas um dos policiais os intimou a prosseguir e quando viu já a caminho os tais, tocou pessoalmente ali para a Sostra. Era de Ampezzo e falava italiano muito bem. Então Pedraglio pensou lá consigo, garantido por uma noção reforçada da sua dupla personalidade: "Tu,

cão, não me conheces, espero. Vais ver, só!".

— Senhor deputado político — disse o soldado — não teria o senhor visto esta manhã o senhor Maironi, de Oria?

— Eu? Absolutamente. O senhor Maironi deve estar dormindo a estas horas.

— E o senhor onde vai?

— Vou ali àquele monte, ao alto do estuporado Boglia. Vou até lá por causa da questão do touro comunal.

— "Idiota" — pensou o advogado. — "Comunal coisa nenhuma". Mas passou felizmente essa coisa de touro comunal. O soldado, um focinho de mastim, esquadrinhou bem a cara do seu interlocutor. — O senhor é deputado político — disse ele insolentemente — e usa essa joça na cara? — Pedraglio pegou instintivamente o seu pequeno e ralo cavanhaque preto, que era a barba réproba dos liberais.

— Cortá-la-emos, cortá-la-emos! — disse ele com uma seriedade cômica. — Nem mais nem menos. E você, também vai até lá acima, ao Boglia? — O policial foi-se embora dali muito hirto, sem responder, sem escutar a que ignominioso patíbulo o deputado político o mandava.

Alegrou-se ambos por haverem escapado, mas reconheceram que o jôgo tinha sido muito sério. Agora corriam o risco de dar de cara com guardas que conhecessem bem o Puttini. Portanto, urgia não se exporem. E se aquele mastim do polícia falasse da barba aos outros. — Vamos, vamos — fez o advogado — afastemo-nos deles e caso os vejamos ou ouçamos voltar, haja correr e dobrar para a esquerda, rumo à fronteira! — Conjuntura desesperada, esta última, porque não conheciam o terreno que decerto era bem familiar aos guardas.

O mastim deve ter suado e ofegado muito para alcançar os companheiros, sendo pois provável que lhe tenha passado a vontade de perguntar se o senhor delegado político usava cavanhaque. Pedraglio e o advogado, subindo devagar, viram o inimigo ganhar a crista do monte, acolá na faia da Madonnina, aí parar um pouco e desaparecer.

A grande faia antiga que tinha no tronco uma imagem da Madonna e que cedeu, morrendo, esta honra a uma ermida, era como a

sentinela do grande bosque do Boglia, o soldado destacado numa apófise da crista a espiar o precipício, o lago, as colinas de Valsolda. O venerável exército de faias colossais estava todo acampado em uma outra plataforma silenciosa entre a rampa da Colmaregia, os amenos Dorsi della Nave, as raízes rochosas dos Denti de Vecchia ou Canne d'Organo, e a outra sela do Pian Biscagno entre a Colmaregia e o Sasso Grande, bordejando a profundidade do Val Colla, desde Lugano até Cadro. Uma faixa descoberta, de chão só com ervas, corria entre a faia da Madonnina e o bosque, na orla da crista. Os dois fugitivos pensaram no seu caso. Que decisão tomar? Procurar o tal atalho à esquerda da faia, de que havia falado lá em baixo o guarda camarada, ou entrar no bosque? Não, entrar no bosque não convinha, por causa daquele gajo que lá entrara antes. No bosque encontrariam um palmo de folhas secas. Era impossível transpô-lo sem que lhes caíssem em cima todos os sabujos que por lá rondavam; e, vistos de perto, as roupas os atraíam. Seguir pelo atalho? Mas como, se havia mais de um começando em baixo da faia? Qual seria o bom, o certo? Pedraglio descompôs Franco por não ter vindo com eles. Já o advogado, porém, estudava a Colmaregia, por onde se poderia subir sem entrar no bosque. Tinha estado por duas vezes no alto da Colmaregia, aquele soberbo e fino vértice do Boglia, forrado de relva, que a linha divisória de fronteiras cortava bem ao meio; sabia que de lá era possível descer à aldeia suíça de Brè; e resolveu tentar tal caminho. Sobre a crista que sobe da faia da Madonnina para a Colmaregia não se via ninguém. E a ponta estava envolta em nuvens.

Poucos passos além da faia os dois foram colhidos por uma onda de névoa que vindo de cima por um dos flancos se revirava rapidamente para o flanco seguinte; uma névoa fria e densa "mandada por Deus", disse V. Não se enxergava nada a cinco passos. De tal modo que sucedeu, perto da faia, Pedraglio quase esbarrar num guarda aduaneiro.

Era um dos quatro e vinha com ordem de vigiar a faixa descoberta entre a crista do monte o bosque. Assim que deu com o homenzinho da cartola, perguntou: — Vai ao Boglia, senhor...? — O advogado desembarçou-se logo do cêsto. De fato o guarda nem completou a frase, ficou um momento com a boca aberta, depois exclamou: — Como? — O advogado não esperou por mais nada. — Assim! — respondeu placidamente; e recolhendo ao peito os dois punhos lhe vibrou no estômago um sôco terrível arremessando-o na relva de pernas para o ar. Pedraglio saltou logo em cima do homenzinho, arrancou-lhe a carabina. — Se gritas, cão, te queimo! — Gritar, como? Com um sôco de V. na boca do estômago ninguém podia, durante um quarto de hora, nem ao menos acertar o fôlego. O homenzinho até parecia estar morto e custou como quê para que começasse a gemer baixinho "ai, ai!". — Não foi nada, não foi nada! — dizia-lhe V. com a habitual fleugma sarcástica. — São sacudidelas e vibrações que fazem bem ao corpo.



SENLIN MORGINE ESTERILISANTE

Agua absolutamente Estéril

pela Ação da Prata Incorporada Moringues fabricadas pelo processo esterilizante

SENLIN

ESTERILISANTE



CABELOS BRANCO só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

BELEZA e VIGOR dos CABELOS

USA E NÃO MUDA quem os não quer



HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Vais ver. E agora trata de te levantar muito direitinho e vem conosco para Colmaregia. Verás como daqui a instantes estarás esplêndido. Não empreguei isto à toa. — E mostrou-lhe a chave. — Oh, que sôco! — gemia o guarda. — Oh, que sôco horrível! — A subida é um pouco puxada — recomeçou o advogado pegando a carabina das mãos de Pedraglio, e tratando o guarda já agora em terceira pessoa: — Mas nós o faremos ir subindo, mantendo, com licença, esta joça atrás de vosmecê. Desta maneira se sobe que é um prazer. Depois então descerá conosco para Brè. A carabina levo-a eu. Em compensação vosmecê carrega este pequeno cêsto. E modos, hein? Vamos, marche!

O desgraçado não conseguia ficar de pé, e não era possível largá-lo ali também pois havia o risco de ele gritar por socorro. — Deixa de brincadeira, que tu o arrasaste! — observou Pedraglio. V. respondeu que apenas

(Continua na pág. 25)



O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS.
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com
Hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.

VITRO
E
SARDOPE



A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-lo nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Os artistas do cinema português

(Cont. da pág. 17)

do Telhado, um desses aventureiros que conquistam pela sua generosidade e pela sua valentia a admiração das multidões. Soldado cumpridor bateu-se nas fileiras do Exército português e foi condecorado. Bom chefe da família nunca, diante de todos os perigos, abandonou os seus. Revoltado um dia por injustiça dum importante funcionário administrativo local, reuniu uma quadrilha de antigos companheiros e em, assaltos audaciosos em que sempre agia com a preocupação de não roubar vidas, de evitar desmandes praticados pelos seus sequazes, procurava roubar os endinheirados burgueses para distribuir os mais generosos presentes pela gente das aldeias onde vivia escondido. Preso e deportado para uma distante colônia portuguesa, ali se arrependeu e trabalhou com notável atividade como cultivador. É a figura desta aventureira personagem que novamente serve de base a um filme português, onde como se calcula não faltarão as correrias, os combates, as perseguições e os assaltos. Justamente nas filmagens d'um desses combates bandoleiros e soldados Vergílio Teixeira, um dos mais populares atô-

res portugueses que interpreta o protagonista em "A Volta de José do Telhado" foi gravemente ferido num olho pelos estilhaços dum explosão quando se filmava a cena. Durante dias as filmagens de exteriores que decorriam com grande regularidade tiveram de ser interrompidas pela falta deste ator que, embora livre de perigo, terá uma convalescença demorada.

Tomaz de Macedo, Leonor Maia (Tatão), Milu, Isa Olguim, Maria Olguim, Patrício Alves, Juvenal de Araújo e José Pereira interpretam os principais papéis deste filme, cuja música é do maestro — compositor Jaime Mendes um dos mais ativos autores musicais do cinema nacional.

Armando Miranda, o produtor, assina a realização de parceria com Manuel Guimarães um pintor que se dedicou à encenação cinematográfica. Os "décors" são da autoria de Manuel Lima que ultimamente, com inteira competência, tem desempenhado as mesmas funções em diversos filmes.

UM SISTEMA PORTUGUÊS DE REGISTRO DE SOM

Em dezembro de 1940 a Repartição Portuguesa de Registro de Patentes e Invenções — registrava, com o n.º 20.367 e a favor de Augusto Simões Lopes um novo tipo de galvanómetro electro-mecânico para gravação de som em densidade variável.

Esse novo tipo de galvanómetro alma do sistema de registo do som "Lusofone" era o resultado de largos anos de trabalho e experiências do seu criador, orientados no sentido de resolver os problemas da fonética portuguesa no registo sonoro sobre filme.

Augusto Simões Lopes, que nasceu na Amadora, nos arredores de Lisboa, em 15 de janeiro de 1913, trabalha desde 1930 em diversas atividades da eletroténia, tendo atuando como operador de rádio, operador de som cinematográfico e dirigido laboratórios de som. Em 1939 estudou em França a atividade das fábricas de material cinematográfico. Em 1940, tendo desenhado e registrado o seu sistema de gravação de som iniciou a construção da aparelhagem experimental que foi apresentada em 1941. Experimentada e melhorada em pormenor em dezenas de filmes curtos, a "Lusofone" foi apresentada no seu primeiro modelo comercial em 1945. Logo no seu primeiro trabalho de responsabilidade, no som do filme de grande metragem "A Morgadinha dos Canaviais" se revelou de extrema sensibilidade e alta fidelidade em todas as frequências.

A aparelhagem no seu conjunto compõe-se de duas malas e um gravador. Pode ser alimentada por baterias ou corrente alterna. O gravador está preparado para poder ser utilizado para "play-back" pois o conjunto formou um amplificador com potência de saída de 20 wats. Esse mesmo amplificador dá-nos um controle permanente da gravação que utiliza uma célula que recebe a luz modulada por ação prismática d'um cristal a fim do operador de som poder controlar exatamente a gravação que está fazendo, e dando ao mesmo tempo o controle da luz do galvanómetro. Ainda no gravador há um quadro de comando onde se controlam os níveis nas várias origens de som, quer directa quer indirectamente através das células.

Nas duas malas há um conjunto de quatro "prévios" para microfône com controle independente e igualização para correções acusti-

cas; um amplificador-monitor que controla o som e serve ao mesmo tempo de amplificador para inter-comunicações entre a cena e o local de registro; um amplificador final, que ficando junto do gravador serve para controle do nível final de gravação, funcionando, simultaneamente, como compressor automático de nível; um amplificador especial para redução de ruído de fundo e um outro que permite falar para a cena através da linha de som. Em cada uma das malas há um alimentador independente.

Pelas suas características muito racionais e perfeita adaptação a todas as circunstâncias do trabalho de estúdio e exteriores o êxito de "Lusofone" foi grande, estando em fabrico alguns modelos encomendados. Apesar do seu impecável acabamento a "Lusofone" está a ser vendida em tais condições de preço que fornece aos estúdios portugueses uma aparelhagem de soberbas qualidades mais barata do que a de qualquer marca estrangeira.

A belezera ao seu alcance

LEITE
Belvitán

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRÁVOS, PAVOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CULHA SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros
Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à
Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Pequeno mundo antigo

(Continuação da pág. 23)

desferira um sóco de mulher, restituiu a carabina ao amigo e agarrando o guarda pela gola do uniforme o pôs de pé, o fez abraçar o cêsto. — Vamos, lesma! Seu poltrão, vamos!

E haja subir, subir, por entre a névoa densa e fria. A rampa não é brincadeira não; leva-se um tempão e fica-se esbaforido a firmar os pés por entre os tufo de erva mole, escorrega-se, há que usar pés e mãos; mas não importa, haja subir, subir, que a liberdade vale bem isso. E ei-los que sobem mesmo, metidos na neblina, invisíveis que nem espíritos. Primeiro a suposta Mariana, depois o guarda que geme e arqueja ao péso do cêsto, depois o suposto sior Zacomo que lhe promete uma bonita paisagem lá de cima e o cutuca com a carabina. Sim, isso de carabina é coisa que faz milagres. Em meia hora os três atingem a crista que dá para Brè; poucos passos dali dista o pico. Sentam-se então na relva e haja rolar, rolar que é uma gostosura pelo precipício abaixo. Vem-se dilacerando a névoa, que nem chuva, eis lá em baixo, no fundo, a corruivacenta dos bosques e das silvas. Primeiro chega a venerável cartola do sior Zacomo, arremessada por ali abaixo pelo Pedraglio, com um "viva a Itália!", enquanto rola de braço dado com o guarda.

Em Brè, Pedraglio fêz surgir tôda a população, dando tiros para o ar com a carabina, distribuindo anesone triduo aos homens e niqueis às raparigas. Em seguida perguntou ao padre cura se podia dependurar na igreja a sobre-casaca, em agradecimento à graça recebida, amesendou-se na estalagem a comer com o guarda, fêz com que o padre obrigasse o homenzinho a lhe perdoar os sócos no estômago, lendo ao ex-inimigo duas estrofes do poema fradresco:

E nesta altura o Padre Lanternão Disse: — Mudei de novo de opinião.

Demonstrou-lhe que se um Padre Lanternão tinha podido mudar, também ele, guarda, podia fazer outro tanto; e o persuadiu a desertar, o fêz arrancar fora o uniforme e envergar a sobre-casaca; tudo isso por entre risadas e aplausos. O único que não riu foi o advogado, que estava apreensivo; tanto que não tardou em dizer: — E o nosso pobre Maironi?

Franco não atravessou Castello. Uma vez chegado à ermida de Rovajà, deu um pulo para a azinhaga que vai ter à fonte de Caslano, alcançou a estradinha de Casarico, pôs-se a subí-la e, na última curva que esta faz abaixo de Castello, no trecho onde aparece a igreja de Puria sob um anfiteatro de barrancos, se meteu à direita vale abaixo, por um caminho de cabras, subiu o trecho que leva à igreja de Loggio e assim chegou à Vila Maironi sem haver encontrado ninguém.

Carlos, o velho servidor que lhe abriu a porta, quase calu de tanta emoção, e lhe beijou as mãos. O médico estava nos aposentos da marquesa. Franco achou melhor esperar que este saísse e enquanto

isso contou ao velho zelador amigo que os guardas e praças estavam no seu encaço. O doutor Aliprandi saiu logo dos cômodos da marquesa e Franco, sabendo que ele era um patriota, confiou-lhe também o seu apuro já que tivera que vir ver a avó, saber do seu estado. Aliprandi tinha sido chamado de noite e chegara depois da partida do capelão para Oria. Tratava-se duma agitação nervosa, dum medo terrível de morrer; mas, quanto a doença, nenhuma. Agora a marquesa estava sossegada.

Franco fêz-se anunciar e foi introduzido pela camareira que o olhou com obsequiosa curiosidade e se retirou do quarto. As venezianas cerradas no quarto onde a marquesa jazia de cama, apenas deixavam entrar duas lâminas enviesadas de luz cinzenta a certa distância do rosto, ali no travesseiro. Franco, entrando, não viu, só escutando a conhecidíssima voz sonolenta:

— És tu, Franco?

— Sim; como vais, avó? — disse ele e se inclinou para lhe dar um beijo. A máscara de cera não se alterara; o olhar, porém, tinha qualquer coisa de vago e de so-turmo que parecia ao mesmo tempo preocupação e medo. — Estou a morrer, sabes, Franco! — Ele protestou que não, repetiu as palavras do médico. A avó escutava-o fixando-o avidamente, procurando ler-lhe nos olhos se o médico dissera mesmo isso. Depois respondeu:

— Não faz mal. Estou pronta.

Mas a expressão do olhar e da voz deu a entender a Franco, perfeitamente, que a avó estava pronta a viver mais vinte anos. — Sinto muito a tua desgraça — disse ela; e acrescentou — e te perdôo tudo.

Não eram palavras de perdão que Franco se dispusera a ouvir. Cuidara vir trazer-lhe perdão, isso sim, e não recebê-lo. Mas é que, reconfortada, esclarecida sobre o seu estado, a marquesa de momentos antes dava lugar à marquesa de sempre. Queria deveras granjear a paz; tal qual um sórdido avarento, tentado por qualquer acesso de cupidez, que deixa dolorosamente que se lhe desbrague da mão fechada o preço que lhe pedem, mas que fecha quanto pode ainda essa mão. Numa outra conjuntura Franco teria ficado enfurecido, desdenhado violentamente aquele perdão; mas agora, com a doce Maria no coração, não podia agir assim. Notou, além do mais, que a avó, com o seu pretenso perdão, somente se referira a ele. Isso, não. Isso não, não podia permitir.

— Minha mulher, o tio de minha mulher, e eu, sofremos muito — disse ele — antes, bem antes desta última vicissitude; e agora então perdemos de vez tôda a nossa consolação. O tio Ribera, êsse ainda o ponho fora de casa; diante dele temos nós, tu, eu, todos, que nos inclinarmos. Mas se é que minha mulher e eu temos culpas perante ti, também tens perante nós; portanto, perdoemo-nos reciprocamente.

Teve que engolir êsse trago amargo; engoliu-o e ficou quieta. Embora já não tivesse mais a morte à sua cabeceira, tinha ainda, porém, no coração o pavor da Aparição e de certas palavras do

capelão quando, essa madrugada, a confessara.

— Vou fazer meu testamento — disse ela — e quero que saibas desde já que todos os bens da casa Maironi serão teus.

Ah, marquesa, marquesa! Miserera e gélida criatura! Acreditava ela ser possível comprar a paz com isto? A tal respeito, na verdade, também se equivocara o capelão, pois a aconselhara a fazer uma tal declaração ao neto; o capelão era um homem direito, mas sem uma tal ou qual sensibilidade, incapaz de compreender a grande alma de Franco. E a êste foi intolerável a idéia de que a avó viesse a crer que ele tinha vindo por interesse. — Não, não! — exclamou, vibrando todo e receoso de não poder se dominar. — Não, não! Não me deixes nada! Basta que mandes que me paguem os meus jurros em Oria. A tua fortuna, avó, deixa-a para o Hospital Maior. A meu ver os nossos maiores fizeram mal em retê-la.

A avó não teve tempo de responder porque bateram na porta. Entrou o capelão e fêz com que Franco se despedisse a fim de não cansar a doente. Mas, uma vez fora, na sala, explicou-lhe: — Não há tempo a perder. Aqui nesta casa já fizeste mais do que devias. Já é domínio de muita gente que estás aqui e os policiais podem surgir duma hora para outra. Combinei tudo com o Aliprandi. Êste faz constar que há necessidade duma conferência médica por causa do estado da marquesa, tomará a barca da casa e irá a Lugano buscar outro médico. Um dos barqueiros será Carlos e o outro tu. Está chovendo. Aqui estão os capotes encerados. Enfia-o, puxa o capuz bem para a frente; fica na parte da pôpa. Ah! Vamos cortar êsse cavanhaque. Já! Com o capuz na cabeça, desafio que te reconheçam. Estás garantido. Talvez nem vos façam parar na Recebedoria. Seja como for, não te reconhecerão. Se houver necessidade de responder, falar, que responde ou fale apenas o Carlino.

A idéia era ótima. A gôndola da marquesa era sempre tida em muita consideração pelos agentes da Áustria, como se levasse um ovo de água com duas cabeças; e o mesmo quando voltava de Lugano não a faziam aproar para a Recebedoria senão proforma.

A gôndola saiu do cais particular da casa depois das oito. As névoas dos altos cumes tinham baixado sobre o lago, e estava chovendo. Que dia tristíssimo! Que viagem mais que triste! Nem Franco, nem o criado, nem Aliprandi diziam uma só palavra. Passaram San Mamette e Casarico. Eis, entre os vapores, para lá das oliveiras de Mainè, os muros brancos da Morada de Sombrinha. Os olhos de Franco se encheram de lágrimas. "Não, querida", pensou ele, "não, amor, não, vida, tu não estás aí dentro! E bendito seja o Senhor que me diz que eu não creia nessa coisa terrível; que possas estar aí na terra com os vermes!".

(Continua na pág. 30)

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte



Modelo BALLET-ZEFERINA. A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borra-cha leve maleabilíssima. Vaque-eta marron e hava-
na. De ns. 33 a 38. Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR. Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro-ço, five-la ni-quela-da. Elegante Anabela de borra-cha. De ns. 38 a 44. Preço: Cr\$ 145,00



Modelo ANABELA. Garantia absoluta. Va-quilhona, hava-na e marron, solado de borra-cha. De ns. 36 a 44.



Modelo NORMANDO. Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha. Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO. Ótimo para homens elegantes. Inteiro-ço de sola de borra-cha, fi-vela ni-quela-da. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00



Modelo SIDNEY. Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro-ço e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia

Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte

SWING - FAN

por SYLVIO TULIO
CARDOSO

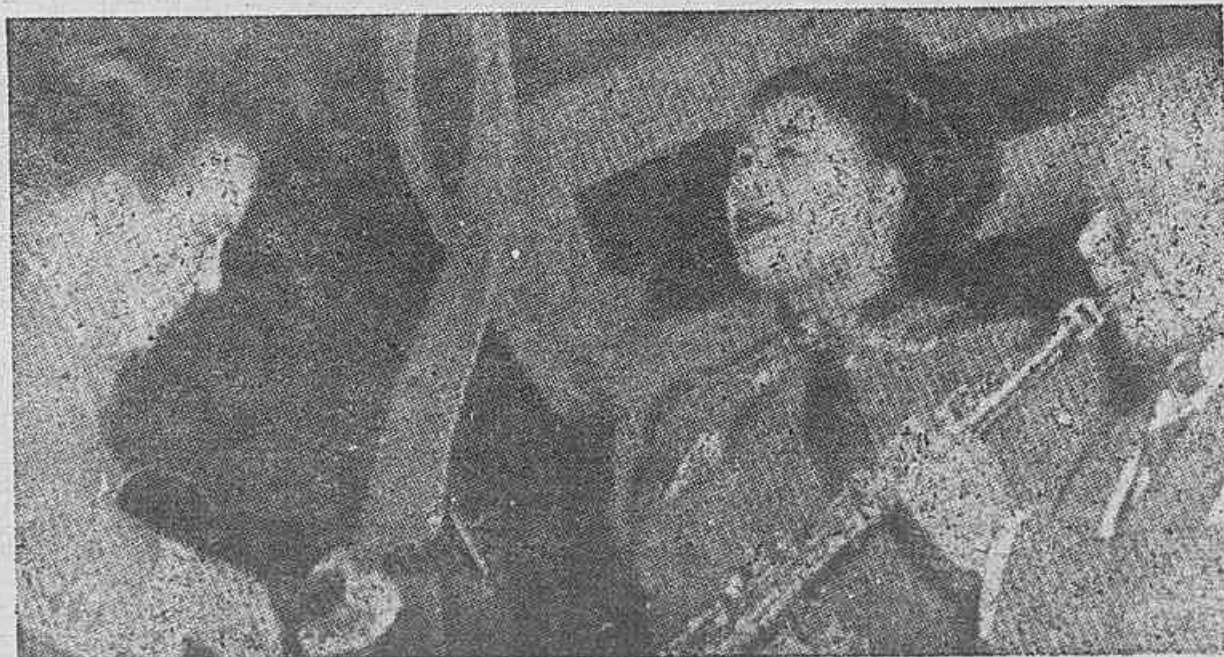
DAQUI E DALI

Desaparece mais um pioneiro do jazz. Desta vez foi Henry "Kid" Rena, trumpetista da era paleolítica falecido em New Orleans a 25 de abril último. Enfermo há bastante tempo, Rena estava afastado desde 1940, quando gravou pela última vez para Circle em companhia de outras legendárias figuras do jazz como Big Eye Nelson, Louie Nelson, Alphonse Picou, Albert Glenny e Willie Santiago. ★ Um cochilo do "Time". Comentando o Festival de Jazz em Paris, o famoso semanário de Henry Luce cita a grande ovação recebida pelo "saxofonista-tenor Charlie Parker". Tenor? Desde quando "Bird" abandonou seu inseparável alto? ★ Nova redução nos preços dos discos RCA Victor, Columbia e Capitol, nos Estados Unidos. A coisa não anda boa... ★ Baby Dodds seriamente doente. Tendo sofrido um ataque de apoplexia, o velho baterista está totalmente paralisado do lado direito. ★ Faliu comercialmente a orquestra do pistonista Sonny Dunham. ★ Contratada para excursionar pela França, Suíça e Bélgica nos próximos meses a banda de Illinois Jacquet. ★ Depois de publicado o seu "Inside Bebop", Leonard Feather se prepara para lançar seu novo livro, "Inside Jazz", baseado na vida e na carreira de Louis Armstrong. ★ Reeditados pela HMV australiana dois lados históricos de Jelly Roll Morton: "Dead Man Blues" e "Side Walk Blues", ambos encerrados em 1926. ★ Prepara os novos arranjos que a banda de Benny Goodman tocará para os europeus durante o verão o brilhante scribe Eddie Sauter. ★ Em cumprimento ao seu contrato com a etiqueta da "voz do dono", Count Basie & Orq. gravam quatro lados para a Victor em Los Angeles. São os seguintes: "Brand New Dolly"/"Cheek to Cheek", "Katy", original de Gerald Wilson, destacando o trompete de Clark Terry e o trombone de George Mathews, e, por último, "Old Manuscript", original de Don Redman. ★ Correm rumores acerca do breve retorno de Stan Kenton às atividades. ★ "Eu não sei que diabo que ele toca, mas admiro a sua técnica", declarou o sexagenário trombonista Miff Mole, após a estréia de Dizzy Gillespie no Blue Note de Chicago. ★ Volta ao cinema a cantora Ethel Waters, ausente de Hollywood desde "Noivas de Tio Sam". Miss Waters fará um bom papel dramático em "Pinky", da 20th Century-Fox. ★ Don Byas falando inglês com

sotaque lisboeta! "Don esteve um ano na Espanha e Portugal e voltou a Paris com o sotaque mais esquisito que eu já vi em minha vida — e olhem que eu conheço uns bem esquisitos!" — declarou o famoso barão Timme Rosenkrantz, chegado a Nova York de uma extensa excursão pelas capitais européias. Continuando, disse o famoso nobre dinamarquês: "Don fez grande sucesso em Lisboa, tocando na orquestra de Bernard Hilda. Agora ele já está de volta a Paris e toca com Bill Coleman no "Vieux Columbia", o quartel dos existencialistas. Eles seguem o líder, Jean Paul Sartre, a tudo quanto é lugar. E Sartre popularizou dois bares da noite para o dia, somente com a sua frequência. Sartre gosta imensamente de qualquer espécie de jazz — continua o barão — bop, Dixie, o que for. Na verdade pode-se dizer o mesmo a respeito de quase todos os intelectuais franceses, mesmo André Gide. De início, Sartre costumava frequentar o "Tabu" para ouvir jazz. Depois ele começou a aparecer no "Saint Germain De Pres", onde toca um conjunto muito bom, liderado pelo sax-alto Hubert Fol, um dos melhores especialistas europeus que já ouvi. No conjunto está também um tal Fohrenbach — mais conhecido por Fo-Fo — que toca um bom tenor. Muito parecido com Hawkins". Indagado sobre concertos de jazz, Rosenkrantz esclareceu: "Ah, isso agora é comuníssimo em Paris! Toda semana há um, pelo menos. Delaunay organiza um todos os domingos no Teatro Eduardo Sétimo. E' interessante notar a diferença entre o público francês e americano. Em Paris não há palhaçada; os músicos tocam com uma seriedade imperturbável. Não como esfinges, mas eles dão uma atenção mais séria às suas performances, igualmente à que lhes dá a assistência. Qualquer músico que tenta conseguir cartaz com mímicas ou gestos, é vaiado estrondosamente. Um músico como Louis Jordan quando começasse com aquelas palhaçadas num concerto em Paris, seria rifado imediatamente". Depois de falar sobre o Festival, Rosenkrantz contou algo sobre o jazz dinamarquês: "Há um trombonista em Copenhague, membro do National Scala, que é um dos melhores que já ouvi. Chama-se Peter Rasmus. Ele dirige um sexteto de jazz que grava para a Odeon dinamarquesa. Estocolmo, acreditem ou não, possui o melhor conjunto de jazz europeu. Aposto que se o conjunto bebop do clarinetista Putte Wickman fosse aos Estados Unidos, seria uma bomba tão forte quanto Benny Goodman em 1935. Svend Asmussen ainda está em Estocolmo. Goodman quis contratá-lo mas ele não aceitou a oferta. Os músicos europeus não se interessam muito em tocar nos Estados Unidos, embora tenha havido alguns como o falecido Stan Hasselgard e o trumpetista Rolf Ericson, de Estocolmo, que está com Charlie Barnet". Encerrando suas declarações, o barão diz que pretende levar para uma excursão à Escandinávia os nomes de Jonah Jones, John Levy e Stuff Smith, depois da qual pretende visitar novamente os Estados Unidos, pois sua esposa, a cantora americana Inez Cavanaugh, está com muitas saudades de Manhattan.

NOVIDADES EM DISCOS

- ** "That Wonderful Girl of Mine" — Benny Goodman (Capitol)
- *** "Night and Day" — Claude Thornhill (Muzak)
- ** "These Foolish Things" — Dick Farney & Slam Stewart (V Disc)
- ** "Harlem Strut" — Fletcher Henderson & J. P. Johnson (Paramount)
- **** "Perfume Suite" — Duke Ellington (V Disc)
- ** "I Know That You Know" — Erskine Butterfield (Muzak)
- *** "Caravan" — Flip Philips & Orq. Machito (Mercury)
- ** "Cheek to Cheek" — Ziggy Elman (MGM)
- * "Clarinet Marmelade" — Pee Wee Hunt (Capitol)
- ** "The Hucklebuck" — Charlie Shavers & Orq. Tommy Dorsey (RCA Victor)
- ** "Wolverine Blues" — Jack Teagarden (V Disc)
- *** "A Fine Romance" — Les Brown (Columbia)
- ** "As You Desire Me" — Sarah Vaughan (Columbia)
- *** "Swanee" — Trio Adrian Rollini (Muzak)
- **** "Basin Street Blues" — Herb Jeffries (Exclusive)
- **** "I ain't Mad at You" — Count Basie (Armed Forces Rec.)
- ** "I Only Have Eyes For You" — Billy Eckstine (MGM).



EDDIE CONDON, ELLA FITZGERALD e SIDNEY BECHET — Fotografados durante um dos "jazz-shows" televisionados pela NBC

DISCOGRAFIA DA SEMANA

HARRY JAMES & HIS ORCHESTRA

(Conclusão)

Harry James, Jimmy Grimes, James Campbell, Lennie Corris, Irwin Berken, trompetes; Vic Hamman, Charlie Preble, Dalton Rizzoto, Juan Tizol, trombones; Willie Smith, Ed Rosa, Corky Corcoran, Clint Davis, Stewart Bruner, saxes; N. Pisani, E. Bergman, A. Beller, P. Lowenkron, H. Bluestone, J. Reisler, E. Karpati, H. Jaworski, J. Gootkin, J. de Voogdt, R. Bein, violinos; S. Freed, W. Spear, L. Atkins, violas; C. Bernard, E. Friede, cellos; Arnold Ross, piano; Hayden Causey, guitarra; Ed Mihelich, baixo; Lou Fromm, drums. 21 fevereiro 1946:

- | | |
|--|---------------------------|
| "Do you love me" | Columbia 36965 |
| "As if I didn't have enough on my mind" | Columbia 36973 |
| "I didn't mean a word I said" | Columbia 36973 |
| Ausente a seção de cordas. Jimmy Salko, trompete, substitue Corris; Dick Noel, trombone, substitue a Hamman. 27 maio 1946: | |
| "Easy" | Columbia 36996 |
| Septeto: James, Ziggy Elmer, Willie Smith, Ed Rosa, Arnold Ross, Hayden Causey, Lou Fromm, Ed Mihelich: | |
| "Cotton Tail" | Columbia DB2341 — 30-1284 |
| Formação precedente. 30 maio 1946: | |
| "This is Always" | Columbia 37052 — 30-1232 |
| "And Then it's Heaven" | Columbia 37060 |
| "East Coast Blues" | Columbia DB2350 |
| "I Guess I Expected Too Much" | Columbia 37060 |
| "Why Does It Get So Late So Early" | Columbia 37080 VD693 |
| "Moten Swing" | Columbia 301286 |
| Carl Berg, trompete, substitue a Salko; Vic Hamman, trombone, subs. a Noel; Buddy Combine, drums, subs. a Fromm. 26 agosto 1946: | |
| "If I'm Lucky" | Columbia 37148 |
| Harold Moe, trompete, subs. a Grimes. 13 setembro 1946: | |
| "One More Kiss" | Columbia 37148 |
| "Oh But I Do" | Columbia 37156 — 30-1232 |
| "Keb-Lah" | Columbia 37264 — 30-1250 |



SANTOS
O eficiente 2.º piston da Tabajara, de Severino Araújo

de uma profundidade indescritível. É uma coisa indefinível, mas que v. sabe que sai de dentro dele e vai também alcançar v. lá dentro. Mas depois, v. cita o aparecimento daquilo que veio prejudicar o jazz. Nisso eu não estou de acôrdo. V. querer que New Orleans ficasse imutável é o mesmo que proibir a fabricação do avião monoplane em vez do biplano, a supressão da embreagem nos automóveis, etc.; quer dizer: é a mesma coisa que parar a marcha do progresso. O jazz não podia estacionar, ele tinha que evoluir. Infelizmente essa evolução não se verificou 100% dentro dos limites esperados. No dia em que os músicos perceberam que podiam ganhar muito dinheiro tocando jazz, este deixou de ser uma arte patrimonial de alguns para ser uma casa de comércio para muitos. Arte e dinheiro andaram sempre em direções opostas. Quando o comercialismo entrou em cena, apareceu o que iria justamente mudar a trajetória do jazz. No

meio dos realmente capacitados e bem intencionados, apareceram os mediocres e aproveitadores turvando com a sua ganância e boçalidade as águas serenas em que navegavam os que não andavam atrás do dinheiro. Finalmente v. quer saber do que eu gosto. Embora v. imaginasse qual seria a minha resposta, devo dizer-lhe que não sou restritamente tradicionalista, modernista ou mesmo bebopista. Para me agradar basta apenas que haja inspiração, riqueza melódica, sentido hot e muito swing. Se estiverem presentes estes elementos, então v. saberá logo que é este o jazz que eu gosto. Quanto ao bebop, v. certamente deverá ter lido uma crônica publicada um dia desses aqui no "Swing-Fan", sob o título "Jazz, aonde?". Leu? Pois é exatamente o que eu penso a este respeito. Agora, não pense que estou interessado em atacar o bebop. Absolutamente. O jazz, como disse, é um gênero musical dos mais ricos, de maior amplitude, onde há lugar para todos. O bebop é um idioma novo, ainda em solidificação. Analisá-lo agora é ainda um pouco prematuro. Devemos esperar mais um pouco, quando o estilo estiver completamente amadurecido, adulto, para aí, sim, falar com segurança. Admiro os verdadeiros especialistas do estilo: Dizzy, Bird, Monk, Jones, Haig, J.J. etc. Eles conseguiram impor o seu produto, chamar a atenção do grande público, embora este ainda reaja desordenadamente. O que é preciso, creio, é a urgente exterminação dos falsos valores, elementos que se aproveitaram do ambiente de incompreensão para se elegerem audaciosamente como "a grande descoberta", "a nova

CORRESPONDÊNCIA

Adolfo Luis (Rio) — Interessantíssima a sua carta. Arqueei-a. V. é o que se pode chamar do protótipo do "moldy fig". Eu tenho um amigo que tem mais ou menos as mesmas idéias de v., com a diferença que ele é dez vezes mais intransigente que v. Bem, agora vamos examinar o miolo do que v. escreveu. Vamos por partes. Primeiro, v. fala em corrupção. Eu acho que não se pode generalizar afirmando que o jazz tenha se corrompido. Se por um lado assim aconteceu, por outro é inegável que houve progresso e evolução. Por exemplo, v. ouve o "I Found a New Baby" de Clarence Williams e, em seguida, o do sexteto Benny Goodman. Num v. encontra a rudeza, as frases dos solistas construídas toscamente e as passa-

gens de ensemble numa polifonia semi-cacófona; noutro um senso de improvisação muito mais brilhante nos solistas, a segurança harmônica nas *tutti* e, o que é mais importantes, um swing muito maior. É numa dessas comparações que se pode perceber aonde o jazz evoluiu. O que eu acho que se corrompeu foi a sinceridade, a simplicidade, o sentimento dos músicos. É raro v. ver um jazzman hoje em dia que toque "com o coração". Eles se preocupam demasiadamente com a técnica e o virtuosismo, se esquecendo que não se pode fazer um bom jazz sem coração, sem sentimento. Por que Armstrong é genial? Porque a menor frase que ele toque ou cante sai impregnada de beleza, de inspiração, são frases



A TORRIDA E COSMOPOLITA SEÇÃO DE TRUMPETES DE CHARLIE BARNET

(Continua na pág. 30)



NOVIDADES RADIOFÔNICAS

A Mayrink Veiga está mesmo com vontade de apresentar um rádio-teatro à altura de sua tradição. Sadi Cabral trabalha intensamente, contratando artistas novos e aproveitando os antigos elementos da casa, que estavam encostados... Norka Smith, Carlos Alberto, no quadro de rádio-atores; Sílvia Autuori e Álvaro Augusto, entre os novelistas, são as mais recentes aquisições. Cordélia Ferreira, que há muito se encontrava afastada das novelas, voltou e em grande forma. Elza Martins, uma interessante voz feminina da A-9, a quem Rodolfo Mayer muito apreciava por seus dotes artísticos, está entusiasmando Sadi Cabral, por suas grandes possibilidades... A Mayrink está acordando...

★

Meira Filho, jovem locutor que já atuou na Globo e na Jornal do Brasil, acaba de ingressar na Nacional.

★

Os Cariocas, conjunto vocal harmoniosíssimo, que se exhibe na Nacional, lançou mais duas novas gravações. No primeiro disco, dois sambas: "Cadê a Jane?", de Wilson Batista e Erasmo Silva, e "Sinceridade", de Luis Bittencourt e Roberto Faissal. No outro disco, duas marchas para os festejos juninos, que são: "Eu também sou Batista", de Wilson e José Batista, e "Botaram fogo na bomba", de Roberto Roberti e Arlindo Marques Junior.

★

Fala-se na saída de Osvaldo Molles, um dos valores da Record, que passaria para as Associações paulistas...

Lemos uma crítica de Antônio Maria, em sua seção radiofônica de "O Jornal", a certo animador que teria dito: "E' preciso que você responda à pergunta para mim lhe dar o prêmio. Tem tãda razão, Antônio Maria: coisas assim ditas no rádio pedem a atenção da Companhia de Alfabetização de Adultos..."

★

Antônio Maria está em nova campanha. Depois da vitoriosa campanha contra o IBOPE, desta feita sem a companhia de Celestino Silveira e Haroldo Barbosa, resolveu atacar a revista "Publicidade e Negócios". Olha lá, Antônio, atacar uma revista de publicidade não é negócio!...

★

Nahum Sirosky, o jornalista mais louco que conhecemos, sem contar com Mário Garofalo é claro, mudou de pouso. O jovem repórter de "O Globo" abandonou a Rádio Globo, para ingressar na Mayrink Veiga, onde pretende executar planos revolucionários... O primeiro destes planos já conhecemos... Nahum ficou noivo de Beyla Genauer, a jovem artista de teatro que Dulcina revelou...

★

Por falar em Mário Garofalo, temos infelizmente uma triste notícia. Mário, que no cumprimento de uma missão não mede sacrifícios, foi vítima de um lamentável acidente. Garofalo, que atualmente está trabalhando como assistente de direção do filme "Escrava Isaura", dirigia-se para uma filmagem na Gávea, quando o carro em que viajava foi "fechado" por outro, chocando-se contra o paredão violentamente. O

PINCHITO Y PASTOR, dois craques do tango!



A música portenha, tal como a norte-americana, calu na aceitação pública, vindo a tornar-se obrigatória na linha de programação das emissoras cariocas. Daí, o número de típicos e intérpretes do gênero que, a cada momento, encontramos participando das audições cotidianas do "broadcasting" guanabarrino. Dentre esses conjuntos orquestrais, tão ciosos na execução das melodias nostálgicas, não será favor citar o de Pinchito y Pastor. Perfeitos conhecedores do tango, tãdas as terças-feiras, às vinte horas e cinco minutos, participam do êxito de "Tópicos de Tangos", cartaz que a RÁDIO GLOBO está transmitindo. Através desse interessante programa, tão ao sabor da sensibilidade de nossa gente, desfilam as mais encantadoras melodias portenhas. São números escolhidos com carinho, interpretados com bastante sentimento por Pinchito y Pastor que, a estas horas, já estão gravando para uma de nossas fábricas de discos.

"Tópicos de Tangos", como seu nome o indica, é um "broadcast" destinado a apresentar a música portenha em bonita e cuidada roupagem. Para tanto, Pinchito y Pastor não poupam esforços, escolhendo criteriosamente as composições a serem executadas.

A foto que estampamos é de Bill Pastor um dos dirigentes da típica que atua na Globo...

único ferido no acidente foi Garofalo, que sofreu fraturas de várias costelas e de um braço.

★

Bruno Sobrinho, locutor esportivo que havia saído há pouco tempo da Bandeirantes, não se deu bem na nova estação e voltou para o ninho antigo...

★

Linda Batista, que está em São Paulo atuando na boite Excelsior e na Tupi paulista, aniversariou no dia 14 de junho p.p. Os nossos votos de felicidade a Linda... A propósito seria bom que tanto Linda como sua irmã Dircinha deixassem de atuar em filmes da categoria de "Eu quero é movimento" e "Prá lá de boa". Filmes deste gênero só desmoralizam os artistas de categoria que neles trabalham. Não acreditamos que seja tão alto o "cachet" que pagam por estes trabalhos, e portanto melhor seria que Linda e Dircinha se abstivessem de atuar em filmes deste gênero caça-níqueis, pois o público vai ao cinema iludido pelo cartaz dos "astros" e só pode ficar desiludido. Aparecem Linda e Dircinha em números especiais e o resto do filme é aquela coisa horrível que nós já conhecemos. Das artistas anunciadas em letras garrafais só vemos um número. E' preciso que Linda, Dircinha e outras figuras do nosso rádio não vão na conversa desses pretensos diretores, como Badu, Luis de Barros e outros.

★

Conhecem alguém com o nome de Francisco de Assis Javier Cugat Muñgall de Bru y Deu-



ÊLE VAI PARA O TRONO?

Acaba de ser contratado para o quadro de rádio atôres da Nacional, o menino Vitor Binot Salles. Até ai nada de novo. Entretanto, trata-se de um garoto que tem sangue de artista, pois é filho de Yara Salles, a conhecida rádio-atriz que agora dirige junto com Heber de Boscoli, o Trem da Alegria. Yara Salles, artista de grandes predicados, cuja saída do elenco de teatro cego da Nacional foi uma grande perda para o público, volta desta maneira ao rádio teatro através de seu filho, que herdou de sua mãe o gosto pelo rádio e a vocação artística.

Vitinho, entretanto só atuará em horários que não colidam com as suas aulas, pois antes de tudo, Yara Salles, faz questão que seu filho não se desculde de seus estudos no Colégio Anglo Americano de que é aluno.

O flagrante é da assinatura do contrato de Vitor Binot Salles com a Rádio Nacional. Aparecem da esquerda para a direita cercando o jovem artista: Floriano Faissal, diretor do rádio teatro da Nacional, Yara Salles, Marlene, a rainha do rádio, Vitor Costa, diretor artístico da Nacional e presidente da ABR e Heber de Boscoli.

lorao? Extamente, é este o nome inteiro de Xavier Cugat.

★

A Rádio Record teve negado um pedido seu de instalar uma emissora de ondas curtas na capital paulista. O Ministério da Viação, que foi quem negou o pedido, alegou que se tiver de ser instalada uma outra emissora de ondas curtas em São Paulo, a concessão deveria ser feita em concorrência pública.

★

Anita Otero, bastante conhecida entre nós, como intérprete dos ritmos folclóricos nordestinos e que fixara residência em São Paulo, está no momento em Corumbá, atuando na Rádio Difusora de lá...

★

Informa Nestor de Holanda na sua seção radiofônica de "Fôlha Carioca" que teremos, em dezembro, mais um casamento de radialistas. Trata-se de Mário Brasini e Vanda Lacerda, conhecidos elementos de rádio, teatro e cinema, que atualmente participam das atuações do elenco rádio-teatral da Nacional.

★

A Guanabara do Ar vai lançar um novo programa de auditório. Denomina-se "Galera sem rumo". Pode ser que este programa dê certo, mas não temos muita confiança nisto, pois os elementos que estão anunciados são muito fracos para interessar ao público. Terá o título do programa qualquer significação sobre a direção da veterana P.R.C-8? Queremos crer que não...

★

Carmen Miranda, antes do sucesso notável no rádio, teatro, cinema, etc., que atualmente faz, começou, aqui no Rio, como vendedora de gravatas na rua Gonçalves Dias e não faz segredo disto. Que sirva de lição a certos mascarados e mascaradas do nosso meio artístico...

★

Tem atuado com agrado na Rádio Clube do Brasil a folclorista Olinda Vale. Um dos seus números mais interessantes pertence a um gênero novo entre nós, o "caxambu". Esta melodia, de ritmo bem brasileiro, muito breve tomará conta dos nossos salões. Quem duvidar, pergunte ao Osvaldo Gouveia...

★

Mais um original de Raimundo Lopes acaba de ser lançado pelo elenco de teatro cego da Globo. Trata-se da novela "Rosa Vermelha", apresentada às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20,30 às 21 horas, cabendo o principal desempenho a Wolner Camargo.

★

"Romance no sertão" é o título do mais recente lançamento da Tamoio. Apresentado todas as segundas-feiras, das 21,30 às 22 horas, "Romance no sertão" conta com o trabalho de todo o elenco de rádio-teatro da P.R.B-7. É escrito e dirigido por Aldo Madureira, outro bom elemento vindo de São Paulo.

★

Urbano Lóes, elemento que se projetou no círculo radiofônico pelas suas criações magísticas papéis nas novelas de Amaral Gurgel, cabe-lhe ainda a responsabilidade de "Conversa em família", em que interpreta o "velho". Afora essas atuações, Urbano exerce sua profissão de locutor, dizendo com bastante propriedade os textos que lhe são confiados.

★

Antônio Leite, o novelista que a Tamoio foi buscar nas "Associadas" de São Paulo, renovou o seu contrato com a P.R.B-7. Foi de Antônio Leite a novela "Alvorecer", apresentada com inteiro sucesso pela Tamoio no horário das 8,40 às 14 horas, às terças, quintas e sábados. Ele nos promete agora, para dentro de breves dias, o lançamento de um outro trabalho seu, nesse mesmo horário.

★

"Pausa para meditação" — Estas audições constituem um dos pontos altos da programação da Tamoio. Apresentada em dois horários



TURBILHÃO DE CUBA Este é slogan de que veio precedida Aurora Lincheta, a rumbera que atuou no programa de Heber de Boscoli, "Trem da Alegria" e na peça "Passo da Girafa". Aurora, veio de São Paulo onde atuava no "show" de Xavier Cugat e na rádio Bandeirante. Tendo saído de Cuba, está fazendo uma "tournee" pelas Américas. Atuou em Buenos Aires, no teatro Maypú e no night clube Tabaris. Trabalhou durante 3 anos no México em rádio e teatro, tendo lá feito várias gravações para a RCA Victor, de rumbas, boleros, guarachas. De lá passou para Panamá, Porto Rico, São Domingos e agora pretende ir ao norte do país para depois seguir para o Chile.

Sua aparição deu-se num programa de calouros, denominado "La corte suprema de l'Arte", onde também apareceu Cuquita Carballo. Seu maior orgulho é ter trabalhado numa peça teatral de Ernesto Lecuona, chamada "Maria-lá-dó", sendo escolhida pelo próprio Lecuona.

diariamente, às 17 e às 21 horas, vem obtendo um índice de ouvintes verdadeiramente notável. O programa diurno tem a redação de Aldo Viana, e o noturno a de Roberto Mendes. Constitui-se o programa da radiofoniação de cartas enviadas pelos ouvintes, após a qual ouve-se a palavra autorizada de Júlio Louzada dando um conselho sensato ao missivista.

★

O "Grande Teatro Globo", cartaz que é transmitido às quintas-feiras a partir das 21,05 horas, especializou-se na apresentação de peças completas, divulgando obras primas da literatura universal. Através desse programa o público ouvinte já teve oportunidade de ouvir grandes originais de Amaral Gurgel, a quem cabe, aliás, a direção desses espetáculos.

★

Com inteiro sucesso foi encerrada, na última sexta-feira, a novela original de Aldo Madureira intitulada "Revolta de um coração" e que

foi apresentada das 20,30 às 21 horas, todas as segundas, quartas e sextas-feiras, tendo nos principais papéis Hilda Barros, Telmo de Avelar e Roberto Mendes. Agora encontra-se em cartaz, no mesmo horário, um outro trabalho de Aldo Madureira, e que se intitula "Sob a luz dos teus olhos", contando com o desempenho de todo o elenco daquela emissora associada.

★

No decorrer do mês de julho, em prosseguimento à série de "Grandes Concertos", que a Rádio Globo está proporcionando a seus sintonizadores, teremos audições a cargo de Adolpho Odnoposoff, famoso concertista argentino, que já atuou como solista em grandes orquestras sinfônicas, sob a direção de Fritz Busch e Erich Kleiber. A essa apresentação seguir-se-á a cantora Solange Petit Renaux, nome bastante conhecido dos frequentadores do Municipal.

CURIOSIDADES DO CINEMA...

(Continuação da pág. 16)

nhas correram para junto dela enquanto as "cameras" entravam a funcionar.

A formosa atriz britânica Beatrice Campbell acaba de estar na cadeia — não se assustem, a moça não estava cumprindo pena; apenas estudava o "ambiente". Sua última película, intitulada "No Place for Jennifer", é um drama doméstico cujo enredo se passa na Grã-Bretanha contemporânea. O diretor, Gordon Parry, obteve licença para que seus atores visitassem uma das prisões de Londres. Beatrice, que no filme tem que visitar seu noivo na cadeia, foi levada somente ao locutório da prisão, porém Sir Cedric Hardwicke, Ronald Howard e muitos outros artistas foram levados às celas e ali trancafiados durante algum tempo!

Os departamentos de vestuário nos estúdios empregam um processo especial para o "recondicionamento" das "toilettes" já apresentadas nos filmes. Os modelos para manhã ou tarde, simples e elegantes vestidos pelas "estrelas" nas diversas cenas dos diferentes filmes, após fotografados, são levados ao departamento de modas e ali entregues à uma técnica especializada no "recondicionamento". Esta, dentro em breve devolve a "toilette", a qual, graças a toques novos e originais, parece um modelo inteiramente novo. Um vestido de trabalho, por exemplo, em lã azul de linha severa que aparece na película "The Story of Shirley", tornou-se agora um vestido de festa usado por Dinah Sheridan em "Dark Secret", acrescentando-se ao modelo original um peitinho de renda inglesa e larga faixa de "cordonné" branco aplicado na saia logo acima da bainha. Outro modelo, em linho cinzento, foi inteiramente transformado por um par de grandes bolsos de fustão branco presos a um cinto vermelho largo que se adapta em volta da cintura.

Valerie Hobson, uma das "estrelas" mais bem vestidas da Grã-Bretanha, tinha a intenção, quando menina de colégio, de tornar-se costureira, e estudou corte, costura e desenho em Londres e em Paris, antes de ingressar no cinema. Ainda prefere desenhar suas próprias "toilettes", e criou cerca de vinte "ensembles" originais para usar em sua recente película, "The Cord", produzida por seu marido, Anthony Havelock-Allan. Há três vestidos de noite com o decote da moda, deixando os ombros descobertos. Outro, confeccionado em "moire" cinzento este que pode ser trazido sobre os ombros e a cabeça em estilo "sari". Esta idéia foi aproveitada também pela ruiva Helen Cherry, que aparece em "Adam and Eve", ostentando vistosa "toilette" para a noite em "marocain" azul vivo ornado no busto de ligeiro drapeado de "lamé" listrado azul, amarelo e branco sob o decote sem alças. O vestido tem ainda, atrás, "pouf" e cauda do mesmo "lamé", podendo a cauda ser drapeada em torno dos ombros como se fosse um chale, poupando assim a necessidade de um abrigo separado para as noites de verão.

CORRESPONDÊNCIA

(Continuação da pág. 27)

sensação", etc. Quarenta por cento dos beboppers representam o germe nocivo que conseguiu se infiltrar no plasma são e essencialmente vital dos reais talentos. É isso que prejudica, que anarquiza e que avacalha a nova escola. Quando houver uma filtração cuidadosa, uma purificação completa, ficando somente os verdadeiros expoentes, aí já se terá avistado bem de perto a meta final. Enquanto isso, vamos deixar que o barco corra naturalmente. Deixemos o bebop seguir seu cur-

so. Jazz é uma coisa e bebop outra muito diferente. O melhor é ficar de camarote para ver até onde eles vão com as suas "flatted fifths", seu desprezo à linha melódica, seus bongos, suas claves e suas maracas. Vamos ver o bicho que vai dar no fim... Esperemos, que vale a pena.

Pois é isso, Adolfo. Como a resposta ficou muito grande, vamos deixar aquela questão de grande orquestra versus pequeno conjunto para outra oportunidade. O. K.? Na primeira ocasião, eu volto ao assunto. E continue a idolatrar Luoie, Bunk, Bechet, que isso não faz mal a ninguém...

Pequeno mundo antigo

.... (Continuação da pág. 25)

Poucas remadas ainda, e eis a pequena casa do tempo feliz, das horas amargas, da desgraça lancinante; a janela do cômodo onde Luísa se perde em tenebrosa dor; a galeria, onde doravante o tio Piero passará sozinho os seus dias, esse homem justo que desce silenciosamente, atribulado e exausto, para a tumba. Ah! Se pudesse saber, todavia, o que aconteceu depois da sua partida? Se o tio, se Luísa foram incomodados pela Polícia! Olha, olha, não vê alma viva no terraço, nem no jardim, nem nas janelas da galeria; tudo está silencioso, tudo está tranquilo. Para de remar, querendo ver se descobre algum sinal de vida. O doutor Aliprandi abre a portinhola do "felze" do

lado que dá para a pôpa, suplica a Franco que reme, que não se traia. Nisto, acolá, a leu se debruça à balaustrada do jardim, com um tabuleiro na mão, olha para a gôndola, entra na galeria. Por conseguinte o tio Piero está na galeria, aquele é o habitual copo de leite que lhe levam; não deve ter acontecido nada. Franco recomeça a remar, e o doutor Aliprandi torna a fechar a portinhola. O jardinzinho passa; passam as casas de Oria; a gôndola enviesa para o cais da Recebedoria.

O Biancon, que está pescando tencas, protegido por um guarda-chuva, vê a gôndola, larga os seus anzóis, vem render suas homenagens à marquesa. Dá mas é de cara com o doutor Aliprandi que o alvoroça tanto com as notícias desagradáveis do péssimo estado da saúde da marquesa, que o Recebedor não se contém, chama

a sua Peppina, participa-lhe o caso. E a Peppina, pobre diaba, recita sob o guarda-chuva do seu Carlascia, uma pequena comédia de compungida lástima, que nem uma carpideira. Marido e mulher aconselham o Aliprandi a tocar imediatamente para Lugano, a voltar depressa com o outro médico. O bestalhão lhe diz até que, na volta, pode seguir diretamente de Gandria para Cressogno, que não precisa passar por ali, não; e o doutor se volta para Franco, ordena: — Toca! — Franco assiste à conversa, impassível, com as mãos no remo, esperando vir a saber alguma coisa relativamente à sua casa e aos seus amigos. Mas o casal não fez a menor referência a polícia, a prisões, a fugas, como se a casa do engenheiro Ribera estivesse na China. A gôndola recua lentamente, safando-se do cais, vira a proa para Gandria, afasta-se, esfuma-se na névoa, cruza a linha divisória.

Já na margem de Lugano o doutor Aliprandi abriu a portinhola e fez Franco entrar. Conheciam-se pouco, mas se abraçaram como irmãos. — Quando chegar a hora do canhoneio — disse o Aliprandi — contem comigo. — Concordaram em se separar ali e que Franco saísse antes do cais, sozinho, porque Lugano estava cheio de espíões e ele, doutor, tinha que usar a maior cautela. Pressa, além do mais, não tinha o médico; antes de tudo preocupava-o arranjar um barqueiro; depois então iria procurar um colega. Franco puxou o capuz por sobre os olhos, desembarcou, foi ter ao albergue da Coroa.

Algumas horas mais tarde, quando a gôndola já havia partido, ele saiu à procura de valsoldenses, a fim de colher notícias; dirigiu-se à Farmácia Fontana e encontrou debaixo das abóbadas os seus amigos que estavam justamente saindo da farmácia acompanhados por um velho. Saltaram-lhe ao pescoço, choraram de emoção. Tinham ido saber notícias, também eles. Na farmácia corria o boato de que Franco havia sido preso. Que alegria darem com ele, e que alegria sentirem sob os pés terra livre!

Seja-me permitido recordar o velho que acompanhava Pedraglio e o advogado, bizarra figura do pequeno mundo antigo luganês, um artista, e bem digno de que um outro artista, passando-lhe tão próximo, lhe renda homenagem. Tratava-se dum tal Sartório, pintor, poeta e tocador de guitarra, que naqueles tempos era visto frequentemente surgir aqui e acolá pelas escuras ruas de Lugano, com o seu chapéu branco puxado sobre o olho direito, com o seu austero terno preto, sempre com uma flor na lapela. Paupérrimo, mas asseadíssimo, cavalheiro com as damas e com os homens, disposto sempre a uma anacreontica e a uma guitarrada, adorador da própria cidade, vivia de pão, água e queijo, farejava e se grudava aos forasteiros para lhes prestar as honras de Lugano, estava sempre às voltas com bandos deles, da Villa Ciani para o Hôtel du Parc e deste para a Villa Chialiva. O Hôtel du Parc era para ele a oitava maravilha do mundo. Ajudara a inaugurá-lo, coisa de que não se fartava de se gabar, sentia um prazer contagiante em citar especialmente, com o seu

clássico sotaque luganês, e com acordes líricos, o que o teto e as parcelas da sala de jantar lhe inspiravam: "mesmo porque nunca será de mais que eu vos diga":

As trompas ressoam
No vasto salão,
Aos sons se combine
A minha canção.

Agora acompanhava espontaneamente Pedraglio e V. que lhes tinham narrado suas fugas. Conduzira-os à Farmácia Fontana para aí indagarem notícias de Franco. — Ahn Ahn! — disse ele depois do encontro. — E' este o vosso amigo? Fugido também ele das garras da águia rapace dos Habsburgos? Muito bem, muito bem! Compus, faz tempo já, para outros lombardos fugidos para cá depois da revolução do Vall'Intelvi, uma ode que não era nada má! Nessa ode descrevia-lhes eu a fuga pelo Val Mara, a descida a Maroggia, a chegada a Lugano, mesmo porque nunca será de mais que eu vos diga:

Filhos impávidos da Lombardia,
Lugano vos retém com alegria!

Trata-se duma coisinha que se adapta muitíssimo bem também aos amigos. Vou agora buscar a guitarra e depois farei os amigos a escutarem no albergue.

— Nossa mãe! Madonna Santíssima! — não pôde deixar de dizer o Pedraglio.

TERCEIRA PARTE

CAPITULO PRIMEIRO

A voz do sábio

Não uma, mas três primaveras se passaram depois daquele outono de 1855, sem ter havido a inflorescência de armas e de estandarões que os italianos esperavam nas margens do Ticino. Em fevereiro de 1859 havia uma certeza geral de que não se passaria assim a quarta. Grandes acontecimentos, anunciados convenientemente por um esplêndido cometa, estavam a caminho. Corriam nas vísceras daquele mundo antigo frêmitos e estalidos surdos como nas entranhas dum rio congelado às vésperas do degelo. O frio mortal, o silêncio apavorado de dez anos estavam na iminência de ruir, levando num fragor de choques e de ruínas mercê de correntes novas, ardentes, indomáveis. O Carlascia enchia-se de vento e de fanfaronadas, dizia aos guardas, que o ouviam calados, que estava próxima uma passeata militar a Turim. O senhor Giacomo Puttini ainda não se aprumara direito do golpe daquela manhã, dá traição do advogado, do fim trágico da cartola, do fim cômico da "albarda", perdera toda a estima para com os patriotas. Por exemplo, certo dia mesmo de fevereiro de 1859, o Paolin, um "tedescone", lhe falava ali na farmácia de San Mamette sobre as estúrdias esperanças dos liberais. — Não, senhor Paolo respeitabilíssimo — retrucou-lhe o homenzinho — estou sob a égide de São Marcos, grande santo; vi os franceses, boa gente; agora vejo os tudescos, não comentemos, poderei vir a ver outros; mas os tratantes, creia-me o senhor, os tratantes não podem triunfar.

O doutor Aliprandi já estava no

Piemonte. Um velho sub-oficial de Napoleão, que morava em Puria, andava a consertar, às escondidas, o uniforme com a idéia de se apresentar ao imperador dos franceses quando este viesse à Itália. O vigário de Castello, o Introini, quando encontrava dom José Costabarbieri, lhe recordava a canção de 1796 que dom José exumara em 1848 e tornara a esconder depois. E imitando bem o sotaque alemão:

**Stare nostre crante ulane
Qua fenute d'Ungheria,
Ma franzose crante!...
Fato tuti scappar fia!**

E dom José, todo assustado: — Cale-se, criatura, cale-se!

No entanto, nas encostas de Val-solda pacificamente floresciam violetas, como se nada houvesse. Ao anoitecer de vinte de fevereiro Luísa levou um ramalhetezinho delas ao Camposanto. Usava luto ainda, tinha uma côr térrea, macilento, seus olhos pareciam maiores do que dantes, muitos fios de prata havia na sua cabeça. Era como se já tivessem passado vinte anos do dia da sua desgraça. Depois que saiu do cemitério rumou para Albogasio, juntando-se-lhe algumas mulheres de Oria que iam rezar o rosário na paróquia. Já não parecia o espectro soturno que espalhara violetas sobre a cova de Maria. Falou com todas elas, muito serena, quase alegre; perguntou dum animal doente, acariciou e elogiou uma menina que ia ao rosário com a avó, recomendou-lhe que se comportasse direitinho na igreja como sempre fazia a sua filha. Disse isto e mais o nome da filha com ar plácido, enquanto aquelas mulheres, ouvindo, sentiam calafrios e até mesmo ficavam pasmas, pois desde "aquilo" Luísa não ia mais à igreja. Perguntou a uma garotinha maior se a meninada ainda andava com vontade de representar; se o mano ainda recitava; e ao ouvir que sim, se ofereceu para ajudar a fazer as roupas. Despediu-se no adro da Anunciata, e ao descer sozinha a Calcinera, já retomara o ar dum espectro.

Ía a Casarico, à casa do casal Gilardoni. Estavam casados havia já três anos. A felicidade do professor, a sua adoração a Ester mereceriam um poema. O tio Piero dizia a respeito do Gilardoni que tinha ficado pateta. Ester receava que o marido se tornasse ridículo e não lhe permitia, quando havia gente, tomar diante dela certas atitudes de êxtase. A única pessoa perante a qual ficava sem efeito tal proibição era Luísa. Mas, quanto a Luísa, despertava em Gilardoni aquele pasmo convergente que despertam os séres sobrenaturais. Ao respeito para com a pessoa juntava-se o respeito para com a dor, e diante dela tinha sempre uma atitude de contenção. Havia já dois anos que Luísa ia à casa dos Gilardoni quase todas as noites; e se havia coisa capaz de perturbar a paz dos esposos eram essas visitas.

Tinham elas de fato um motivo estranho e antipático para Ester; mas tal era o afeto de Ester para com a sua amiga, tal a sua piedade para com a sua desventura, e sentia no coração tamanho (digamos) remorso por não ter prestado atenção em Maria naquele

dia terrível, que não ousava se opor resolutamente aos desejos de Luísa nem impedir o marido de condescender com os mesmos. Expressara a Luísa a sua desaprovção, rogara-lhe que ao menos mantivesse em segredo o que se passava todas as noites no escritório do professor. Apenas isso. Já o professor, por sua vez, não se molestava com aquelas sessões, mas sofria pelo fato de elas desgostarem a Ester.

Era já noite quando Luísa bateu na porta estreita da casa dos Gilardoni. Foi Ester quem veio abrir. Ester não respondeu ao seu cumprimento, que lhe pareceu confuso, olhou-a apenas e foi somente já na saleta ao rés-do-chão, onde Ester costumava passar os serões, que a abraçou; e isso tão apaixonadamente que a outra desandou a chorar. — Tem paciência — disse-lhe Luísa. — Não me resta senão isto. — Ester fez tudo para reconfortá-la, disse-lhe que se estava aproximando um tempo melhor, que não tardaria a se reunir ao marido. Que dentro de poucos meses a Lombardia seria libertada, que Franco voltaria a casa. E que então... então... poderia acontecer uma porção de coisas... Poderia voltar mesmo Maria! Luísa, de um pulo, agarrou-lhe as mãos. — Não, — disse ela — não digas uma coisa dessas! Jamais! Sou toda dela! Sou toda e só de Maria! — Ester não pôde retrucar nada porque, pressuroso e sorridente, entrou na saleta o professor.

Viu que sua mulher tinha os olhos banhados de lágrimas e que Luísa parecia alvoroçada. Cumprimentou-a muito sem jeito e se sentou calado junto de Ester, calculando que estivessem falando sobre o assunto que tanto desagradava a sua mulher. Esta bem que teve vontade de mandar o marido lá para dentro, continuar a conversa com Luísa, mas não teve ânimo. Luísa fremia contra aquela imagem de futuro perigo que de vez em quando se debruçava confusamente por sobre a sua alma, imagem que afastava sempre com horror antes de considerá-la provável, e que já agora, por intermédio das palavras da amiga, lhe ressurgia descoberta e nítida. Depois dum longo e difícil silêncio, Ester suspirou e disse baixo:

— Vai. — Olhou também para o marido. — Tu, também.

Luísa teve um ímpeto de gratidão, ajoelhou-se diante de sua amiga, pousou a cabeça no seu colo. — Sabes, disse ela — eu não creio mais em Deus. Antes, ainda acreditava que existisse um Deus mau; agora, não creio mais que exista nenhum. Sim. E se existisse um Deus bom, em que tu acreditas, não poderia condenar uma pobre mãe que tendo perdido sua filha única procura persuadir-se de que uma parte dela ainda vive.

Ester não respondeu. Quase todas as noites de dois anos para cá, seu marido e Luísa evocavam a criança morta. O professor Gilardoni, estranha mistura de livre-pensador e de místico, lera com muitíssimo interesse as coisas maravilhosas que se contavam das irmãs americanas Fox, das experiências de Eliphas Levi, seguira o movimento espiritista que se propagava rapidamente pela Europa como uma mania que não

FUTURAS ESTREIAS

** THE BRIBE (MGM, 1949) — Drama policial desenrolado na América Central; um detetive da FBI (Robert Taylor) é escalado para investigar as atividades de uma quadrilha de contrabandistas que age no Panamá. Por uma dessas coincidências ultra-familiares no cinema americano, Robert se apaixona pela esposa (Ava Gardner) de um dos contrabandistas (John Hodiak). Os chefes da "gang" (Vincent Price e Charles Laughton) descobrem a identidade de Bob, planejam afogá-lo, há bastante ação, lutas e tiroteios mas, no fim, quem se afoga é o guia de Mr. Taylor e este fica com dona Ava. Não é isso que vocês queriam?

* MY DREAM IS YOURS (Warner, 1949) — Mais um filme da louríssima Doris Day, que o público carioca ainda desconhece. Comédia musical, tipo daquelas que a Warner já fazia em 1934 com Dick Powell, Ruby Keeler e Joan Blodell. Embora a fita apresente a deliciosa voz e a simpatia de Miss Day, as palhaçadas de Jack Carson, as piadas de Eve Arden e o cinismo de Adolphe Menjou, tem a seu crédito a presença do "galã" Lee Bowman, um espécime que acreditávamos desaparecido há bastante tempo...

** RED CANYON (Universal, 1949) — Western em technicolor. George Brent percebeu finalmente que ele já não estava mais em idade para papéis românticos e o faz aqui um adequado aos seus 50 anos: papai de Ann Blyth. A menina é levadinha, desobedece as ordens paternas, sai à passeio no cavalo mais bravo da fazenda, encontra um membro da família Cordt (Howard Duff), sem saber que seu pai os odiava. Nasce o romance, papai Brent fica boiando, dá um bode tremendo depois e o resto vocês já perceberam, não? Pois é. Se gostam de filmes de cavalos, de Ann Blyth, de George Brent (Uúui!), de Howard Duff, de Edgar Buchanan e do technicolor, estamos certos que "Red Canyon" não os desapontará.

** HIGH FURY (United, 1949) — Drama de suspense desenrolado com um grupo de alpinistas numa série de escaladas aos perigosos Alpes. Com Madeleine Carrol, Ian Keith, Michael McKeag. Visível.

* SHOCKPROOF (Columbia, 1949) — Policial fraquinho que marca o debut de Patricia Knight, esposa de Cornel Wilde, numa história vulgar em que ambos não encontram grandes oportunidades.

** JOHN LOVES MARY (Warner, 1949) — Boa comédia do rapaz bem intencionado que casa com a pequena do amigo só para que esta possa entrar nos Estados Unidos e depois descobre que o amigo já tinha outra... Com Ronald Reagan, Patricia Neal, Jack Carson e Virginia Field.

* THE LUCKY STIFF (United, 1949) — Complicadíssima comédia policial com Dorothy Lamour, Brian Donlevy e Claire Trevor. Ótima para um programa duplo.

**** THE SNAKE PIT (20th C. Fox, 1948) — Não percam este admirável filme, audaciosa reportagem sobre a assistência aos enfermos mentais nos Estados Unidos. Surpreendente criação de Olivia de Havilland, na louca Virginia Cunningham. Soberba direção de Anatole Litvak. Com Leo Genn e Mark Stevens.

** WAKE OF THE RED WITCH (Republic, 1949) — Filme de aventuras marítimas com John Wayne. Temporais, lutas com monstros marinhos, tiroteios com ladrões de perolas etc. etc. A pequena é Gail Russel e Henry Daniel, o vilão.

deixava em paz cabeças e mesas. Conversara a tal respeito com Luísa; e esta, dominada, obcecada pela idéia de poder saber se a sua filhinha existia ainda e, pôsto que existisse, ansiosa por travar qualquer comunicação com ela, não vendo no maravilhoso dos fatos e no esquisito das teorias senão este ponto lúcido, levava dias a suplicar-lhe que tentasse uma experiência com ela mais Ester. Ester não acreditava em nada de sobrenatural fora da doutrina cristã. Não

levou pois a coisa a sério e consentiu logo em colocar as mãos em cima duma pequena mesa, junto com a amiga e o marido, o qual, por sua vez, mostrava um grande empenho, uma grande fé em se sair bem. As primeiras experiências malograram. Ester aborreceu-se, quis logo que se renunciasse a continuar; mas uma noite a pequena mesa, depois de vinte minutos de espera, se inclinou va-

(Continua na pág. 34)

CARAS E CARETAS

De PERY RIBAS

TANIS CHANDLER, é uma encantadora francesinha que foi "modêlo" de Powers e infalivelmente tinha que ir para Hollywood, onde acaba de ter sua "chance" no primeiro filme

independente de Arthur Lake — "Crime submarino", o movimentado filme de aventuras sobre os pescadores de esponjas da Florida, fotografado em belo "Anso Color", que a Monogram

vai apresentar-nos, ao lado de Lon Chaney, o produtor Lake, Lloyd Bridges e Eric Feldary. Esteve durante algum tempo contratada pela 20th-Century-Fox, fazendo "bit parts" até que conseguiu seu primeiro papel de destaque ao lado de George Sanders e Lucille Ball, em "Emboscada" ("Lured") de Hunt Stromberg para a U. A., versão americana do famoso filme francês de Siodmak, "Ciladas", no qual a veremos no papel da vítima. Tanis é uma pequena de grande personalidade que fará de certo bonita carreira no cinema americano.





ADRIANO RIMOLDI, o Don Juan daquela filmagem da vida do lendário personagem, inspirada no "Don Giovanni", de Mozart (que principiou nas mãos de Abel Gance e terminou nas de Dino Falconi, produzida pela Scalera), nasceu em Firenze, a 3 de agosto de 1914. Estudou para médico, porém, descobriu que o cinema era a sua vocação e dedicou-se à carreira cinematográfica. Seu primeiro filme foi "Il signore della taverna", em 1939. Desde então, tem interpretado muitos filmes, dos quais vimos "Os amores de Carmen", com Viviane Romance, no papel do tenente, e o "Don Juan" citado. Breve, o veremos em "Adeus mocidade", com Maria Denis e Clara Calamai, que será um dos novos sucessos da Europa Sul-América Filmes. Outros filmes do repertório de Adriano são: "Miséria e nobilità", "Il ponte di vetro", "La compagnia della Teppa", "A tragédia da Tosca", "Capitan Tempesta", "I bambini ci guardano", e "Dora e le spie". Filmou na Espanha, "Il colpevole".



CLARA CALAMAI, a bela esposa do Conde Leonardo Bonzi, que esteve entre nós com o famoso "Angelo dei bimbi", nasceu em Prato, no dia 7 de setembro de 1915 e está no cinema desde 1937, tendo aparecido até agora em mais de trinta filmes, dos quais vimos apenas "Ettore Fieramosca", "Os piratas da Malásia" e "Caravaggio, o pintor maldito". Entretanto, breve veremos várias de suas películas, entre elas: "Adeus mocidade", do malogrado Poggioli, "A farsa trágica", "Obsessão", "O tirano de Pádua", "Henrique IV" e "Amanti senza amore", a última filmagem de "A sonata de Kreutzer", de Tolstói, com Roldano Lupi e Jean Servais. Também já filmou na Espanha, onde fez "Quando gli angede dormono". Vemo-la na foto em "Adeus mocidade", o cébre "Addio giovinezza", a comédia de Sandro Camazio e Nino Oxilia, que este último dirigiu em sua primeira versão no longínquo 1913, em Turim, e depois foi refilmada, em 1918.



CHARLES IRWIN, é outro ator pouco conhecido dos "fãs" pelo nome, embora este'a no cinema, praticamente desde a infância do cinema falado. Seu primeiro trabalho em Hollywood foi no famoso "O Rei do Jazz", o primeiro "musical" que a Universal apresentou, em 1930, com cenas coloridas (no velho técnico de duas cores), em que Paul Whiteman aparecia no papel-título e os brasileiros Lia Torá e Olympio Guilherme, como "mestres de cerimônio", apresentando o filme em português... Depois, Charles andou nos "shorts" Vitaphone e tornou-se ator característico de muitos filmes. Entre eles: "O lírio dourado" (que deu fama a Fred Mac Murray), "Luz que se apaga", "Concerto macabro" e muitos outros. Irwin secunda Johnny Sheffield em seu primeiro filme da série "Bomba-Filho da Selva", da Monogram, um "septatone" com Peggy Ann Garner, que vai fazer a delícia de muita gente.



BARTON MAC LANE, foi um ator que teve o seu tempo quando era contratado exclusivo da Warner Bros e aparecia nos grandes filmes de Burbank, entre eles o cébre "Inferno negro", de Michael Curtiz, com Paul Muni, que a censura brasileira mutilou de tal forma que perdeu quase todo o seu valor, quando foi apresentado ao nosso público. Também teve um belo papel na versão de "O médico e o monstro" de Spencer Tracy. Hoje, Barton trabalha pouco, mas ainda é um tipo admirável de bandido como o foi no passado, como vocês verão em "Um galante audacioso", o "western" cômico da Allied que satirisa os "baldmen" do velho Oeste, derrotados por um inofensivo armeiro da Bowery que vai fazer fortuna na terra dos homens máus — Eddie Albert... Barton nasceu em Columbia, S. C., no dia de Natal de 1902. Trabalhou no palco. Estrelou em Hollywood naqueles belos "westerns" tirados das Zane Grey, que a Paramount fez com Randolph Scott.

Pequeno mundo antigo

(Continuação da pág. 31)

garosamente para um lado, levantando um pé no ar, tornou a abaixar, tornou a se soerguer, com grande pavor de Ester, com grande júbilo de Luísa e do professor. Na noite seguinte cinco minutos bastaram para que a pequena mesa se soerguesse. O professor ensinou-lhe o alfabeto e tentou uma evocação. A mesa respondeu batendo o pé no chão segundo o alfabeto que lhe tinha sido sugerido. O espírito evocado deu o seu nome: Van Helmont. Ester tremia de medo como uma fôlha, o professor tremia de emoção, queria comunicar a Van Helmont que tinha na biblioteca as suas obras; mas Luísa lhe rogou que perguntasse onde estava Maria. Van Helmont respondeu: "aqui ao lado". Então Ester, lívida como um cadáver, se levantou dizendo que não queria continuar: nem as lágrimas nem as súplicas de Luísa conseguiram persuadí-la. Aquilo era pecado, pecado! Ester não possuía um sentimento religioso profundo, mas sentia medo do diabo e do inferno. Isso, sim, muito. Durante algum tempo não foi possível recomear as sessões. Ester sentia horror e seu marido não ousava contradizê-la. Foi Luísa que a custo de rogos obteve uma combinação: as sessões recommearam mas Ester não tomaria mais parte nelas.

Não quis nem mesmo saber o que nelas se passava. Apenas, quando via o marido preocupado, distraído, lhe lançava uma alusão amuada às práticas secretas do escritório. Ele então se afligia, dispunha-se a desistir, e era Ester quem se sentia fraca ao dar com Luísa. E isso porque indirectamente compreendia que Luísa acreditava estar-se comunicando com o espírito da menina. Dissera-lhe certa vez: — Amanhã à noite não venho porque Maria não quer. — E, duma outra feita: — Vou a Looch porque Maria quer uma flor da avó. Ester achava incrível que uma cabeça lúcida e forte como a de Luísa se confundisse assim. E ao mesmo tempo compreendia a dificuldade imensa de convencê-la por boas maneiras e a crueldade de fazer pressão com violência.

O professor acendeu uma vela e saiu da saleta, seguido por Luísa, indo para o escritório. Já conhecemos o escritóriozinho semelhante a uma cabine de navio, com as estantes cheias de livros, a chaminé, a janela que dá para o lago, a poltrona onde Maria dormiu durante a noite de Natal. Agora aí havia a mais, entre a chaminé e a janela, uma pequena mesa redonda com um pé central que se dividia em três um palmo antes de chegar ao assóalho.

— Sinto muito — disse Gilardoni, entrando — causar tanto desgosto a Ester. — Pousou a vela em cima da escrivaninha e em lugar de dispor, segundo o hábito, as cadeiras em redor da mesa, foi olhar pela janela a claridade vaga da água e do céu nas sombras da noite. Luísa ficou imóvel e logo ele se voltou subitamente como se lhe houvesse tido, por virtude magnética, a angústia imensa. Viu-lhe no rosto a perplexidade, percebeu que ela cuidava estar ele resolvido a acabar

com aquilo, por mais tentado que fosse a satisfazê-la. Então o Gilardoni lhe tomou comovido as mãos, disse quanto Ester era boa, que a amava tanto, que nem ele nem ela teriam jamais procurado causar-lhe voluntariamente uma aflição. Luísa não respondeu, mas o professor teve que lutar para que ela não lhe beijasse as mãos. Enquanto colocava no meio do cômodo a mesa e as duas cadeiras, ela se sentou na poltrona, como oprimida.

— Pronto — disse o professor.

Então Luísa tirou do bolso uma carta e lha estendeu, dizendo:

— Esta noite preciso tanto de Maria e do senhor! Leia, é de Franco. Pode começar da quarta página em diante.

O professor não compreendeu estas últimas palavras, aproximou-se da luz e leu alto:

"Turim, 18 de fevereiro de 1859. Minha Luísa. Sabes que já não me escreves há quinze dias?"

— Pode saltar todo esse trecho — interrompeu Luísa mas depois corrigiu: — Não. Leia, é melhor.

— O professor continuou:

"Esta é a terceira carta que te mando depois que recebi a tua do dia 6. Fui talvez na primeira muito impetuoso, e decerto te feri. Este meu abençoado temperamento, que não somente me faz dizer palavras exaltadas quando o sangue me sobe, mas também escrevê-las! E este abençoado sangue que, aos trinta e dois anos feitos, se esquentava como aos vinte e dois! Perdoa-me, Luísa, e permitame que volte ao assunto de modo a retomar aquelas palavras que te podem haver ofendido.

Agora não se fala mais em mesinhas nem em espíritos; de outra coisa não se fala a não ser de diplomacia e de guerra; mas, algum tempo atrás se falou muitíssimo, e várias pessoas que eu estimo e respeito acreditavam nisso. De algumas sei positivamente que

estavam iludidas mas não duvidei nunca, quando me referiam comunicações tidas com os espíritos, da sua boa fé. Acho que a imaginação, excitada, possa fazer ouvir e ver como real aquilo que não é. Mas quero crer que no teu caso te engane a imaginação, que a mesinha aí se mova e se exprima deveras conforme dizes. Andei mal em ter pôsto isso em dúvida, confesso-te, já que estás de tal forma segura de não te enganares e porque conheço suficientemente a honestidade do professor Gilardoni. Mas é que aí há, além do mais, para mim uma questão de sentimento. Eu sei que a minha suave Maria vive em Deus, tenho a esperança de ir ter um dia, com outras almas que me são caras, para onde ela está. Se me aparecesse espontaneamente, se eu ouvisse, sem a haver chamado, o som da sua voz viva e autêntica, decerto eu não poderia suportar um júbilo tamanho; mas, chamá-la, obrigá-la a vir, isso não quererei nunca. Isso me repugna, é contrário àquele sentimento de veneração que tenho por um Sêr tão mais perto de Deus do que de mim. Também eu, Luísa, falo ao nosso tesouro todos os dias. Falo-lhe de mim e também de ti, sabendo que nos vê, que nos ama, que poderá ainda muito, mesmo nesta vida, fazer por nós. Assim quereria eu que fossem os teus colóquios com ela; e se, respondendo à carta em que aludias a uma comunicação dela me exprimi de modo acerbo, perdoa-me, levando em conta não somente o meu temperamento vibrátil como outrossim as minhas idéias e os sentimentos que fazem parte da minha natureza.

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

PELO REEMBOLSO POSTAL
Não remetemos por via aérea

Cr\$ 55,00
Sem qualquer outra despesa

Faça seu pedido à

Perfumaria Exótica

RUA CAMPOS DA PAZ, 165 — RIO
Enviamos catálogos a quem solicitar

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna. A venda nas boas farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade, use estes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor (exigir a embalagem verde)

E lembre-se de que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas e cabelos brancos está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26-27 - S. Paulo

Remessa pelo Reembolso Postal

Perdoa-me também levando em conta a superexcitação em que se vive aqui. A minha garganta vai bem; desde que se começou a falar em guerra, joguei fora cânfora e água sedativa; mas os nervos estão sobremaneira tensos e acho que só em serem tocados despedem centelhas. Isso decorre também do intenso trabalho que temos no Ministério, onde não há mais horário e onde quem mais goza de confiança, mesmo não passando dum secretário de terceira classe, mais deve se estafar. Quando obtive este lugar por bondade do conde Cavour, tive a impressão de comer traiçoeiramente o pão do Estado. Agora já não penso assim; mas estou para me arredar de toda esta trabalhadeira, o que me leva a um outro assunto que retenho no coração faz tempo e que te passo a expor com uma emoção indizível.

Dentro de oito dias os meus amigos e eu nos alistaremos no exército como voluntários enquanto durar a campanha. Entraremos para o 9º de Infantaria aquartelado em Turim. Aqui no Ministério querem que eu fique e tratam de me segurar, mas minha idéia é ter já instrução no regimento para quando vier a campanha. Assim pois concordei em não deixar a repartição senão na véspera de me inscrever.

(Continua no próximo número)



Vinhos puros de uva...
 Matérias primas naturais...
 Litros sempre exatos...

VERMOUTH TORINO
DUBAR

Para os paladares mais exigentes, o Vermouth Torino Dubar é sempre uma delícia! Sua alta qualidade e seu sabor inigualável resultam de seu processo especial de fabricação: vinhos puros de uva, produzidos em cantina própria, em Jundiaí, matérias primas NATURAIS (ervas medicinais, frutas, etc.) cuidadosamente selecionadas e maturação adequada. Para a sua satisfação e para a sua saúde, exija sempre Vermouth Torino Dubar!

No empório e no bar - peça **DUBAR!**

GIN DUBAR E COGNAC 5 ESTRELAS DUBAR

Experimente também estes dois incomparáveis produtos da grande linhagem DUBAR



HÁ UMA DELÍCIA DUBAR PARA CADA PALADAR!

Vermouths, Cognacs, Gin, Licores, Aperitivos e Xaropes de alta qualidade e pureza absoluta, para os paladares mais exigentes. Simples ou em cocktails, os produtos DUBAR são uma delícia.

FOLHETO "DRINKS DUBAR"

A Agência DUBAR - São Paulo
 Rua Frederico Steidel, 156 - 1º andar
 Queiram remeter-me, **GRATIS**, o folheto de receitas para coquetéis DUBAR.

NOME.....
 RUA..... N.º.....
 CIDADE..... ESTADO.....

UM BELO PRESENTE

O ALBUM DE "A CENA"

UM RICO BRINDE DE A CENA MUDA AOS SEUS LEITORES; UM PRESENTE ESPECIAL PARA AS FÉRIAS DO MEIO DO ANO COM 100 PÁGINAS.

RETRATOS DOS GRANDES ARTISTAS DA TELA, DO RÁDIO, DO TEATRO, DA MÚSICA EM PÁGINAS INTEIRAS, MUITAS DELAS COLORIDAS, COM BIOGRAFIAS NO VERSO.

A HISTÓRIA DO CINEMA EM DIVERSOS PAÍSES DO MUNDO.

MANDE DESDE JÁ RESERVAR O SEU EXEMPLAR.

O MARAVILHOSO ALBUM SERÁ VENDIDO EM TODOS OS POSTOS DE VENDA DE REVISTAS DO BRASIL AO PREÇO DE CR\$ 20,00.

**A' venda em todos os pontos
de jornais**



PEDIDOS PELO REEMBÓLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO À

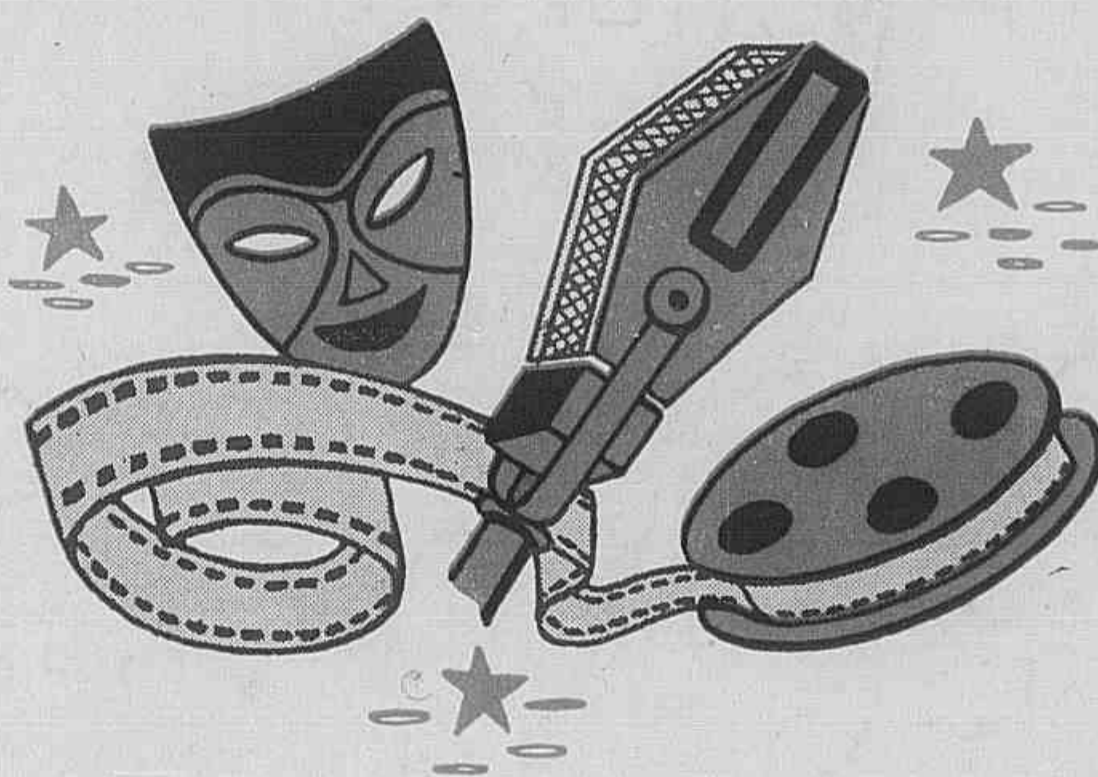
Companhia Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 - Rio

Album de
A CENA
MUDA



F81



JUNHO — 1949

PREÇO CR\$ 20,00

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CIVIL E religioso



031 — Cr\$ 215,00 - Finíssima camurça branca, salto Luiz XV, 7 1/2 - 6 1/2 - 5 1/2 e 4 1/2.



030 — Cr\$ 220,00 - Finíssima camurça preta, salto Luiz XV 6 1/2 - 5 1/2 e 4 1/2.

insinuante

E' A SAPATARIA DAS MULHERES BONITAS, E E' TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSICAO

CARIOCA, 46-48 • SETE DE SETEMBRO, 199-201



A OS inúmeros leitores de A CENA MUDA oferecemos este album. Um album de gravuras, textos e biografias, confeccionado dentro de um completo interesse de servir a todos que semanas e semanas, meses e meses, anos e anos oferecem a A CENA o seu apoio incondicional. E' aos leitores que se espalham por todo o imenso Brasil que dedicamos este trabalho. E esperamos que a obra que aqui se apresenta alcance o seu objetivo. Não seguimos, na confecção do presente album, a qualquer espécie de ordem — nem a cronológica, nem a alfabética. O album, como os leitores irão observar, representa uma seleção de conhecidos nomes, nacionais e estrangeiros, do cinema, teatro, rádio e música popular. Em quarenta e sete fotos apenas, foi-nos difícil concentrar todos os artistas que de fato e de direito mereciam estar aqui estampados. O resultado foi que tivemos que suprimir nomes famosos e populares, e isso talvez possa estranhar a alguns fãs ardorosos. Infelizmente nomes tinham de ser cortados, pelo menos neste primeiro album. Que eles esperem pela próxima publicação, se o presente trabalho alcançar o êxito que esperamos. E que critério seguimos na seleção dos artistas para ilustrar o nosso trabalho? O critério da popularidade, justamente o que nos pareceu o mais justo e o mais objetivo. Todas as fotografias aqui inseridas pertencem a artistas de indiscutível prestígio perante o grande público brasileiro, popularidade comprovada através de seguras observações. Acompanhando as quarenta e sete fotografias, todas com suas respectivas biografias, colocamos também, no presente trabalho, artigos sobre os cinemas de alguns países, e um apêndice sobre música popular, assinados por entendidos no assunto.

INGRID BERGMAN
ROBERT TAYLOR
MARLENE
RITA HAYWORTH
DICK HAYMES
MARIA FELIX
VAN JOHNSON
ESTHER WILLIAMS
CELSO GUIMARÃES
CLARK GABLE
ALIDA VALLI
LINDA DARNELL
BING CROSBY
EMILINHA BORBA
GREER GARSON
DICK FARNEY
MERLE OBERON
AMEDEO NAZZARI
ALAN LADD
CARMEN MIRANDA
ANTÔNIO VILAR
LENA HORNE
RODOLFO MAYER
CORNEL WILDE
ARACI DE ALMEIDA
ROY ROGERS
PEGGY LEE
GREGORIO BARRIOS
LINDA BATISTA
JOAN FONTAINE
LUIS TITO

FOTOS E BIOGRAFIAS

Organização de
Luiz Alipio de Barros

MARA RUBIA
JAMES MASON
ANN SHERIDAN
ISMÊNIA DOS SANTOS
LAUREN BACALL
ANSELMO DUARTE
DEANNA DURBIN
BOB NELSON
MARIA MONTEZ
BIBI FERREIRA
GLENN FORD
HELOISA HELENA
TYRONE POWER
JANE WYMAN
DIRCINHA BATISTA
CARY GRANT

ARTIGOS

CINEMA BRITÂNICO

Por MONIZ VIANA

CINEMA ESCANDINAVO

Por RAGNA JACKSON

CINEMA NORTE-AMERICANO (cinema mudo)

Por LUIZ ALIPIO DE BARROS

CINEMA BRASILEIRO

De PERY RIBAS

CINEMA ITALIANO

De ALEX VIANY

CINEMA RUSSO

Por GINO PALMISANO

CINEMA DE IDIOMA ESPANHOL

De AVELINO AGUIAR

CINEMA PORTUGUÊS MÚSICA POPULAR

Por SYLVIO TULIO CARDOSO



Robert Taylor

(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)



Marlene

(Foto de Halfield)

MARLENE, a atômica Marlene, recebeu no momento em que foi batizada um nome muito diferente: Vitória. Vitória Bonainti. Tendo ingressado no rádio através da Tupi, de São Paulo, Marlene, após exercer as funções de escriturária numa firma bandeirante, veio experimentar o **broadcasting** carioca, estreando nos programas de estúdio da Rádio Mayrink Veiga, de onde saiu para ingressar na Globo, passando-se depois para a Nacional, sua atual emissora. Paulista de nascimento, chegou a ocupar importante cargo no diretório acadêmico de uma escola superior, além de animar os programas universitários das estações paulistanas, no decorrer de 1942. Cantora de música popular, sua voz tornou-se conhecida de todos os ouvintes, razão da sua numerosa correspondência e dos insistentes pedidos de fotografias. Em matéria de artistas de rádio ela gosta de todos, ao passo que no cinema sua preferência recai em Bette Davis, Spencer Tracy e Paul Muni, enquanto que no teatro é francamente por Oscarito. Popularíssima, Marlene muito merecidamente foi eleita Rainha do Rádio de 1949, num pleito sensacionalíssimo em todos os sentidos. Sua eleição alcançou um astronômico número que ultrapassou a casa dos quinhentos mil votos. Traduzindo isto em dinheiro, teremos então cifra superior a quinhentos mil cruzeiros, visto que os votos foram vendidos a razão de 1 cruzeiro cada, em benefício da Casa do Radialista. Marlene vai aparecer novamente no cinema, fazendo um papel em "Caminhos do Sul", película baseada no conhecido romance de Ivan Pedro de Martins.



Rita Hayworth

(Foto Columbia)

* * * * *

RITA HAYWORTH, ou melhor, Marguerita Carmen Cansino, nasceu em Nova York, no dia 17 de outubro de 1919. Filha do bailarino espanhol Eduardo Cansino e da atriz norte-americana Mary Haworth, irmã do famoso ator Joseph Haworth. Recebendo do pai magníficos ensinamentos sobre a arte de dançar, a pequena Marguerita obteve um ótimo sucesso ao estreiar, aos 14 anos, como profissional, no "Carthay Circle Theater", de Los Angeles. Dali rumou a **troupe** dos Cansinos para o famoso cabaré de Agua Caliente, com um contrato para quatro semanas. Naquela ocasião o produtor Winfield Sheenan andava veraneando em Agua Caliente. Viu Marguerita e achou que ela era o tipo perfeito de "Ramona". Contratou-a e a levou para Hollywood. Mas aconteceu qualquer coisa inexplicável, pois Marguerita estreou em "Inferno de Dante", enquanto que "Ramona" era estrelado por Loretta Young. Mas, de qualquer maneira, a carreira cinematográfica de Marguerita estava decidida. Trocou o nome para Rita. Rita Cansino. E ficou em Hollywood lutando por um lugar ao sol, "cavando" papeizinhos em filmes de segunda classe, "westerns" estrelados por George O'Brien, Tom Keene e Tex Ritter, e fazendo papéis de ingênua nos filmes de Jane Withers e Pimky Tomlin. A melhor coisa que lhe deram naquela época foi o principal papel feminino de "Charlie Chan no Egito", com o falecido Warner Oland, e também um bom "role" em "Sob o luar dos pampas", ao lado de Warner Baxter. Terminado o seu contrato com a Fox (a Fox foi sua primeira companhia em Hollywood), Rita arranhou outro, desta vez com a Columbia. Trocou o nome mais uma vez. Pegou o Haworth, acrescentou um "y" e terminou como Rita Hayworth. A Columbia deu-lhe então bons papéis em "Anjos da Broadway" e "Paraíso infernal". No primeiro Rita contracenou com Douglas Fairbanks Junior e no segundo com Cary Grant. Logo em seguida emprestou-a à 20th Century-Fox para o papel de "Doña Sol" em "Sangue e areia", a versão em que Tyrone Power interpretou Juan Gallardo. Em seguida, Rita fez para a Columbia: "Modelos", "Gilda", "Quando os deuses amam", "A dama de Shangai" (com Orson Welles) e "Carmen". Divorciada de um magnata do petróleo, Rita casou-se em 7 de setembro de 1943 com Orson Welles, de quem se divorciou em 10 de novembro de 1947. Rita e Welles têm uma filha, Rebecca, nascida em 17 de dezembro de 1944.

* * * * *



Dick Haymes

(Foto Universal-International)

* * * * *

DICK HAYMES (Richard Haymes) nasceu em um dia 13 de setembro, no rancho de seu pai, na Argentina, nos arredores de Buenos Aires. Seu pai, inglês, vivera nos Estados Unidos antes de se trasladar para a República Argentina. Sua mãe, embora irlandesa, também fôra criada na América do Norte. Sob seu nome de solteira, Marguerite Wilson, atingira a celebridade como "estrêla" de comédia musical. Quando Dick estava com dois anos, sua mãe levou-o, bem como seu irmão mais velho, para Nova York. Depois de um ano na grande cidade, os Haymes mudaram-se para Santa Barbara, California, onde viviam os avós do menino. Pouco depois sua mãe reiniciava sua carreira teatral e os rapazes viajaram com ela por quase todo o mundo. Dick frequentou escolas na Suíça, França, Inglaterra e Canadá; viveu em Paris, com ausências esporádicas, durante dez anos, e fala francês fluentemente. Viveu em Hollywood de 1933 a 1938. Depois rumou para Nova York, onde um encontro com Harry James modificou seu destino. O famoso "leader" entusiasmou-se com sua voz e lançou-o como vocalista de sua orquestra. Foi Helen O'Connell que mudou sua vida pela segunda vez, apresentando-o a seu agente, Bill Burton. Este colocou-o no La Martinique, um grande lugar para cantores, em Nova York, e arranhou-lhe um contrato com a Decca; um de seus primeiros discos foi o famoso "You'll Never Know", com um "background" vocal, cuja venda em pouco tempo ultrapassou 1 milhão e tornou Dick o "Rei das Vitrolas Automáticas". Quatro meses depois assinava um contrato de sete anos com a 20th Century-Fox, onde estreou com "Quatro moças num jeep". Além de cantar, Dick tem diversas outras habilidades. Foi durante dois anos campeão de natação em Cannes. É perito em tênis, navegação e "sky". Apesar de seu fracasso como compositor, tem vendido diversas canções. Vendeu ainda diversos artigos para o Atlantic Monthly e outras revistas. Divorciou-se de Joanne Marshall (hoje a atriz Joanne Dru). O casal tem um filhinho, apelidado por "Skipper", mas cujo nome verdadeiro é Richard Ralph. Filmes de Dick Haymes: "Quatro moças num jeep", "Olhos travessos", "Mulheres e diamantes", "Corações enamorados", "A professora se diverte", "The Shocking Miss Pilgrim", "Carnival in Costa Rica" (todos da 20th Century-Fox), "Um sonho desfeito" (da Universal), etc.

* * * * *



Van Johnson

(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)

* * * * *

VAN JOHNSON, o "astro" ruivo da Metro, nasceu em 25 de agosto em Newport, Rhode Island — e fez seus estudos em escolas daquela cidade. Tem seis pés de altura, cabelos vermelhos e olhos azuis. É casado com Eve Abbot e tem uma filhinha, que nasceu no dia 6 de janeiro de 1948. Começou ganhando a vida como estenógrafo, depois fez serviços de contabilidade, tornou-se bailarino de variedades e, finalmente, ator de cinema. No teatro tomou parte em "New Faces", "Eight Men of Manhattan", "Too Many Girls" e "Pal Joey". Entre seus filmes figuram "Dois no céu", "A comédia humana", "Madame Curie", "Duas garotas e um marujo", "Trinta segundos sobre Tóquio", "Três homens de branco", "Evocação", "Entre duas mulheres", "Paixão em jôgo", "Aqui começa a vida", "Sem licença nem amor", "Quando as nuvens passam", "Reconciliação", "Anjo sem asas", "Quem manda é o amor", "Sua espôsa e o mundo" e "Trágica decisão" (Command decision), filme dirigido por Sam Wood. Van Johnson é dos nomes masculinos da "constelação" Metro-Goldwyn-Mayer o que maior correspondência recebe. Sua "fan mail" é impressionante — e aumenta de dia para dia. Sua maior ambição é, um dia, dirigir um filme. "Nem que seja um simples complemento de programa, mas ainda dirigirei um filme" — diz Van Johnson. Gosta imenso de teatro e sua biblioteca, nesse particular, é grande. Entretanto, prefere trabalhar no cinema. "Talvez porque assim posso viver na Califórnia, a terra mais amável do mundo". O caso Van Johnson é também um notável caso de popularidade. Van pode ser considerado como um dos atores preferidos pelas mocinhas de todo o mundo.

* * * * *



Esther Williams

(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)

ESTHER WILLIAMS nasceu mesmo em Los Angeles, nas proximidades de Hollywood, mas foi em San Francisco que sua estrêla começou a brilhar. Foi no dia 8 de agosto que Esther Williams veio ao mundo. Fêz seus primeiros estudos no Los Angeles City College, e na Universidade da California — e, quase ainda uma menina, começou a brilhar fulgurantemente em piscinas, praticando proezas como nadadora. Não tardou a levantar campeonatos, bater "records", e se não fosse a guerra teria ido à Finlândia representar os Estados Unidos como nadadora. Billy Rose, o famoso empresário, soube de seu valor como nadadora, viu-a e contratou-a para o seu "acqua-show" na Exposição Internacional de San Francisco. Foi tal o sucesso de Esther Williams ali que os estúdios logo se interessaram por sua pessoa. Ganhou a Metro-Goldwyn-Mayer, que a fez aparecer pouco depois num filme da família Hardy, com Mickey Rooney. Seus filmes: "A dupla vida de Andy Hardy", "Dois no céu", "Escola de sereias", "Ouro no barro", "Paixão em jôgo", "Ziegfeld Follies", "Festa brava", "Saudade de tous lábios", "Quem manda é o amor", "Numa ilha com vocô", sendo "A bela ditadora" o mais recente. Esther Williams desposou, em 1945, Ben Gage, destacada figura do rádio. Tem olhos castanhos claros, cabelos castanhos escuros e cinco pés de altura. Sua grande mania é decorar sua casa, o que não deixa de ser um "hobby" adequado para uma autêntica dona de casa.



Celso Guimarães

(Foto de Halfeld)

CELSONO GUIMARÃES nasceu na cidade de Jundiá, São Paulo, no dia 23 de novembro de 1907. Terminado o curso preliminar na sua cidade natal, transferiu-se para Campinas, onde completou os estudos comerciais no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Quando começou o curso da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, abandonou o comércio e passou a colaborar em alguns jornais do Estado, chegando a assumir a direção do "Século", semanário de divulgação literária. A sua estréia em microfones, deu-se na Rádio Record. Mais tarde, em abril de 1932, foi chamado por Wallace Downey para o **cast** da Cruzeiro do Sul. Na Cruzeiro do Sul foi o lançador da primeira "Hora de Calouros" do **broad-casting** brasileiro. Da Cruzeiro do Sul passou-se para a Educadora paulista, onde foi apanhá-lo uma proposta da Nacional para seu **speaker** chefe e diretor artístico. Foi também durante muito tempo o diretor do "Teatro em Casa" da P.R.E-8. No cinema nacional apareceu em vários filmes, entre os quais "Fazendo fita", "Argila", "Luz dos meus olhos" e "Asas do Brasil". Além de **speaker**, ator cinematográfico e rádio-ator de prestígio, Celso Guimarães é autor, tendo escrito, para o **cast** da Nacional, inúmeros trabalhos, destacando-se a rádio-peça "Escravo do sol". Não faz muito foi lançado um novo trabalho cinematográfico do simpático e querido homem de rádio e cinema. Trata-se de "Terra violenta", filme baseado no conhecido romance do escritor baiano Jorge Amado.



Clark Gable

(Foto Universal-International)

* * * * *

CLARK GABLE — seu nome completo é William Clark Gable — nasceu na cidade de Cadiz, Ohio. Coursou escolas em Hopedale e Ravenna. Teve vários ofícios antes de entrar para o teatro e, mais tarde, para o cinema. Chegou a ser até lenhador, numa época em que os apuros foram maiores... E' viúvo da saudosa Carole Lombard, com quem se casou em março de 1939. No teatro, Clark Gable trabalhou em "The Great Diamond Robbery", "The Copperhead", "Lady Frederick", "Madame X", "What Price Glory", "Romeo and Juliet" e "The Last Mile". Foi por vê-lo nesta última peça que Lionel Barrymore teve a idéia de que o rapaz poderia fazer alguma coisa no cinema. Como se vê, Lionel Barrymore soube ter idéia... São inúmeros os seus filmes, vários os seus grandes sucessos. Seu primeiro filme foi "The Painted Desert", que nunca chegou a ser exibido no Brasil. Começou a destacar-se em filmes como "A Guarda Secreta", "Tentação de luxo", "Uma alma livre" e outros. Mas sua carreira sensacional começou verdadeiramente quando interpretou "Possuída", com Joan Crawford, vindo depois "Susan Lenox", "Mentiras da vida", "Mares da China", "A Irmã Branca" e "Amor de dançarina". Muitos são os sucessos da carreira de Clark Gable, entretanto. Não é possível deixar-se de citar filmes como "Aconteceu àquela noite", "O grande motim", "Ciúmes", "San Francisco, a cidade do pecado", "Com o amor não se brinca", "Parnell", "Saratoga", "Piloto de provas", "Este mundo louco", "...E o vento levou", "Fruto proibido", "Inimigo X", "Quero-te como és", "Ainda serás minha", e outros. Entre seus filmes mais recentes figuram "Aventuras", "Mercador de ilusões", "O amor que me deste" e "Trágica decisão" (Command Decision), éste sob a direção de Sam Wood. Gable tem sempre trabalhado na Metro, e é ainda um dos grandes "tiros" de bilheteria da Marca do Leão. Um perfeito exemplo de longevidade, coisa que raramente acontece com os galãs de Hollywood. Um caso que merece uma menção especial.

* * * * *



BING CROSBY

Bing Crosby

(Foto Paramount)

À muitas razões que explicam a extraordinária popularidade de Bing Crosby. Inicialmente, claro é, está sua voz maleável, rica em nuances, emocional e lírica. A forma em que êle canta tem um encanto único, que agrada a todos. Basta que êle cante pela primeira vez uma canção para que, de acôrdo com estatísticas autorizadas, 50 mil cópias de tal música possam ser consideradas como vendidas. Em cada minuto que passa, em algum lugar dos Estados Unidos, de dia ou de noite, há sempre alguém ouvindo uma canção de Bing Crosby. Entretanto, ser um bom cantor não seria suficiente. Existem numerosos bons cantores no rádio dos Estados Unidos. O que não existe, porém, é outro cantor que personifique, em forma tão completa, o que se conhece como Americanismo. Bing Crosby é o homem que qualquer norte-americano gostaria de ser. Êle nunca pretende ser o que não é. Por exemplo, apesar de haver recebido o prêmio da Academia de Artes e Ciências de Hollywood, com o título de "o melhor ator" de 1944, Crosby não é nem pretende ser o que se considera um "grande ator". A renda de Bing Crosby merece atenção. Basta dizer que, brevemente, deverá cantar em Londres, por contrato com o empresário Maurice Winninck, recebendo nada menos de 100.000 cruzeiros por "show", ou seja, 800.000 cruzeiros pelos oito "shows" que o contrato prevê. Mas isto é apenas uma pequena parte da renda do Cantor Número Um do rádio norte-americano. Os programas que tem nas estações dos Estados Unidos, e que são ouvidos da costa do Atlântico à costa do Pacífico, dão-lhe lucros que o colocam entre as 20 pessoas que mais ganham em terras de Tio Sam. Para quem ganha tanto, Bing Crosby vive modestamente. Sua casa, em Los Angeles, não se parece com um palácio das Mil e Uma Noites, como as residências de alguns "astros" cinematográficos que ganham menos que êle. Em seu lar confortável, mas sem pomposidade, recebe os amigos, em sua maioria gente da classe média, e nunca oferece uma dessas festas que recordam os festins dos antigos imperadores romanos. É um católico fervoroso, e de vez em quando canta no côro de alguma das igrejas que frequenta assiduamente. Tem quatro filhos, e os educa a todos em maneira espartana. O mais velho, que se chama Gary, esteve até bem pouco trabalhando como peão numa fazenda de Nevada, ganhando um dólar por dia para arrancar guanxuma. Nasceu em 1914, na cidade de Tacoma, no Estado de Washington. Seu verdadeiro nome é Harry Lillis Crosby. O apelido Bing vem do fato que, quando era garoto, gostava de brincar de bandido, e cada vez que pretendia dar um tiro, com um revólver de madeira, gritava: Bing, Bing, Bing! Em sua primeira juventude, foi mandado para a universidade de Gonzaga, em Spokane, para estudar Direito. Mas a música o atraiu mais, e formou um duo com um colega, indo cantar em Los Angeles. Posteriormente, Paul Whiteman, o grande maestro popular dos Estados Unidos, contratou o jovem cantor, e daí por diante a vida de Crosby transformou-se numa sucessão de êxitos cada vez maiores.



Emilinha Borba

(Foto de Halfe)

* * * * *

EMILINHA BORBA iniciou sua carreira artística na Rádio Cruzeiro do Sul, através da "Hora Juvenil", programa que reunia uma turma de candidatos ao estrelato. E tão sensacional foi sua estréia que os entendidos previram um futuro brilhante para a atual exclusiva da P.R.E-8. Da Cruzeiro, Emilinha passou-se para a malograda Cajuti, de onde saiu para formar dupla com Bidu Reis na Rádio Mayrink Veiga. Mais tarde ingressou na Ipanema e daí foi para a Nacional, mantendo-se até hoje nesse prefixo. Carioca de nascimento, a vitoriosa cantora é francamente partidária das novelas, a ponto de rejeitar contratos para **tournées** pelos Estados para não perdê-las. Afirma gostar mais de uma boa história seriada do que de um filme. Principalmente quando a "estrêla" é Ismênia dos Santos. Sem ter preferência por êste ou aquêle artista, não alimenta vaidades nem adota pôses estudadas. Seu gênero de música preferido é o samba. Durante alguns anos foi uma das principais atrações do Cassino da Urca, onde cantava tôdas as noites os sambas de maior sucesso no momento. Criadora de grandes êxitos na nossa música popular, Emilinha pode ser considerada como uma das melhores e das mais populares intérpretes. Seu prestígio é invulgar por todo o Brasil, e excepcional é o volume de correspondência que recebe dos fãs. Entre os seus maiores sucessos interpretativos de todos os tempos figuram "Acapulco" (versão da canção estrangeira), "Escandalosa" e a discutidíssima "Chiquita Bacana", vencedora do Carnaval de 1949.

* * * * *

Cinema

Britânico

NA era silenciosa, quando russos e suecos, franceses e norte-americanos disputavam e se revezavam no primeiro plano, a rigor não existia cinema na Inglaterra. Não só a atividade dos estúdios britânicos era reduzida, como também, no tangente à repercussão, afirma-se que mesmo em Londres o filme inglês era recebido com frieza. E' verdade que já havia então algum Hitchcock ("Easy Virtue"), algum Asquith ("Shooting Stars"). Foi, todavia, somente com a primeira fita sonora de Hitchcock, "Blackmail" (1929) — da qual também se fez uma versão muda — e com "A Cottage on Dartmoor", de Anthony Asquith, que o cinema da Grã-Bretanha passou a merecer estudo e atenção. E apesar dos trabalhos subsequentes dos dois diretores mencionados, trabalhos da classe de "Tell England" e "Dance, Pretty Lady", bem como "Pygmalion", de Asquith, e "The 39 Steps" (39 degraus), "The Man who Knew too Much" (O homem que sabia de mais) ou "Jamaica Inn" (A estalagem maldita), de Hitchcock; apesar do extraordinário "Man of Aran", de Flaherty, de "Things to Come" (Daqui a cem anos), de William Cameron Menzies, e de "Elephant Boy", de Flaherty e Zoltan Korda; apesar de fatores dessa ordem, seria talvez ultrapassar o permissível se se fosse atribuir ao cinema inglês uma autonomia que lhe desse legitimidade artística. Porque filmes assim, com um definido caráter de originalidade — alguns até possuidores de certo ar, certo estilo da coisa inglesa — eram a exceção. A influência norte-americana, principalmente, fazia-se sentir sobre o grosso da produção. A situação pareceu agravar-se quando Hitchcock partiu para Hollywood, Flaherty emudeceu e a guerra cresceu subitamente sobre as Ilhas Britânicas.

Agarrados ao documentário como se este fôra uma tábua de salvação, os ingleses não submergiram. Debateram-se no quase nada e, em plena guerra, no instante em que os estúdios se viam ameaçados — alguns destruídos pelas bombas inimigas, outros inteiramente despovoados pelo recrutamento de artistas e técnicos — nesse instante de confusão e agonia, o cinema inglês se foi erguendo, lenta, pausada, mas inexoravelmente, até atingir um nível ótimo. Por meio do filme documentário — que foi o filme de experiência, de treinamento — conquistou-se a técnica, conquistou-se também uma soma inestimável de conhecimentos acerca da alma inglesa (que em "Brief Encounter" encontraria a síntese mais pura), da alma humana, enfim. No movimento documentário, iniciado um lustro antes da segunda Guerra Mundial e percorrendo-a toda, foi onde, no pensar de Roger Manvell, "a renascença do cinema britânico tomou primeiro sua forma permanente". Manvell fala em renascença; há quem fale em "novo cinema inglês", o que é um tanto diferente. Mas a questão se resume numa coisa: modificação.

Hoje é lícito falar em escola e até em estilo inglês — o que há alguns anos não seria aceito e mesmo repugnaria a muita gente. Dir-se-ia ainda que, durante a guerra, rompidos os laços com outros centros produtores, e a própria chegada mais difícil do filme americano à Inglaterra colaborando eficazmente, viram-se obrigados os fazedores de películas da Grã-Bretanha a procurar suas fórmulas e não tomá-las emprestado, a fim de que pudesse ser resolvida a equação cinematográfica. Por seleção e por ecletismo, essas fórmulas foram encontradas, deduzidas quase sem erro, e, sempre em desdobramento, vieram dar clima e autonomia artística ao filme inglês.

Dos realizadores hoje em atividade, raro é o que vem de um longo tirocínio no filme comercial de antes da guerra. Da sala de corte, da mesa de cenarista, da manivela de "camera-man", do documentário de longa ou de curta metragem, emergiram os novos elementos para substituir os diretores seduzidos pelos estúdios de Hollywood (Hitchcock, Zoltan Korda, Victor Saville, Tim Whelan, Robert Stevenson, Lothar Mendes) e colocar-se ao lado do veterano e incansável Anthony Asquith, de Carol Reed (quase um anônimo antes de 1939) e Brian Desmond Hurst, o primeiro continuando sem desfalecimento uma carreira proveitosa e os dois últimos revelados logo no início da guerra. Cavalcanti — o brasileiro que foi uma das mais importantes figuras do cinema silencioso na França, do movimento dito d'avant-garde, e, em Londres, erigiu-se em verdadeiro mestre do documentário, seguindo as pegadas de John Grierson, Flaherty e Harry Watt — e os diretores que se formaram em sua volta, nos estúdios da Ealing, Basil Dearden, Charles Crichton, Robert Hamer e Charles Friend, e ainda Frank Launder e Sidney Gilliat, Michael Powell e Emeric Pressburger, John e Roy Boulting, David Lean, Thorold Dickinson, Ronald Neame e Laurence Olivier são as principais revelações desse período.

Carol Reed, atualmente o maior cineasta inglês, despertou primeiro a atenção universal com "The Stars Look Down" (Sob a luz das estrelas, 1939), um admirável drama de mineiros — o "How Green Was My Valley" do cinema britânico — baseado em uma novela de A. J. Cronin. Antes, Reed havia realizado "Laburnum Grove", "Talk of the Devil", o muito elogiado "Bank Holiday", "Climbing High" e "Penny Paradise", todos desconhecidos do público brasileiro. A partir de "The Stars Look Down", ele assume um posto destacado. Os filmes que daí por diante dirige são solidamente construídos — "Night Train" (Gestapo), "The Girl in the News" (A ré inocente) •

"The Young Mr. Pitt" (O jovem Mr. Pitt), os que nos foram apresentados, e "Kipps", baseado em H. G. Wells, que aqui não foi exibido, embora seja considerado uma de suas maiores criações. A aparição, em 1947, de "Odd Man Out" (Condenado), fez ver em Reed, de maneira irrefutável, o cineasta. "Odd Man Out" é o grande dia deste diretor, senão o grande dia de toda a cinematografia inglesa. Reed, com "Odd Man Out", vai à altura de um Ford ou de um Carné. "Odd Man Out" está ao lado de "The Informer" (O delator) e "Quai des Brumes" (Cais das sombras).

Mas não só de Reed vive o cinema britânico. Ali está, operante, David Lean, que também faz parte da primeira turma. De "monteur" dos filmes de Paul Czinner, Lean passou pela companhia de Leslie Howard, Bernard Shaw, Asquith e Gabriel Pascal, em "Pygmalion", para tornar-se diretor com "In Which We Serve" (Nosso barco, nossa alma), de Noel Coward. Com este teatrólogo — que também tem suas veleidades cinematográficas — David Lean deu seus quatro primeiros passos no cinema e nunca as peças de Coward foram tão inteligente e cinematograficamente tratadas. E' verdade que realizou um defeituosíssimo "Blithe Spirit" (Mulher do outro mundo), mero e mau teatro fotografado. Mas nos deu um "Brief Encounter" (Desencanto), verdadeiro marco no cinema e o mais genuinamente britânico de todos os filmes. O mesmo se diz de "This Happy Breed", que não conhecemos, onde Coward, à maneira de "Brief Encounter", se despe de todo "snobismo" para retratar a vida de uma família burguesa, e onde Lean é um diretor consciente, sincero e pessoal. De Noel Coward ele passou a Dickens. O resultado conhecido: "Great Expectations" (Grandes esperanças), em que o autor de "David Copperfield" nunca é traído e nem por isso nos deixa o filme de oferecer instantes de alto cinema. Um resultado esperado: "Oliver Twist".

Dickens não foi esquecido no momento de renovação — Cavalcanti fixou na tela o "Nicholas Nickleby" — o mesmo acontecendo a Shakespeare. Laurence Olivier, apenas um bom ator até o dia em que resolveu adaptar e dirigir "Henry V", tomou a si a difícil tarefa de fazer o que outros não haviam feito ainda: cinema e não teatro filmado com Shakespeare. Nem "Henry V" — que dizem ter a grandeza plástica só encontrada em certas obras de Eisenstein, de Dreyer e de Ford — nem "Hamlet", o segundo filme shakespeariano de Olivier, nos foram exibidos, e é provável — uma probabilidade vergonhosa — que o primeiro jamais nos seja mostrado.

Thorold Dickinson, as duplas Launder-Gilliat e Powell-Pressburger, Cavalcanti — eis alguns dos responsáveis pela subida vertiginosa do filme inglês. O primeiro é um dos maiores conhecedores da sintaxe cinematográfica e um dos espíritos mais discutidos depois de "Men of two Worlds". Por aqui ninguém conhece sua versão da peça de Patrick Hamilton, "Gaslight", posteriormente refilmada nos Estados Unidos por George Cukor. Dele vimos apenas um documentário muito bem realizado, "Next of Kin" (Alguém falou) e um filme comercial não muito puro, e até manchado pelo "estrelismo" de John Gielgud, "The Prime Minister" (O primeiro ministro), uma biografia livre de Disraeli. Thorold Dickinson é, portanto, quase um anônimo, entre nós. O que não acontece com Michael Powell e Emeric Pressburger, que, trabalhando de comum acôrdo, responsabilizaram-se por "49th Parallel" (Invasão de bárbaros), "One of our Aircraft is Missing" (E um avião não regressou), "A Matter of Life and Death" (Neste mundo e no outro) e "Black Narcissus" (Narciso Negro). Escrevendo, dirigindo e produzindo seus próprios filmes, Powell e Pressburger sabem fazer arte para a bilheteria, e bilheteria para a arte. Devem ser mágicos. Entretanto, não é sempre que conseguem evitar certo artificialismo, que vai mais à conta de inclinações, de estilo, do que de uma causa extrínseca. De outra combinação, Frank Launder-Sidney Gilliat — ambos excelentes cenaristas — tem lucrado o cinema inglês alguns filmes de construção muito hábil e de uma originalidade bastante simpática: "The Rake's Progress" (Ironia do destino), "Captain Boycott", "Green for Danger", "I See a Dark Stranger", que revelam, além do mais, uma feição muito mais cinematográfica do que literária e nunca teatral.

Podem-se citar ainda Brian Desmond Hurst, de quem tivemos um sóbrio e excelente "On the Night of the Fire" (O criminoso), os gêmeos Boulting, John Baxter ("Love on the Dole"), Compton Bennett ("The Seventh Veil"), mas convém passar, dado o pouco contacto que temos com a obra de todos eles, ao grupo que se formou nos estúdios Ealing de Michael Balcon, grupo em que se destaca Cavalcanti e em que se incluem Basil Dearden, Charles Crichton, Robert Hamer, Charles Friend e Harry Watt. São todos técnicos conscienciosos, que vêm trabalhando com assiduidade e eficiência. Alguns deles, tendo à frente Cavalcanti, mais velho e mais experiente, deram-nos, já no terreno de ficção, uma prova magnífica do espírito de equipe, com "Dead of Night" (Na solidão da noite), que nos dá conta também da maturidade de um centro cinematográfico, no seu primoroso acabamento técnico e na sua extraordinária profundidade artística.

Cinema Escandinavo

SE considerarmos a pouca divulgação dos filmes escandinavos atualmente produzidos, torna-se interessante lembrar sua importância na história do cinema. De fato, os dinamarqueses alegam haver produzido em 1903 o primeiro filme dramático; mas quase todos os países reivindicam a honra da primeira apresentação do gênero.

Não deixa de ser verdadeiro no entanto o fato de que o primeiro "script" dinamarquês foi escrito há quarenta anos ou talvez mais. Era bastante insípido e seu argumento girava em torno das infelicidades de um professor distraído (aventuras com forte dose de ação), mas essa película apresentava um ator que mais tarde se tornou bem conhecido em Hollywood — Jean Hersholt.

Houve um dinamarquês que muito cedo percebeu que, se dúvidas podiam existir quanto ao fato de se considerar a nova invenção como sendo arte pura ou não, certamente não se podia negar o fato de que a discutida descoberta era uma seguríssima maneira de se fazer fortuna. Ole Olsen, que havia sido lavrador, enfrentou corajosamente a nova indústria e fundou a "Nordisk Film" (atualmente denominada "Nordisk Tone-Film") e em 1906 já havia produzido cem filmes. Os mesmos não incluíam apenas fitas cômicas; Olsen produziu também filmes dramáticos e até mesmo de grande intensidade dramática. Num deles "Os caçadores de leões", do qual se venderam 259 cópias, foram mortos dois leões bem vivos e reais. Foi essa a primeira película a alcançar um fabuloso sucesso de bilheteria e a primeira a fazer com que o público formasse filas para a compra de entradas.

Essas primeiras produções eram extremamente variadas. Citamos apenas algumas como "Napoleão", "Kean", "Hamlet" e a primeira "Dama das Camélias", todas rodadas em 1907. Foram alvo de tanto interesse e tão amplamente expertadas que pouco tempo depois Ole Olsen comprava no estrangeiro um estoque de película virgem no montante de mais de 11 milhões de cruzeiros. Isto numa época em que os filmes tinham no máximo 330 metros!

Percebeu que os filmes eram curtos de mais e ousou produzir uma película de 660 metros. Contudo não logrou vender o filme em Berlim, onde normalmente contava com um vasto mercado. Somente um progressista exibidor de Hamburgo aventurou-se à compra daquela produção a título de experiência. A recompensa foi absoluta. Seu cinema sofreu formidável enchente e mais tarde foram vendidas 87 cópias do filme.

Ole Olsen porém não era somente um homem de negócios. Quis também fazer filmes de alta categoria e sucedeu plenamente no seu intento, conseguindo contratar para essas realizações os melhores artistas, entre os quais Betty Nansen e Bodil Ipsen. Este último é atualmente um diretor de grande projeção. E' esta sem dúvida uma das razões do sucesso dos primeiros filmes, os quais, apesar da técnica antiquada e dos gestos excessivamente rápidos e dramáticos, são incrivelmente bons. O mais notável filme de 1911 foi "Os quatro diabos", tirado da novela de Herman Bang e tendo como argumento a vida nos bastidores de um circo.

No entanto o maior sucesso da "Nordisk Film" deveu-se a Valdemar Psilander, o maior artista cinematográfico da época. Sua popularidade era imensa e internacional e impressionava especialmente ao mundo feminino. Não somente era uma bela figura de homem, como também um magnífico artista. E isto Valdemar Psilander teve oportunidade de demonstrar nos filmes "O palhaço", "Ressurreição" e especialmente em "O evangelista". Neste último

encarnou a figura de um padre que consagrou sua vida à ajuda e assistência aos pobres. Psilander fundou então sua própria companhia, mas pouco tempo depois, em 1917, suicidou-se na plenitude da sua carreira artística. Depois da sua morte os filmes dinamarqueses entraram no seu declínio.

Olaf Fönss levou avante a companhia e produziu diversos bons filmes, tendo sua atuação em "Bajas" sido especialmente relevada.

Os outros filmes importantes durante os anos de guerra, de 1914 a 1918, foram mais literários, como "Atlantis", inspirado na novela de Gerhard Hauptmann e que consumiu grande capital. "Descansar, armas!" e especialmente "Paz eterna", dirigido por Holger-Madsen, o qual foi também responsável por algumas películas com a atuação do ator norueguês Gunner Tollnaes.

Antes disso, porém, Asta Nielsen, chamada a Duse do Cinema, já havia demonstrado que a fotografia em movimento podia ser elevada à categoria de arte. Estreou em 1910, num filme intitulado "O abismo". O "script" era bom e havia sido feito por Urban Gad, diretor e produtor da película e com o qual se casou mais tarde. Seu rosto, sua personalidade perturbadora e o talento fora do comum da atriz realçavam sempre o valor dos filmes em que tomava parte. Trabalhou em diversas películas interessantes (entre as quais "Mulher sem pátria") e atuou ao lado de Psilander em "O sonho tenebroso", em 1915. Com grande prejuízo do cinema dinamarquês, porém, os alemães a descobriram e, pouco depois, Asta Nielsen e seu marido transferiram-se para Berlim.

Dois proeminentes diretores trabalharam também nas produções dinamarquesas entre 1910 e 1920. Benjamin Christensen escreveu, dirigiu e representou em "O misterioso X". Seu melhor filme no entanto foi "A feiticeira", no qual usou de modo relevante a câmara móvel e empregou a técnica lateral de filmagem tão amplamente como até então ninguém ousara. Filmava um número sem fim de metros de película, até conseguir o fundo de nuvens adequado para uma determinada cena, e os seus cortes denotavam uma compreensão genuína da arte de filmar. Bem depressa, porém, esse grande diretor verificou que a Dinamarca ainda deixava muito a desejar em questões de produção cinematográfica, e foi para a América.

O mais original e talentoso dos diretores dinamarqueses, Carl Theodore Dreyer, também deixou seu país; antes de partir, porém, fez um filme clássico, "Fôlhas do livro de Satanaz" (1920). Usou com grande talento as cenas de massa popular e o seu "close-up" superou qualquer outro do cinema dinamarquês. Raramente o sofrimento humano foi mais fiel e profundamente exprimido no cinema. O filme constitui-se de quatro períodos, mostrando a Palestina no tempo de Cristo, a Inquisição na Espanha, a Revolução Francesa e finalmente a Revolução na Finlândia, em 1918. Durante todo o desenrolar da história, Satanaz, sob o disfarce de diversas caracterizações, tenta os homens a traírem os seus semelhantes. Obviamente, o filme revela a influência da "Intolerância", de Griffith. Dryer, porém, preocupou-se em mostrar o sofrimento humano mais do que as fraquezas dos homens. Todos os episódios são marcados pela nota da dor, resultado da própria maldade humana personificada por Satanaz. Helge Nissen representou de modo excelente nos quatro episódios, sendo porém que a mais destacada atuação foi a de Clara Wjeth na cena final da morte.

Ao mesmo tempo que os filmes dinamarqueses desciam rapidamente no seu

padrão e seu valor de produção se tornava muito desigual, os filmes suecos, pelo contrário, melhoravam indubitavelmente sua qualidade. Expressavam sensivelmente o temperamento escandinavo, sua doce melancolia mista à sensação da inevitabilidade do destino. O homem não escapa à responsabilidade dos seus atos. As longas e escuras noites de inverno inspiraram esta fé austera: se alguém peca, mais cedo ou mais tarde será punido. Não obterá a paz, a menos que expie sua culpa. Esse tema de fundo, repetido frequentemente, conservando sempre a emotividade da tradição da Suécia, deu aos filmes suecos uma feição toda particular.

E' verdade que eram muito mais limitados que os filmes dinamarqueses, mas era nisso justamente que residia sua força. Uma das razões desse fato é que a Suécia tem características muito mais definidas que a Dinamarca. O povo da Suécia ainda usa os seus pitorescos costumes nacionais. A Suécia tem muito menos contacto com o resto do continente, tendo-se por isso se conservado muito mais especificamente escandinava. Muito razoavelmente portanto os seus filmes se basearam de especial modo nas cenas da vida nacional e nas magníficas paisagens nevadas. Num dos primeiros filmes, "Os Varmländers", produzido em 1909, a natureza tem um papel de relevante importância.

Stiller e Sjöström estrearam em 1912, Stiller com um filme intitulado "Mãe e filha", no qual ele próprio tomou parte, e Sjöström com sua produção "O jardineiro", no qual trabalhou ao lado de Lily Bech, com a qual se casou mais tarde. Gösta Ekman apareceu num papel secundário. Esse filme, fato aliás estranho, foi proibido na Suécia, alcançando enorme sucesso em outros países.

A cinematografia sueca começou a ter real influência no mercado europeu com a fundação da Svenska Bio em 1913, tendo como elementos de inestimável valor aqueles dois diretores, além de artistas de alta categoria como Lars Hanson, Karin Molander e Tora Teje. As produções de Stiller no entanto eram um tanto ou quanto irregulares, tendo ele apresentado uma série de farsas de pouco valor. Contudo, os seus filmes "A adaga" (1914), "Asas" (1916), "A primeira bailarina" (1916) e o "O tesouro do Arne" (1919) foram notáveis, e "Eroticon", lançado em 1920 e apresentando Tora Teje, Anders de Wahl e Lars Hanson, teve um sucesso estrondoso. Foi esse um filme esplendidamente trabalhado e interpretado, com uma apresentação elegante e refinada à altura de qualquer comédia moderna de Lubitsch.

Citar todos os filmes produzidos por Stiller e Ström, filmes que deixaram a marca de grandeza das obras primas da cinematografia, seria delongar-se demasiadamente. E' lamentável que, nos nossos dias, tendo-se à disposição um aperfeiçoamento técnico infinitamente superior, não se consiga sequer reeditar a classe e a alta qualidade daquelas produções. O último de uma grande série foi "A saga de Gösta Berling" (1924), filme também inspirado numa novela de Selma Lagerlöf e interpretado por Lars Hanson sob a direção de Stiller. Foi essa a película de estria de Greta Garbo. No entanto, àquele tempo o estilo nacional já estava em declínio e os críticos sustentaram que o filme não era suficientemente bom e não reproduzia exatamente a novela. Desde então a cinematografia sueca começou a decair. Não resta dúvida, porém, quanto ao fato de que o cinema escandinavo teve uma grande fase vitoriosa durante a qual preencheu magnificamente sua finalidade.

Ragna Jackson
(Tradução de Wilma Lucchesi)

Cinema Norte-Americano

(C I N E M A M U D O)

SEGUNDO afirma o historiador Deems Taylor, o primeiro filme cinematográfico realizado na América do Norte foi uma produção de W. K. L. Dickson, elaborada por Thomas Alva Edison, no ano de 1889. Assim como o primeiro estúdio foi o oficialmente chamado "The Kinetographic Theatre", mas popularmente conhecido como "The Black Maria", e construído também pela Edison Company, em West Orange, New Jersey, em 1893. De Edison também foi o primeiro exibidor, um aparelho chamado "Edison Kinetoscope".

Como reminiscência, podemos citar ainda Fred Ott, um comediante que trabalhou para a "Edison Company" em 1893, como o primeiro ator cinematográfico, e como o primeiro beijo no cinema temos o choque entre May Irwin e John C. Rice em "The widow Jones" (1896), o que não deixou de merecer a desaprovação da censura religiosa.

Mas "The Great Train Robbery" (1903) foi evidentemente o primeiro filme que contou uma história, um drama, e como tal pode ser considerado como a primeira película norte-americana. "The Great Train Robbery" foi seguido por outros thrillers semelhantes ("The great bank robbery" e "The bold bank robbery"), todos realizados dentro da velha fórmula do melodrama.

A verdade é que "The great train robbery" iniciou a mais notável indústria cinematográfica do mundo: a indústria de Hollywood. Nos 46 anos que separam "The great train robbery" dos dias atuais, Hollywood criou a mais poderosa indústria artística que se conhece, e da mais nova das Artes (?) a Capital do Cinema tornou a mais popular. Iniciada à custa do sacrifício e boa vontade de pioneiros idealistas, o cinema americano foi se desenvolvendo dentro de uma situação de luta, é certo, mas também de uma atmosfera de confiança no futuro. E quando, em 1913, Jesse L. Lasky e Cecil B. De Mille resolveram oferecer vários milhares de dólares a Dusty Farnum para o ator interpretar o principal papel masculino de "The Squaw Man", o próprio Farnum não acreditou e preferiu trabalhar sob salário, mas a atitude de Lasky e De Mille demonstrava que o cinema americano lançava-se na procura de épocas fartas e gloriosas. Os anos que se seguiram a "The squaw man" mostraram que Lasky e De Mille estavam com a razão. Trinta e tantos anos depois Hollywood podia gastar numa única produção a elevadíssima cifra de 5 milhões de dólares, e muitas das figuras do seu mundo cinematográfico iriam encabeçar anualmente as listas dos maiores salários do país.

Dentro do período de tempo compreendido como infância do cinema americano, que começa exatamente com o já citado "The great train robbery", podemos salientar, de início, a bela e magnífica luta sustentada pelos pioneiros da cinematografia em prol do estabelecimento de uma indústria filmica poderosa. Desde os dias da infância que o cinema americano se apresenta como um cinema cosmopolita, sem nenhuma inclinação para os temas nacionais de caráter social. Não houve jamais no cinema de Hollywood a criação de escolas ou a inclinação para tendências sociais, como aconteceu em outros cinemas. Desde os seus primórdios, o cinema norte-americano orientou-se mais para a perfeição técnica. Daí o seu internacionalismo, daí o seu sentido mais comercial, baseado em uma produção feita sob medida para mercados não somente norte-americanos como de todo o mundo, visto que os senhores da nova indústria tinham planos bastante amplos para o maior desenvolvimento comercial dos seus produtos. Já em 1911 e 1913, respectivamente, Hollywood fabricava uma vida de Cristo — "From the manger to the cross" — que custou 35 mil dólares e rendeu mais de meio milhão, e produzia outra história sacra — "Judith of Bethulia" — realizada pelo homem que iria marcar, dois anos depois, um grande acontecimento na história cinematográfica da América: David Wark Griffith. Obras célebres e populares da literatura mundial, romances e peças teatrais, começaram a ser aproveitadas por Hollywood, e apareceram os primeiros "O conde de Monte Cristo", "O prisioneiro de Zenda" e películas decalcadas em histórias de Jack London.

Outros acontecimentos brilhantes destacam-se ainda no período da infância. Convém que se repita como fato importante a produção "The squaw man", de Lasky e De Mille, interpretada por um dos mais destacados e populares "astros" da época, Dusty Farnum. E mais: os aparecimentos de Mary Pickford, de Theda Bara (que consagrou o tipo vamp), de Mack Sennett, o produtor que criou o Keystone Cops, famoso grupo de comediantes, e a realização do clássico de Thomas Ince, "The wrath of the Gods" (A ira dos deuses). Do famoso grupo de Mack Sennett saíram os inolvidáveis comediantes Roscoe "Fatty" Arbuckle (o famoso "Chico Bóia"), Rube Miller, Hank Mann Al St. John, George Jesky, Mack Swain, Ben Turpin, Ford Sterling e Chester Conklin. Mack Sennett é responsável também pelo lançamento no cinema norte-americano do maior comico de todos os tempos, o genial inglês Charles Chaplin, que o mundo iria conhecer não só como Chaplin mas como Charlot ou Carlitos.

O período de infância do cinema norte-americano (segundo

a classificação que estamos usando), termina exatamente em 1915, quando, no dia 8 de fevereiro, é estreada, nos Estados Unidos, a obra máxima de D. W. Griffith, "The birth of the nation". D. W. Griffith é considerado o "pai do cinema americano". Reconhecido como o introdutor de grandes e notáveis inovações na cinematografia, tais como o close-up, o fade-out, o cut-back, o back-lighting e mais algumas novidades, Griffith pode ser consagrado como um mestre da luz e da composição. O grande realizador abriu novos horizontes para o cinema americano. Lançador de várias "estrelas" de grande popularidade, inclusive Mary Pickford, Griffith criou com "The birth of the nation" uma verdadeira obra de arte. Como Thomas Ince em "The wrath of the gods", Griffith, depois de realizar alguns filmes, procurou tema essencialmente americano para o seu mais importante filme, película que iria passar para a história do cinema como uma obra clássica. E encontrou na própria história americana, na "Guerra entre os Estados", como costumava dizer, o tema ideal. "The birth of the nation" suscitou as maiores discussões e tornou-se um espetacular êxito de bilheteria.

Um ano depois, em 1916, D. W. Griffith realizava "Intolerância", o seu segundo filme em importância. Neste filme, o famoso realizador dissecou o espírito de intolerância de todos os tempos, através de quatro histórias paralelas: a queda de Babilônia, a história de Cristo, o massacre dos Huguenotes e uma moderna história sobre capital e trabalho. Em 1919 Griffith faz um filme interessantíssimo, "Broken Blossom", e em seguida apareceram outros: "Way down east" (1921), "Orphans in the Storm" (1921), "America" (1924), "The sorrow of Satan" (1926), "Abraham Lincoln" (1931) e "The Lady of the Pavements" (1931). Griffith morreu no ano passado (1948), depois de legar ao cinema um notável patrimônio artístico.

Antes de fixarmos o período compreendido entre o aparecimento do Griffith de "The birth of the nation" e o advento do cinema falado, desejamos abrir um parêntesis para assinalar, em poucas linhas, uma das melhores tradições do cinema norte-americano: o filme de cow-boy.

O western está ligado à história do cinema por laços indissolúveis. Desde os começos do cinema que o "mocinho" vem impondo a ordem em cidades sem lei, e no final beijando a "mocinha". O gênero western não é somente a grande atração de toda a vida cinematográfica dos Estados Unidos da América do Norte; ao contrário, o prestígio do cow-boy ultrapassou fronteiras, e em todos os países onde entra o cinema americano o "mocinho" faz vibrar não apenas a gurizada, mas até platéias adultas.

O cinema imortalizou legendárias figuras da colonização do oeste americano, celerados ou sheriffs, peles-vermelhas, outras vezes. Buffalo Bill, Wild Bill Hickory, Billy-the-Kid, os irmãos James, os Daltons, Doc Hollyday, Wyatt Earp, Pat Garrett, os personagens de Zane Grey, a figura de Hopalong Cassidy, ou "O Virginiano", de Owen Wister, uma história clássica do oeste. O filme de cow-boy veio com o início do cinema. O próprio "The great train robbery" talvez possa ser incluído entre os filmes do gênero. Não estavam ausentes do primeiro thriller os grandes chapéus, as botas e os eternos revólveres de balas inacabáveis. Também o famoso "The squaw man", três vezes filmado por Hollywood, possui características de western. Grandes cow-boys teve o cinema. Na enorme relação dos cow-boys podemos destacar, entre os antigos, os nomes de Dusty Farnum, William S. Hart, Al Christie, Tom Mix, Harry Carey, Buck Jones, Hoot Gibson, William Desmond, William Farnum, Tim McCoy, Ken Maynard, Fred Thompson, Jack Perry, Neal Hart, Jack Hoxie e John Mac Brown, e, entre os mais recentes, os nomes de Roy Rogers, Red Barry, Charles Starrett, Sunset Carson, Tex Ritter, Bill Elliot, Buster Crabbe e Bob Steele. John Mack Brown continua ainda hoje na linha de frente dos "mocinhos". Há também o caso de artistas, hoje famosos em Hollywood, que começaram como cow-boys. Podemos citar os exemplos de Gary Cooper, John Wayne, Rod Cameron e Randolph Scott. Existem outros casos, como o de William Boyd, em que o artista, no fim da carreira, entrega-se a papéis de cow-boy (William Boyd fez toda a série de Hopalong Cassidy), ou que durante um longo tempo aparecem em filmes de gênero que estamos tratando (o caso de George O'Brien).

Grandes cow-boys teve o cinema, e grandes westerns também. Aproveitando o popularíssimo tema, Hollywood realizou obras de grande qualidade artística, e entre os maiores filmes de cow-boy de todos os tempos citaremos, no mudo, "The Aryan", de Thomas Ince, com William S. Hart; "Covered Wagon" (Bandeirantes), a obra mestra de James Cruze, e "The Iron Horse" (O cavalo de ferro — 1924), de John Ford.

Fixada, em linhas gerais, a tradição do cow-boy, recuemos aos dias de "The birth of the nation" e "Intolerância". A partir de então, o cinema americano começou a avançar a passos mais largos. A indústria foi se desenvolvendo, montada em sólidas bases econômicas. A grandeza do centro cinematográfico californiano foi atravessando fronteiras, e técnicos, intérpretes e

Cinema Brasileiro

AS primeiras filmagens feitas no Brasil remontam ao ano de 1905, quando o pioneiro Antônio Leal apanhou vários filmes naturais, numa época em que ainda não existia nenhuma sala de projeção no Rio de Janeiro, filmes esses exibidos no Clube de Engenharia, para Pereira Passos, Paulo de Frontin, Sampaio Corrêa e Lauro Muller, e posteriormente na Europa. Mais tarde os nossos primeiros filmes de atualidades foram exibidos nos primeiros cinemas da avenida Central — os “cinematógrafos” Parisiense, de J. R. Staffa, e Pathé, de Arnaldo e Marc Ferrez. Depois, foi ainda Leal quem produziu os nossos primeiros filmes de enredo, entre eles o famoso “Os estranguladores”, dirigido por Marzulo, que parece ter sido o primeiro filme interpretado exclusivamente por homens feito no mundo. Antônio Leal fez muitos filmes, dedicando praticamente toda a sua vida ao cinema do Brasil, despedindo-se do mesmo com “Uma aventura aos 40”, dos Cineastas. Na primeira fase, quando o nosso cinema era tão bom quanto o estrangeiro, Leal foi ao mesmo tempo produtor, exibidor e distribuidor: fazia parte da empresa do cinema Palace, da rua do Ouvidor e da Foto-Cinematografia-Brasileira (Labanca, Leal & Cia.), estabelecidos na mesma rua, 1914. A história dos filmes do Rio Branco peus, aparelhos de projeção, cinema falado Gaumont, etc. Na mesma época (1909) tivemos os filmes falados e cantados atrás da tela, da empresa do “cinematógrafo” Rio Branco, e os de Serrador. O primeiro produziu várias operetas e filmes-revistas, entre estes o célebre “Paz e amor”, que esteve quase um ano em exibição e só saiu do cartaz porque o prédio do cinema foi destruído por um incêndio... A película, entretanto, foi salva e ainda voltou a ser exibida, até 1914. A história dos filmes do Rio Branco constitui um dos capítulos mais curiosos do romance do cinema brasileiro, que não contaremos aqui porque este trabalho despretensioso que apresentamos aos leitores é apenas um “trailer” do grande filme em séries que na verdade é a história da nossa cinematografia... Esses “filmes cantados” foram um dos dois “ciclos” de “época heróica” do cinema nacional. O outro foi o dos filmes policiais sobre crimes sensacionais ocorridos na Capital Federal, que seria revivido mais tarde, esporadicamente,

quando ocorresse algum crime tenebroso, como sucedeu com a tragédia de Cravinhos e o penúltimo “cinema da mala”, de que foi protagonista Pistone. E não foi somente aqui no Rio que se filmou crimes: também no sul, o pioneiro Francisco Santos produziu o famoso “Crime dos banhos”, um filme de 1913, em que já havia “primeiros planos”, em cujo elenco figuravam dois artistas bastante populares nos palcos cariocas de hoje: Manuel Pera e Jorge Diniz. Voltando aos filmes cantados, não podemos deixar de recordar que antes dessas fitas mudas cantadas pelos intérpretes por trás do pano, o cinema nacional já havia apresentado — e isto em Paris, o que dá ao evento um caráter internacional — o “Kinetofone Faria”, do brasileiro Osvaldo Coutinho de Faria, com o “Canto de Carlos V”, na cena do perdão do “Ernani”, de Verdi, cantado por Battistini, conforme notícia publicada em “Le Journal”. O aparelho pertencia à família do cinema falado de Edison e Gaumont, isto é, discos de gramofone sincronizados com o aparelho de projeção, isto no ano de 1897. Pouco depois dos filmes do Rio Branco e de Serrador, Paulo Benedetti produzia em Barbacena o seu histórico filme “Uma transformista original”, com a música gravada sobre a imagem e ainda com sabor das obras imortais de Méliès, com muitos “trucs” e aparições... Outro pioneiro do nosso cinema foi o saudoso jornalista Irineu Marinho, que juntou a “A Noite” sua Veritas-Film, produtora de “O domínio verde”, “A quadrilha do esqueleto”, “Um senhor de posição” (se não estamos enganados o primeiro filme de Procópio, com Belmira de Almeida) e “Ambição castigada”, com argumento de Medeiros e Albuquerque. Essas produções são da época da primeira guerra mundial, na qual tivemos, entre outras a Nacional-Film ((Le Film du Diable)), a Brasil-Film (“Entre dois amores” e “Pátria e Bandeira”), a Mac’s (“Amor de perdição”), Guanabara (“Perdida”, com Leopoldo Fróis, e “Vivo ou morto”, ambos de Luis de Barros), a Anglo-Brazilian Cinematographic Company (“Entre o amor e a arte”, com Duque e Gaby), a Leal-Film, segunda empresa do pioneiro Antônio Leal (“A moreninha” e “Luciola”), a Natura-Film (“A derrocada”), a Rio-Film (“Os mistérios do Rio”, filme em séries, escrito por Coelho Neto, do qual só foi feita a primeira série, “O

tesouro do Viking”); as produções de Vittorio Capellaro (“Inocência”, “Cruzeiro do Sul” e “O Guarani”), etc. O cinema brasileiro do após-guerra 1914-18 não teve o mesmo desenvolvimento do passado, porque aí os nossos filmes já sofriam a concorrência do cinema americano e não podiam mesmo competir com ele. Somente em 1924 teve início a fase que poderá ser chamada a “fase do cenário e da direção”, porque foi na mesma que apareceram os primeiros filmes com linguagem cinematográfica — “Quando elas querem”, do saudoso A. de A. Fagundes (S. Paulo); “Paulo e Virginia”, de Almeida Fleming, e “Tesouro perdido”, de Humberto Mauro (em Minas); e “Barro humano”, que revelou um autêntico “staff” profissional em Ademar Gonzaga, Paulo Vanderley, Pedro Lima e Álvaro Rocha, ao lado do veterano Benedetti (no Rio). Em consequência do sucesso do filme, Gonzaga fundou a Cinédia e construiu o seu grande estúdio. Outros filmes de valor dos anos seguintes são: “Brasa dormida”, “S. Paulo, sinfonia da metrópole”, o famoso “Limite”, de Mário Peixoto (que hoje está na Film Library do Museum of Modern Art), a segunda versão de “Iracema” (Jorge S. Konchin) e “Ganga bruta”. O advento do som, a despeito do êxito de bilheteria dos filmes cômicos de Luis de Barros com Genésio Arruda, os “shorts” de Paulo Benedetti, e “Coisas nossas”, retardou a marcha dos nossos “talkies”. Os primeiros aparelhos de gravação movietone foram: o construído pelo saudoso Fausto Muniz e o que Ademar Gonzaga trouxe dos Estados Unidos, seguidos do de Wallace Downey (pioneiro do cinema falado, pois chegou a trazer um técnico de som do cinema americano, e pioneiro do cinema colorido, apresentando uma sequência colorida em “João Ninguém”), e um segundo aparelhamento de gravação adquirido pela Cinédia. Desde então, a história do cinema nacional é de “ontem”: são fundadas a Brasil-Vita-Film (que seria Vox-Film, se a 20th Century-Fox não reclamasse...), a Companhia Americana de S. Paulo (que fracassou), a Atlântida. Carmen Santos produz esse filme que bastaria para gravar o seu nome no romance do cinema do Brasil — “Inconfidência Mineira”, etc., etc.

Pery Ribas

diretores europeus começaram a se interessar mais por Hollywood. Da Inglaterra, da França, da Alemanha e de outros países europeus foram chegando os artifices da nova arte. Hollywood foi recebendo-os de braços abertos. Grandes companhias produtoras foram se formando. Charles Chaplin tinha chegado da Inglaterra, e depois de fazer rir toda a América nas comédias de Sennett e da Essanay, fundou, com Mary Pickford e Douglas Fairbanks, a United Artists. Mary tornou-se a “namorada da América” e Douglas marcou êxitos retumbantes como intérprete de filmes de aventura. A velha guarda não se esquece do seu Zorro, nem de seu Robin Hood, nem do seu D'Artagnan. El começaram a aparecer os Richard Barthelmess, os Wallace Reid, os Harold Lloyd, os Francis X. Bushman, os Maurice Costello, os Thomas Meighan, e as Gloria Swanson, as Geraldine Farrar, as irmãs Norma, Constance e Natalie Talmadge, as Lila Lee, as Betty Compson. O grande Eric Von Stroheim tinha vindo para a América. Lon Chaney começava a impressionar as platéias com suas formidáveis caracterizações. O oriental Sessue Hayakawa firmava o seu prestígio. A endiabrada Texas Guinan, com o seu célebre “Hello, sucker”, iniciava a tradição da série, que viria a ser consagrada por outra mulher, a inesquecível Pearl White, com os seus “Perils of Pauline” (Os perigos de Paulina). Novos intérpretes foram surgindo, formados pelo cinema ou aproveitados do palco. Novos diretores também. E em 1921 aparecia o primeiro grande ídolo masculino de Hollywood: o italiano Rudolph Valentino. Em 1923 De Mille realizava “Os Dez Mandamentos” e James Cruze “The covered wagon” (Bandeirantes). No ano seguinte, Von Stroheim fazia “Greed” e John Ford “The Iron Horse” (O ca-

valo de ferro). Milton Sills estava no auge da sua popularidade, e novos intérpretes iam surgindo, tanto homens como mulheres. Ramon Navarro, John Barrymore, George O'Brien, Norma Shearer, Joan Crawford, Clark Gable, Janet Gaynor, John Gilbert, Ronald Colman, William Powell, Pola Negri, Eddie Cantor, Gary Cooper, Alma Rubens, Dolores Costello. Greta Garbo havia chegado da Suécia. King Vidor, em 1925, realizava “The big parade”, e em 1926 a Metro gastava uma exorbitância em “Ben-Hur”, e o diretor Fred Niblo filmava uma corrida de quadrigas que não foi superada até hoje, apesar de toda a técnica moderna. O ano de 1927 foi assinalado por um filme de William Wellman — “Wings” —, por um documentário de Robert Flaherty — “Moana of the South Seas” —, pela consagração do it, da escritora Ellinor Glynn, através da ruiva Clara Bow, pelo “Príncipe estudante”, de Lubitsch, pelo “The cat and the canary” (O gato e o canário), de Paul Leni, pelo “The King of the Kings” (O Rei dos Reis), de De Mille, pelo soberbo “Sunrise” (Aurora), de F. W. Murnau, e pelo “Seventh Heaven” (Sétimo céu), de Frank Borzage.

A cena muda vivia os seus últimos tempos. Um grande acontecimento iria mudar inteiramente a situação do cinema. O público iria não apenas ver as imagens dos atores projetadas na tela... iria ouvir também as suas vozes. E quando, no dia 6 de outubro, em “The jazz singer”, o espectador ouviu a voz de Al Jolson na tela, acreditou no milagre. Estava morto o cinema mudo. Os irmãos Warner iniciavam uma nova era da cinematografia. Mas isso já é outra história...

Luiz Alípio de Barros



Greer Garson

(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)



Dick Farney

(Foto de Halfeld)

DICK FARNEY, ou melhor, Farnésio Dutra e Silva, é carioca da gema. Nasceu no famoso bairro de São Cristóvão, numa bela tarde de novembro de 1921. Criado e educado lá mesmo, cantou pela primeira vez no rádio num programinha de música norte-americana no microfone da Rádio Cruzeiro do Sul. Contratado profissionalmente, atuou vários anos ao microfone da Mayrink Veiga, passando em seguida à orquestra de Carlos Machado no Cassino da Urca. Além de **crooner**, Dick trabalhou também como pianista da orquestra. Esteve afastado algum tempo, convocado pelo exército, sendo contratado depois pela Rádio Nacional. Foi descoberto por um **scout** americano que o levou para uma temporada no rádio e **boites** do Tio Sam. Atuou com êxito no **broadcasting** e **night-clubs** estadunidenses e voltou há pouco ao Brasil. É o criador dos grandes sucessos populares: "Copacabana", "Marina", "Um cantinho e você", "A saudade mata a gente", "Somos dois" e "Ponto final". Dick Farney é casado com a bacharela Cibele Gomes. Curiosidade indiscreta: Dick tem muito medo de ficar careca... No momento, Farney é sem dúvida alguma um dos maiores cartazes da música popular no Brasil. O jovem cantor conquistou definitivamente o grande público brasileiro, e suas gravações sempre aparecem na lista dos "mais vendidos". "Copacabana", evidentemente, foi o maior "tiro" de Dick Farney. O bonito samba ofereceu a Dick um horizonte mais amplo dentro da música popular, e a melodia era cantarolada e assoviada sem mais nem menos pelo povo nas ruas. Um intérprete de grande popularidade, o jovem Dick Farney.



Carmen Miranda

CARMEN MIRANDA não poderia faltar neste album. Embora nascida na localidade portuguesa de Marco de Canavezes, ela é uma perfeita intérprete de nossa música popular, tendo conquistado notavelmente o público norte-americano, com sua graça tôda especial, com sua maneira inimitável de interpretar, com sua espetacular e contagiante facilidade de fazer amigos, ela, Carmen, a maior embaixatriz que o Brasil já mandou a outro país. Criada no Rio, onde chegou a exercer a profissão de costureira, sua vocação artística abriu-lhe as portas do rádio, que mais tarde lhe proporcionou o acesso ao cinema. "Estrêla" do **broadcasting** nacional, Carmen começou na extinta Rádio Phillips, ao lado de Almirante, Lamartine Babo, Gastão Formenti e outros elementos de destaque da radiofonia carioca. Mais tarde, tornou-se exclusiva da Mayrink Veiga, lançando ao microfone da P.R.A-9 seus maiores êxitos musicais, como os inesquecíveis "O que é que a baiana tem?", "Taí", "Uva de caminhão" e "Cachorro vira-lata". Esteve uma temporada na Tupi, excursionou por vários Estados e cantou nas principais emissoras argentinas. No cinema brasileiro tomou parte em "Alô, alô, Brasil" e "Alô, alô, Carnaval". No cinema norte-americano Carmen apareceu em vários filmes de sucesso ("Serenata tropical", "Alegria, rapazes", etc.), a maioria dos estúdios da 20th Century-Fox, companhia que lançou Carmen em Hollywood. Carmen Miranda é irmã de Aurora Miranda e casou-se com o produtor norte-americano David Sebastian. Atualmente seu maior sucesso musical é a canção "Quanto le gusta", gravado nos Estados Unidos.



Antonio Vilar



Lena Horne

(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)



Rodolfo Mayer

(Foto de Halfeld)



Cornel Wilde

(Foto 20th Century-Fox)



Araci de Almeida

(Foto de Halfeld)

ARACI DE ALMEIDA pode ser considerada como uma das mais notáveis intérpretes da música popular brasileira de todos os tempos. O seu nome está ligado por laços indissolúveis à história da música popular de nossa terra, pois Araci representa o que de mais puro existe na interpretação do samba, a música mais característica do Brasil, a música cujo prestígio já ultrapassou nossas fronteiras, a música que hoje em dia é ouvida nos Estados Unidos, na Europa, em todo o mundo. Muito jovem ainda Araci dedicou-se à interpretação de sambas e marchas, e desde cedo chegou-se a compreender que naquela voz estava a expressão maior da música popular brasileira. No rádio, Araci cantou em quase todas as estações cariocas. Em São Paulo tem feito várias temporadas de sucesso, e excursões de sucesso ela fez também por vários Estados do Brasil, do Norte e do Sul. Ditadora de sucessos carnavalescos, podemos destacar, entre os maiores **hits** de Carnaval lançados pela inconfundível Araci, as marchas "Passo do canguru", "Passarinho do relógio", "O circo vem aí" e "Passo da girafa", e os sambas "Ninguém ensaiou", "Não me digas adeus", "Cala a boca" e "Na beira da praia". Amiga de Noel Rosa, Araci lançou inúmeras músicas do poeta de Vila Isabel, dando às músicas do grande compositor interpretações inesquecíveis e hoje famosas na história de nossa música popular. Atualmente Araci faz parte do **cast** das Emissoras Associadas, com programas permanentes na Tupi do Rio de Janeiro. Possui também exclusividade para gravações com a Odeon, e grava um disco mensalmente. Faz também, frequentemente, temporadas de grande sucesso em **boites** cariocas.



Gregorio Barrios



Roy Rogers

(Foto Republic)

* * * * *

ROY ROGERS, cujo verdadeiro nome é Leonard Slye, nasceu em Cincinnati, Ohio, no dia 5 de novembro de 1912. Cantor de rádio, entrou no cinema para interpretar filmes de **cow-boy**, e como tal tem aparecido em uma infinidade de películas gênero **western**. Fora de dúvida, dos **cow-boys** profissionais Roy Rogers é um dos mais populares da América do Norte. O conhecido "mocinho" tem também um invulgar prestígio entre o grande público brasileiro, principalmente entre as populações do interior do País. Aqui vai uma extensa lista de alguns filmes em que Roy Rogers apareceu: "Under western stars", "The Old Barn Dance", "Billy the Kid returns", "Come on, Rangers", "Rough riders' Round-up", "Frontier Pony Express", "Southward Ho!", "In old Caliente", "Wall Street cow-boy", "Arizona Kid", "Jeepers Creepers", "Saga of Death Valley", "Days of Jesse James", "Dark Command", "Young Buffalo Bill", "The Carson City Kid", "The ranger and the Lady", "Colorado", "Young Bill Hickok", "The border region", "Robin Hood of the Pecos", "Arkansas Judge", "Red River Valley", "Idaho", "Song of Nevada", "San Fernando Valley", "Yellow rose of Texas" e tantos outros. Possuindo uma voz muito boa, Roy Rogers tem ditado vários sucessos musicais nos Estados Unidos. Especialista em canções do oeste, Rogers gravou e lançou melodias que alcançaram sucesso internacional.

* * * * *



Peggy Lee



Linda Batista

(Foto de Avila)

LINDA BATISTA nasceu a 14 de junho de 1920, no Distrito Federal. Trazendo nas veias sangue de artista, ainda bem jovem revelou-se uma das mais perfeitas intérpretes da nossa música popular, conquistando logo a admiração dos ouvintes, a ponto de ser aquinhoada com o título de "Rainha do Rádio". Estreando na Rádio Educadora, integrou depois os **casts** da Ipanema, da Nacional e da Tupi, onde se encontra no momento. Irmã de Dircinha Batista e filha do saudoso ventríloquo Batista Júnior, granjeou invejável popularidade nos cassinos. Artista cem por cento popular, seu nome repercutiu além de nossas fronteiras, principalmente na Argentina, onde já esteve realizando temporadas artísticas nas principais emissoras de Buenos Aires. Além do rádio, dos cassinos e de teatros de revista, Linda apareceu também em vários filmes nacionais, como "Banana da terra", "Céu azul", "Tudo é verdade", "Não adianta chorar" e outros. Gosta imenso de cinema, sendo Ingrid Bergman e Glenn Ford os seus artistas preferidos. No teatro, gosta muito da dupla Dulcina e Odilon. Entre os maiores sucessos do enorme repertório de Linda Batista, podemos destacar "No boteco do José", "Edgard chorou", "Fui à Europa" e "Clube dos barrigudos". Com Araci de Almeida e Dircinha, Linda forma o trio mais expressivo de intérpretes femininas da música popular brasileira. Magnífica anfitriã, Linda Batista não perde a oportunidade de oferecer almoços espetaculares aos seus amigos da imprensa e do rádio. E que feijoadas notáveis sabem preparar Mamãe Batista, Linda e Dircinha!...



Joan Fontaine

(Foto Universal-International)

JOAN FONTAINE nasceu na cidade de Tóquio, Japão, no dia 22 de outubro de 1917. Irmã de outra atriz de grande prestígio, Olivia de Havilland, Joan é considerada pelos seus fãs de todo o mundo como uma das mais belas e talentosas atrizes da Capital do Cinema. Inúmeros foram os seus filmes, e hoje ela pertence ao grupo dos mais destacados nomes artísticos do cinema mundial. Entre os seus muitos filmes podemos salientar "The man who found himself", "Quality street", "You can't beat love", "Music for Madame", "A Damsel in Distress", "Maid's night out", "Blond Cheat", "Sky giant", "O duque de West Point", "Gunga Din", "Man of Conquest", "The Women", "Rebecca", "Suspeita" (Suspicion), "Isto acima de tudo" (This above all), "De amar também se morre" (The Constant Nymph), "Gaivota negra" (Frenchman's Creek), "Jane Eyre", "Os amôres de Suzana" (The affairs of Susan), "Carta a uma desconhecida" e outros. Foi em "Rebecca", dirigida pelo grande Alfred Hitchcock, que Joan teve o seu primeiro papel de grande sucesso. No filme seguinte, ainda de Hitchcock, a linda atriz ganhou o "Oscar" da Academia pela sua magnífica interpretação em "Suspeita", película em que ela contracenou com Cary Grant. Depois de "Rebecca" e "Suspeita" as companhias produtoras acharam que Joan era merecedora sempre de papéis destacados, e a partir daí os filmes da irmã de Olivia de Havilland e ex-espôsa de Brian Aherne passaram a merecer notável atenção dos produtores e também do público. Hoje, Joan Fontaine é uma das mais populares atrizes do cinema mundial. Seus últimos filmes são: "A valsa do imperador" e "You gotta s'tay happy".



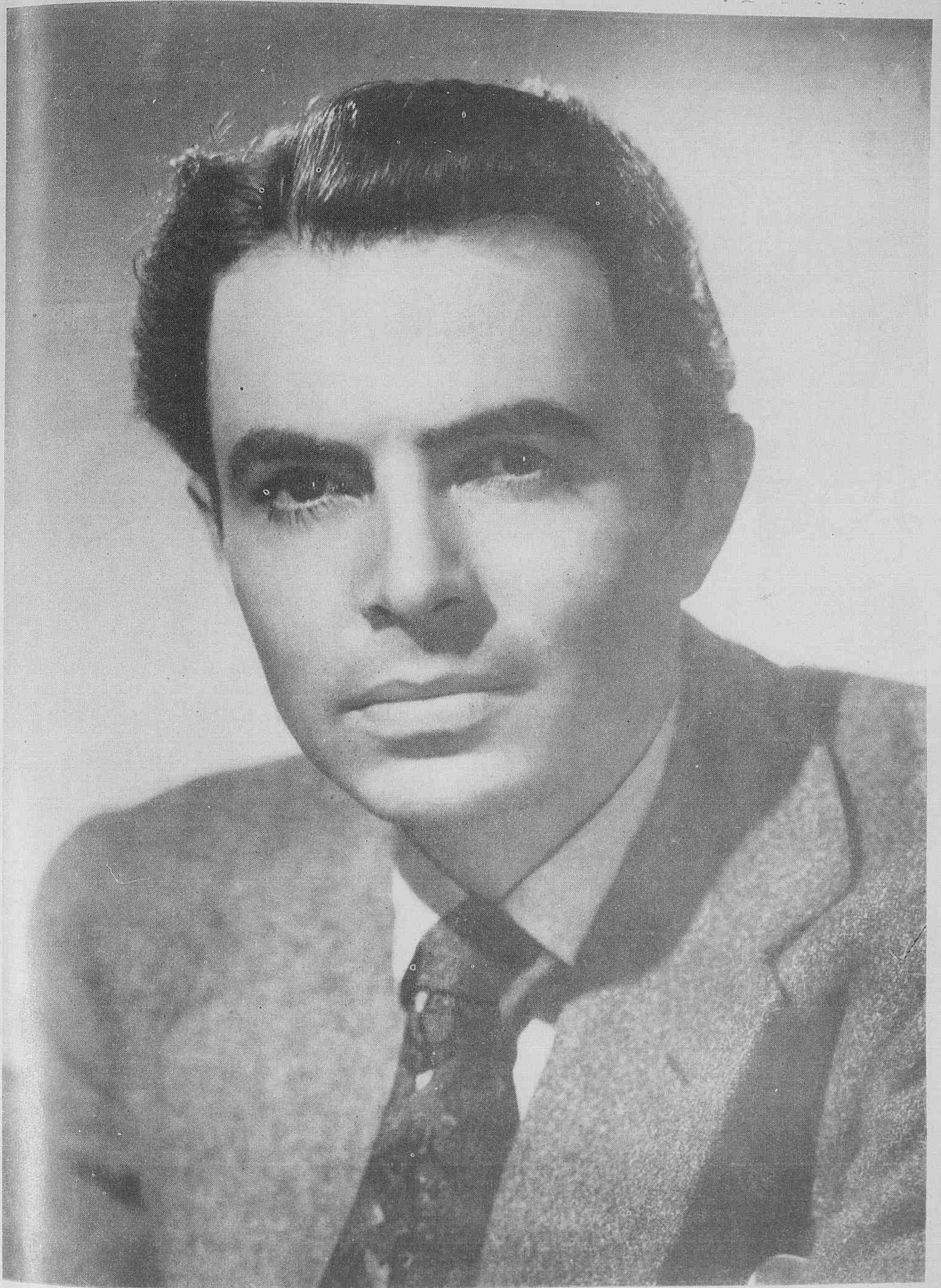
Luis Tito

(Foto de Avila)



Mara Rubia

(Foto de Sascha Harnisch)



James Mason

(Foto Universal-International)

JAMES MASON é talvez no momento o mais famoso ator do cinema inglês. Nascido em Huddersfield, no Yorkshire, Inglaterra, no dia 15 de maio de 1909, Mason é casado com a atriz e escritora Pamela Kellino, com quem já trabalhou em "A taça da amargura", **assassinando-a** na história. Com larga experiência teatral, pois debutou no palco no ano de 1931, James Mason fez sua estréia no cinema em 1935, no filme "Late Extra". Sempre um excelente ator, James Mason, no entanto, somente em "Sétimo véu" projetou-se mundialmente, tornando-se um dos ídolos da cinematografia internacional. Neste famoso filme destacou-se também, perante a opinião dos fãs de todo o mundo, a "estrêla" Ann Todd. Mas o grande trabalho de Mason para o cinema foi em "Condenado" (Odd Man Out), um dos mais notáveis filmes realizados em todos os tempos da história do cinema. A película, dirigida pelo conhecido Carol Reed, marcou um autêntico sucesso de crítica quando de sua exibição no Brasil, sendo considerada por vários críticos de renome como o melhor filme da temporada. Entre o grande número de películas em que James Mason tem aparecido, podemos destacar "The Mill on the Floss", "Fire over England", "The return of Scarlet Pinpinel", "I meet a murderer", "This man is dangerous", "Hatter's Castle", "Secret Mission", "Thunder Rock", "Alibi", "The bells go down", "The man in grey", "Fanny by Gaslight", "Hotel Reserve" e "The wicked lady". James Mason possui hoje uma enorme legião de fãs em todo o Brasil.



Ann Sheridan

(Foto R.K.O.)

ANN SHERIDAN nasceu em Denton, Texas, e estudou no seu Estado natal. Sem dúvida alguma, Ann é uma das mais belas mulheres de Hollywood. Mas não foi somente a sua beleza que a levou ao estelato e à fama. Ao contrário: o maior responsável pelo seu sucesso artístico foi o seu grande talento dramático, que a tornou uma das mais eficientes e brilhantes atrizes de Hollywood. Suas maiores glórias cinematográficas foram alcançadas na Warner. Mas não faz muito tempo a atriz deixou a companhia onde trabalhou durante muitos anos e terá assim oportunidade de aparecer ao seu grande público brasileiro em um filme de Samuel Goldwyn, que será distribuído pela RKO. Aqui vai uma lista de alguns dos seus filmes: "Notorius Sophie Lang", "Entre Madame", "Wagon Wheels", "The glass key", "The great O'Malley", "The black legion", "San Quentin", "Anjos de cara suja" (Angels with dirty faces), "A letter of introduction", "Uma cidade que surge" (Dodge City), "Naughty but Nice", "It all came true", "Castle on the Hudson", "Zona tórrida" (Torrid Zone), "They drive by night", "Dois contra uma cidade inteira" (City of conquest), "Honeymoon for three", "Navy blues", "The man who came to dinner", "Em cada coração um pecado" (Kings Row), "Juke girl", "George Washington slept here", "Edge of darkness", "Thank you lucky stars", "Shine on Harvest Moon", "The animal Kingdom", "Dough-girls", "Sentença" e outros. Para Sam Goldwyn, Ann fez "Good Sam", um filme ainda inédito no Brasil e no qual a belíssima "estrela" contracena com o veterano Gary Cooper. Muito jovem ainda, Ann Sheridan agora é que está na plenitude de sua carreira artística. E naturalmente os seus inúmeros fãs brasileiros terão oportunidade de admirá-la ainda em outros grandes papéis, em outras grandes aparições na tela, como em "I was amale war bride", com Cary Grant.

Cinema Italiano

FOI em fins da primeira década deste século que o cinema italiano começou a ser importante para o mundo. Entre 1908 e o momento em que o país entrou na primeira Guerra Mundial, seus faustos e grandiloquentes espetáculos quase conseguiram açambarcar as atenções do público já numeroso, e da crítica nascente. Até então, a França dominara o pequeno mas expansivo mercado cinematográfico — enquanto os Estados Unidos apareciam como os seus principais competidores, enquanto a Escandinávia ameaçava entrar com força no jogo, e enquanto os ingleses realizavam proezas de invenção e imaginação que, inexplicavelmente, só hoje vêm sendo apreciadas pelos historiadores.

No decorrer da segunda década do século, os franceses foram perdendo o mercado para os filmes americanos, escandinavos e italianos. Mas, ao mesmo tempo que David W. Griffith fazia as suas primeiras experiências estéticas, e que os escandinavos procuravam enfrentar a arte engatinhante com uma certa sobriedade, os italianos desde logo deram ao cinema todo o entusiasmo que os caracteriza: trataram-no como se fôra uma ópera de largas proporções, exigindo heróis e vilões massudos, divas hercúleas, e gestos os mais exuberantes. Surgiram então os nomes de Maria Carmi, Francesca Bertini, Alberto Capozzi e Pina Menicelli, que muito fizeram suspirar os fãs de outra geração.

Guazzoni, Pasquali, Ambrosio e Pastrone, os primeiros diretores e produtores de fama do cinema da Itália, tiveram uma influência enorme sobre os demais cineastas daqueles tempos e dos anos subsequentes. "Intolerância" foi, certamente, uma resposta do cinema americano, dada por seu maior realizador, Griffith, aos magníficos filmes históricos e pseudo-históricos italianos do início do século. E os filmes históricos e pseudo-históricos da Alemanha, destacando-se os de Ernst Lubitsch, que fizeram sensação em fins da segunda e princípios da terceira década, muito ficaram a dever àqueles fabricantes de bacanais, desfiles grandiosos, e imponentes cenários.

Sob o ponto de vista artístico ou estético, entretanto, não há um só historiador ou crítico que reconheça nesses espetáculos "históricos" italianos um mínimo sequer de qualidades. Eram apenas shows destinados a impressionar as platéias pela simples majestade dos cenários, pelo número de pessoas em cena, e pelo próprio furor com que debulhavam os grandes nomes da história. Se muito avançaram em técnica até 1916, quando teve início o declínio de popularidade do cinema italiano, muito recuaram também pela história a dentro. Ninguém escapou: Nero, Agripina, César, Marco Antônio, Cleopatra, Danton e muitas outras figuras históricas foram apropriadas sencierosamente pelos romancesos cinebiógrafos de então. Pasquali produziu diversos filmes sobre a Revolução Francesa, dentre os quais Bardèche e Brasillach, em sua história do cinema, destacam "Citoyen Simon". Arturo Ambrosio, que iniciara a sua carreira como confeccionador de comédias curtas, fez uma riquíssima "Queda de Tróia" em 1910 — a qual, tanto pelo assunto como pelas fotografias que dela nos restam, deve ter inspirado diretamente a queda de Babilônia de "Intolerância".

De todos os filmes "históricos" da época, porém, os mais fascinantes foram "Quo Vadis?", de Enrico Guazzoni, e "Cabiria", de Giovanni Pastrone. O primeiro, lançado em 1912, revolucionou o mercado cinematográfico em todo o mundo, e o segundo efetivou a revolução. Até então, os exibidores hesitavam em incentivar a produção de filmes de longa metragem, achando que o público não os suportaria: "Quo Vadis?" rendeu tanto que, dessa ocasião em diante, muito filme passou a ser avaliado comercialmente por sua metragem. Durante a primeira Guerra Mundial, poucos anos depois, o mesmo Guazzoni tornou a aproveitar o romance de Sienkiewicz, e Ambrosio não resistiu à tentação, perpetrando-o em película em 1924, com a conivência do alemão Carl Jacobi, que o dirigiu, e de Gabrielle d'Annunzio — e apresentando Emil Jannings no papel de Nero. Como se isso não bastasse, a Metro prepara-se agora para desperdiçar John Huston numa quarta produção de "Quo Vadis?", que, provavelmente, será feita na Itália.

Mas, voltando a Gabrielle d'Annunzio, que andava em moda naqueles tempos, ele também teve culpa no cartório no caso de "Cabiria". Em verdade, d'Annunzio orgulhou-se tanto da obra que absorveu as honras de Pastrone, o verdadeiro diretor. "L'Opinion", de Paris, segundo informam Bardèche e Brasillach, saudou-o como "o Giotto do cinema". Maciste, um gigantesco ex-carregador de móveis, dominava esse espetáculo cheio de espetáculos: uma estátua de Moloc com quase quarenta metros de altura, um exército em péso a cruzar os Alpes gelados, e outras coisas da mesma ordem que, depois de muitos anos, viriam a ser ressuscitadas na epopéia fascista de "Cipião o Africano".

No entanto, apesar da fama e da voga que tiveram os filmes dessa espécie, os italianos também demonstraram, desde cedo, que tinham queda pelos aspectos mais estéticos da nova arte. Fora trabalhos menos interessantes, com manifestações esporádicas de compreensão dos valores cinematográficos, cabe-nos destacar aqui quatro filmes: "A história de um pierrot", de Baldassare Negroni (1913); "Sperduti nel Buio" (Perdidos nas

trevas), de Nino Martoglio (1914); "Assunta Spina", com Francesca Bertini; e "Thérèse Raquin", com Maria Carmi. Excetuando-se o primeiro, informa-nos Antonio Pietrangeli, pertenceram eles a um ciclo de produção napolitana, inspirado por "motivos francamente populares e naturalísticos". Suas histórias devem ter tido grandes elementos, pois "Sperduti nel Buio" foi há pouco refilmado por Mastrocinque, e "Assunta Spina" por Mattoli, com Anna Magnani. Quanto a "Thérèse Raquin", de Zola, já serviu, posteriormente, para um filme de Jacques Feyder, e ainda voltará a ser filmado.

Depois de Negroni e Martoglio, que talvez tenham sido, assim, os primeiros diretores de legítima importância no cinema italiano, podemos pular alguns anos, até o aparecimento de Mario Camerini e Alessandro Blasetti. A ambos o historiador Pietrangeli dá muita importância, tendo sido eles os iniciadores do realismo no cinema peninsular. O primeiro teve alguma experiência no silencioso, mas, como Blasetti, ex-jornalista, só no cinema sonoro foi que veio a tomar vulto. Seu primeiro filme falado, "Rotaie" (Trilhos), mostrava alguma influência alemã. Daí para cá, suas obras têm sido quase sempre cômicas ou românticas, excetuando-se coisas como "A filha do capitão", mistura de Puskin e far-west. Ainda que não possamos fazer uma idéia concreta do trabalho de Camerini, por não termos visto a maioria de seus filmes, ele não nos parece ser tão bom cineasta como Blasetti. Se "O coração manda" e "Um dia na vida" são representativos da capacidade deste último, bem podemos colocá-lo entre os mais seguros realizadores do cinema italiano moderno.

Aliás, como se sabe, não faltam grandes valores aos filmes que a Itália nos oferece hoje em dia. Pondo-se de lado os bons atores, que são muitos — Fabrizi, Magnani, Pagliero, Roldano Lupi, Mariella Lotti, Gino Cerci, Amedeo Nazzari, Maria Michi, etc. —, nota-se que houve uma surpreendente renovação no quadro dos realizadores com a queda do fascismo e o término da segunda Guerra Mundial.

Roberto Rossellini, com "Roma, cidade aberta", foi o primeiro grande nome a surgir no pós-guerra do cinema italiano. Antes, além de filmes curtos feitos por conta própria, só dirigira "La Nave Bianca" (O navio branco), sob a responsabilidade do documentarista Francesco de Robertis, e funcionara como diretor técnico em dois outros filmes. Com alguns anos de experiência anônima nos estúdios da Itália, Rossellini não parecia destinado a marcar o renascimento do cinema de sua pátria. Mas foi exatamente o que fez com "Roma, cidade aberta" e "Paisà". Ambos esses filmes — e talvez pudéssemos acrescentar, mesmo sem vê-lo, "Germania, Anno Zero" — não só estabeleceram uma cabeça de praia para o cinema italiano em todo o mundo, como também ridicularizaram as tentativas de realismo de outros cinemas mais afastados da guerra.

Um fenômeno mais espantoso ainda é o de Vittorio de Sica. Moço simpático, de Sica fizera carreira como ator romântico. Só começou a dirigir em 1940, com uma comédia ligeira, "Due Dozzine di Rose Scarlatte" (Duas dúzias de rosas vermelhas). Com o passar do tempo, porém, seus filmes foram se tornando cada vez mais sérios: "Maddalena, Zero in Condotta" (1941), "Teresa Venerdi" (1943), "Un Garibaldino al Convento" (1943), "I Bambini ci Guardano" (Os meninos nos olham, 1943), "La Porta del Cielo" (1944), e, finalmente, logo depois de liberada Roma, o comovente "Sciucia". Tomando-se este último como a cristalização do talento do diretor, pode-se dizer que ele tem qualidades excepcionais: é realista, por vezes cínico, por vezes sofisticado, e muitas vezes amargo.

Luigi Zampa, que despertou atenção com "Viver em paz", o filme de Aldo Fabrizi, é um realizador de menor porte, como pudemos ver em "Angelina deputada". Tem, no entanto, o mesmo amor pelo realismo que caracteriza a obra de Rossellini e de Sica. Ainda assim, Alberto Lattuada é muito mais importante. Começando a dirigir durante a guerra, Lattuada desde cedo demonstrou grande segurança, como verificamos em "Sublime recordação" (La Freccia nel Fianco), seu segundo filme, produzido em 1943 mas só visto no Brasil este ano. Analisado juntamente com "O delito" (1947), aproveitamento de uma história de d'Annunzio, "Sublime recordação" parece indicar que o diretor é um romântico controlado. Mas "O bandido" (1946) e "Senza Pietà" (Sem piedade), sua última realização, parecem indicar, por outro lado, que Lattuada é tão realista como Rossellini e de Sica, talvez sem a crueza do primeiro e com a mesma sutileza do segundo.

O realismo italiano, porém, encontra o seu valor máximo — se vamos acreditar nas críticas estrangeiras — em Luchino Visconti. Um nobre diletante, com idéias esquerdistas, Visconti fez apenas dois filmes até hoje. Em 1943, conseguiu antagonizar a censura fascista com "Ossessione", versão de "The Postman Always Rings Twice", romance de James Cain também filmado na França e nos Estados Unidos. Por isso, além de ter sido o filme interdito, ficou proibido de trabalhar enquanto perdurou o fascismo. Só há pouco é que voltou à atividade, realizando "La Terra Trema" na Sicília segundo a mais pura tradição documental: sem cenário, sem artistas profissionais. "Ossessione", que será visto aqui no Brasil como "Obsessão",

Cinema Russo

SEGUINDO a velha praxe de "nacionalizar" o cinema, falaremos alguma coisa do cinema russo. Vale esclarecer, todavia, que não trataremos de todo o cinema russo, mas somente de uma parte do passado. Bem entendido, não é nosso objetivo dirigir-nos aos cineastas, sobejamente conhecedores do assunto, mas sim ao grande público que, à força de tantas e tantas vezes ouvir falar em "cinema russo", à técnica de montagem, etc., deve sentir-se tentado a mais de perto saber o que quer dizer tudo isso.

Pode-se dividir o cinema russo exatamente em duas partes distintas: uma, pre-revolucionária, que atinge 1917; a outra, sem denominação determinada, que despontou após a revolução e chega aos nossos dias.

Poucas são as criaturas que passam do primeiro período da cinematografia russa ao segundo, devendo-se notar que mesmo as que o fazem apenas nele conseguem permanecer por uns tempos.

Parece-nos oportuno esclarecer, antes de prosseguirmos, que, quando nos referimos a "passado", não o fizemos com intenção de falar do cinema pre-revolucionário, mas apenas às pessoas que pertencem ao início da cinematografia revolucionária, cinematografia essa que interessa, a rigor, somente a concepções políticas, baseada que é em efeitos estéticos.

Referindo-nos a cinema russo não nos é possível omitir os nomes dos três maiores representantes seus, isto é, Eisenstein, Pudovkin e Dovgenko. Elementos de real valor, cada um trouxe consigo inovações mais ou menos utilizadas pelos outros e que lograram rasgar novos rumos para o progresso sempre crescente da cinematografia em geral.

Na opinião da maioria, é Eisenstein de todos o mais completo. Dotado de profunda cultura, sempre disposto a novas descobertas sobre problemas cinematográficos, é o primeiro que compreende como a realização de uma cena focalizada de vários pontos constitui a experiência básica para a montagem. Justamente por isso Eisenstein se dirige em primeiro lugar a todos os meios que lhe dão oportunidade de poder transmitir ao celulóide suas idéias. Pode-se dizer ser ele um precursor do realismo no mais alto senso da palavra, pois apresentou o "Cruzador Potemkin" sem um ator profissional sequer. Tudo isso não impede, porém, surja Eisenstein, de quando em quando, com teorias

flagrantemente contraditórias. Atribuem-lhe os historiadores da arte cinematográfica que "segundo o princípio teórico, a montagem constitui a base da estética cinematográfica". Podemos observar, todavia, que Eisenstein usa focalizar uma quantidade enorme de material para depois dele se servir na montagem. Essa a contradição a que nos referimos, sobre a qual não abriremos polêmica, porquanto nos estamos dirigindo não aos cineastas, mas ao grande público, a quem interessa apenas o cinema russo em linhas gerais, sem problemas dessa natureza.

Num ligeiro retrocesso dos muitos filmes de Eisenstein, devemos ressaltar "Greve", a sua estréia, realizado precisamente em 1925; "O Cruzador Potemkin"; "Outubro", em 1927; "A Linha Geral", em 1929, que pode ser considerado filme didático, pois apresenta os problemas debatidos naquela época pela mecanização do campo.

O advento do cinema sonoro paralisou por algum tempo as atividades de Eisenstein. Viajando pelo ocidente em companhia de seus mais íntimos colaboradores — Grigori Alexandrov, pela direção e cinegrafia, e Eduardo Tissé, pela fotografia —, conseguiu realizar seu primeiro filme sonoro — "Romance Sentimental" — em 1930, filme esse desconhecido da maior parte do público. Logo após foi Eisenstein ter a Hollywood, onde recebeu um convite para dirigir "An American Tragedy", o qual rejeitou por falta de acôrdo com a Paramount. Seguiu, então, para o México, país em que, entendendo-se com Upton Saint-Clair, produziu "Que viva o México!". Não teve, porém, muita sorte nesse empreendimento, pois o material filmado, por ordem do produtor Selessor, que o adquirira, foi ceido a outra pessoa para a montagem. Dos quatro episódios de que se constituiria essa película, apenas um foi realizado; tão grande era, tão longo, tanto o material feito, que desse episódio somente Eisenstein produziu um filme inteiro, surgido sob o título "Thunder over Mexico", em 1933. Dessa maneira, de Eisenstein sobreviveram unicamente as enquadrações, desaparecendo por completo o espírito que anteriormente desejara imprimir à sua obra.

Depois de tal desilusão, resolveu Eisenstein tornar à Rússia, onde iniciou um curso regular para diretores, no Instituto da Cinematografia. Passando da teoria à prática, produziu ele "Alexandre Nevskij" e "Ivan o Terrível". Este último filme, em-

bora respeitando tôdas as regras do bom cinema, não consegue livrar-se de exagerado impressionismo e deficiência de íntimo desenvolvimento, fruto talvez de pesada e retrógrada literatura eslava. Uns "takes" definidos como grande cinematografia não passam de velha cinematografia. Não estamos em dia com as últimas realizações de Eisenstein; auguramos, porém, e sinceramente, que um diretor de sua envergadura consiga colocar-se num nível de desenvolvimento moderno, quer como criador, quer como realizador.

Relativamente a Vsevolod I. Pudovkin, podemos dizer ser ele dotado de atividades verdadeiramente heterogêneas, pois que já foi escritor, ator e diretor. Penetrou no cinema em 1923, escrevendo para Kuleshov um "script" intitulado "Aventura de Mr. West no País dos Bolchevistas". Estreou como ator em "Raio Mortal" e "O Cadáver Vivo", aparecendo como diretor com dois "shorts", seguidos logo após do filme "Mãe", extraído do romance homônimo de Maximo Gorki.

Pudovkin demonstra mais claramente que Eisenstein como a técnica da montagem antecipadamente considerada constitui a base do cinema. Somente realiza uma cena depois de havê-la visto e fixado no "script". Trabalha com enquadração e atores ao mesmo tempo, conseguindo transformar um ator de teatro em verdadeiro ator cinematográfico.

Entre outros filmes de Pudovkin devemos destacar "O Fim de S. Petersburgo", realizado na ocasião do decenário da revolução de outubro. Nele paira uma humanidade comvente em que se sente levantar acima das misérias e do caos um sonho esperançoso de reconstrução.

A chegada do cinema falado permitiu a Pudovkin, como aos outros, exprimir-se ao público e revelar-se mestre da ideologia política de seu país.

Alexandre Dovgenko, outro diretor da cinematografia russa, pode ser definido como um bucólico. Suas produções — "Arsenal", "A Terra", da época do cinema mudo, e "Ivan", "Aerograde", "A batalha pela Ucrânia Soviética" — são provas de bom narrador cinematográfico.

Como salientamos no início destas considerações, não é este um artigo amplo, de visões largas, mas somente de introdução à cinematografia russa.

Gino Palmisano

tem Clara Calamai e Massimo Girotti nos papéis principais (Lana Turner e John Garfield na versão americana, Corinne Luchaire e Fernand Gravey na francesa). Os melhores críticos da Europa acharam-no mais que excelente: um dos maiores filmes até hoje feitos na Itália. Pelo que se sabe de "La Terra Trema", talvez seja ainda melhor.

Falta-nos falar de Renato Castellani, Mario Soldati, Ferdinando Poggioli, Luigi Chiarini, Flavio Calzavara, Gianni Franciolini, Aldo Vergano, Giuseppe de Santis e Pietro Germi. Todos têm alguma importância na história do moderno cinema italiano. Castellani fez uma ótima estréia com "Un Colpo di Pistola" (1942); até fins de 1947, realizou mais quatro filmes. Soldati começou a dirigir em 1939, depois de ter sido assistente de Camerini; seu melhor filme parece ter sido o terceiro, "Piccolo Mondo Antico" (Pequeno mundo antigo), lançado em 1941. Do mesmo ano é "Addio, Giovinezza" (Adeus, juventude), o melhor filme de Poggioli.

Luigi Chiarini, diretor do Centro Sperimentale di Cinema, destaca-se pela realização de "Via delle Cinque Lune" (A rua das Cinco Luas), "La Bella Addormentata" (ambos de 1942), e "La Locandiera" (1943). Calzavara é citado por causa de "Carmela" (1942). Mais importante, entretanto, parece ser Gianni Franciolini, que fez uma obra ímpar em "Fari nella Nebbia" (Faróis na neblina), que, como diz Pietrangeli, foi uma "reação, em 1942, contra a preciosidade, o estetismo ou o otimismo convencional".

Vergano, de Santis e Germi são os novos diretores mais promissores do cinema italiano. Antigo colaborador de Blasetti, o primeiro já dirigira dois filmes obscuros quando produziu



"Il Sole Sorge Ancora" (O sol ainda nasce), em 1946. Pietrangeli, do qual colhemos muitos dos dados para este artigo, afirma que "Vergano contribuiu ativamente para devolver sua virgindade e seu vigor primitivos a uma linguagem cinematográfica abastardada". Giuseppe de Santis foi assistente de Luchino Visconti em "Osessione", de Rossellini em "Scalo Merce" (Estação de mercadorias) — filme terminado por Marcello Pagliero, e lançado sob o título de "Desiderio" (Desejo), em 1946 —, e do próprio Vergano em "Il Sole Sorge Ancora". Com tal experiência, não é de admirar que tivesse produzido um filme como "Caccia Tragica", em 1947, e outro como "Riso Amaro" (Arroz amargo), em 1948, acrescentando desde logo o seu nome ao rol dos grandes realizadores italianos, a que Pietro Germi, com "Gioventù Perduta" (Juventude perdida), lançado em 1948, é um sério candidato.

Tipificado ainda pelo néo-realismo que trouxe o após-guerra, o cinema italiano é, a nosso ver, em seu aspecto geral, o mais consistente e mais satisfatório de todos os cinemas atuais. A honestidade de seus realizadores, atores e técnicos não pode ser igualada; nem são encontrados em filmes de outras procedências a crueza quase fantasmagórica de um Rossellini, ou a cinica mas penetrante sutileza de um de Sica, ou sequer o romantismo mesclado de realismo que caracteriza Lattuada. Com o passar do tempo, é possível que os cineastas italianos abandonem aos poucos os assuntos referentes à guerra ou ao após-guerra; mas garantimos nós que continuarão bem perto de seu povo, e, portanto, bem perto dos povos de todo o mundo.

Alex Viary

Cinema de idioma espanhol

SE observamos alguma dificuldade em erguer o valor histórico do cinema de idioma espanhol, esta dificuldade se revela, com efeito, nas fontes de sua própria origem. Enquanto, diga-se de passagem, as diversas escolas cinematográficas que surgiram dos Estados Unidos e de alguns países da Europa como a França, Alemanha, Rússia, Itália, Inglaterra e Dinamarca, oferecem um abundante material de pesquisa de conteúdo estético e técnico, as nações que compreendem o idioma espanhol — Espanha, México e Argentina — somente de algum tempo até agora, tem demonstrado fatores com que se pode discernir originalidade, importância e tour de force de indiscutível interesse.

Assim, quando se estuda ou sente-se mais de perto o cinema de idioma espanhol, há uma condição evidente em sua existência — a unidade de formas e movimentos, luz e cenário, interpretações, ritmos de ação e de imagens, tudo se apresentando como nascendo de anos recentes. Já agora se percebe que os cinemas mexicano, espanhol — talvez o menos interessante — e a criação argentina, abandonam as sombras de uma situação inferior, humilde, e aparecem sob uma eloquente disparidade de idéias e riqueza técnica, na esperança de constituírem suas próprias escolas e fundamentar estilos individuais.

Poderíamos dizer, além do mais, que o cinema de idioma espanhol, permanecendo na obscuridade há muitos anos até obter o estado de revelação diante do mundo, quando chegou o instante dessa revelação, se mostrou sob uma aparência audaciosa e expressiva, como afirmando um autêntico destino. Há uma consciente integração de valores, pois, em suas primeiras tentativas.

É um cinema, e particularizemos os filmes mexicanos e argentinos, reunindo elementos artístico ou estético, plástico ou técnico e humano ou interpretativo, de caráter conciso em que Croce situava o conhecimento essencial para o movimento das imagens. Como se vê, o cinema de

idioma espanhol existe sobre lastro que o distingue de outros centros adiantados — ou seja, por outro lado, uma cinematografia tentando buscar uma condição autônoma.

Em síntese, orientadores cinematográficos do México, da estirpe de Emilio Fernandez, de um Antonio Momplet, Vitor Urruchua e Fernando Cortes, procuram evidenciar virtuosidades técnicas — citaríamos "A pérola" como um exemplo — e, além do mais, conseguir das obras a beleza permanente. Observa-se, sem nenhum esforço de meditação, nas cenas das películas mexicanas — as fases de nível superior, naturalmente — o senso de segurança e a proporção de qualidade indicando a conquista no domínio mais moderno da sétima arte.

E nesse limite, onde o filme transmite o processo genial da confecção, é que recordamos "Maria Candelária" e "A pérola". Daí resulta a atração com que os dois filmes premiados em Cannes mereceu do público de todo o universo. E torna-se necessário acrescentar: retirava o cinema mexicano da obscuridade ingrata e elevava a película desse idioma diante das platéias.

Não nos entusiasmos, ao mesmo tempo, em afirmar o cinema de idioma espanhol sob um aspecto de influência aos maiores planos. Na verdade, é ele um espaço existindo quase recentemente, e por isso mesmo incapaz ainda de significação profunda e permanente como se mostram as diversas cinematografias antigas.

Indubitavelmente, o grupo que compõe as escolas norte-americana, inglesa, italiana, russa, dinamarquesa e portuguesa, já famoso na apresentação de inúmeros celulóides clássicos e constituído de amplo valor histórico, não poderia competir contra as escolas de dimensão recente encontradas no México, Argentina e no espanhol. Resta-nos, pois, compreender o cinema de idioma espanhol em torno de suas recentes possibilidades.

Dizer-se, portanto, que o cinema mexicano principia a viver integralmente no momento em que foram exibidos os espe-

táculos de Emilio Fernandez e as fotografias de Gabriel Figueroa, não seria um exagero de nossa parte — porém, conforme expressou H. H. Wollenberger, era a verdadeira apresentação da escola azteca em sua história restrita como arte.

É justamente por falar em arte cinematográfica no idioma espanhol, de escolas que surgem de seu universo, o instante necessário de caracterizar as películas argentinas. De certo modo, a escola argentina não revela a estrutura do cinema mexicano — isto é, a posição dos filmes platinos, e recordamos Carlos Schlieper dirigindo "Madame Bovary", Ernesto Arancibia orientando "Casa de bonecas", Luis César Amadori nas criações de "Albeniz" e "Deus lhe pague", dos diretores Luis Sasl e Luis Eunuél, confirma as palavras do crítico E. Arnot Robertson no instante em que considera a Argentina sob um alto grau de experiência.

Sente-se assim que o cinema argentino tenta definir um rumo mais íntegro e captar uma escola de destino absorvente. Percebe-se, aliás, a escola platina avançando bastante em relação à ausência de um significativo passado.

Veja-se agora o cinema espanhol, por outro lado, resolvido a ocupar uma situação de destaque. De modo idêntico aos cinemas mexicano e argentino, o passado da escola espanhola se apresenta em bases modestas e sua existência, com efeito, está longe de constituir uma paisagem de belos recursos. O principal diretor cinematográfico da Espanha, Rafael Gil, o criador de "Rainha Santa", esforça-se em exercer na escola de seu país um espírito expressivo e essencial. Ampliam-se, de fato, os horizontes do cinema espanhol mas, em última análise, é uma escola talvez distante ainda de uma permanência superior.

Seja como for, no entanto, o cinema de idioma espanhol já consegue marcar uma afirmativa de progresso. E, com o passar do tempo, crescerá ainda mais em forma, idéias e ritmos.

Avelino Aguiar

Cinema português

O cinema português caminha com segurança para a normalização do seu trabalho. Por um lado, as suas instalações industriais atingiram aquele mínimo que desde longa data era considerado como indispensável para fixação do núcleo de profissionais técnicos e artísticos em trabalho regular. Por outro lado, uma lei de proteção que garante a prioridade de exibição dos filmes nacionais dentro do mercado português e assegura auxílios financeiros destinados a fomentar a produção de películas com temas elevados cuja aceitação comercial possa ser difícil — começa a fazer sentir os seus efeitos.

O cinema português conta atualmente com três estúdios de completo equipamento de iluminação, com cinco aparelhagens de registro sonoro, várias câmaras de estúdio, uma instalação de "back-projection", cinco "plateaux", vastos terrenos de exteriores com duas piscinas, dois bons laboratórios, e oficinas de mecânica, carpintaria e moldagem para construção de cenários.

A qualidade técnica tem subido regularmente e começa a ser inteiramente satisfatória em todos os filmes, independentemente de seu valor artístico, literário ou comercial. É evidente que, dentro das instalações resumidas neste breve apanhado, a produção portuguesa tem ambições modestas. O seu trabalho não pretende lugares de relevo na disputa dos mercados internacionais. Mas, dentro da indústria, espera-se conseguir, cada vez com maior frequência, a realização de filmes capazes não só de satisfazer inteiramente o espectador português, correspondendo à nítida preferência que dá ao cinema nacional, como também de representar condignamente no estrangeiro a sensibilidade do seu povo, a humanidade dos seus costumes e o valor dos seus artistas.

Já alguns filmes da produção dos anos anteriores cumpriram brilhantemente este objetivo. Ao estrangeiro interessado pelo cinema português recomendam-se especialmente "Douro, faina fluvial", um autêntico clássico do documentário; "Aniki-Bóbó", desempenhado por garotos

do Pôrto, um filme cheio de poesia, ambos de Manuel de Oliveira; e, ainda, "Ala-Arriba", interpretado por pescadores do litoral do Atlântico, premiado na Bienal de Veneza; "Amor de perdição", segundo o famoso romance de Camilo Castelo Branco, dirigido por António Lopes Ribeiro, e "Camões", esforço colossal pela grandiosidade dos meios de encenação, dirigido por Leitão de Barros.

Portugal foi um dos primeiros países a fazer cinema. Com efeito alguns meses depois dos irmãos Lumière terem apresentado o seu cinematógrafo, um industrial português, Aurélio da Paz dos Reis, realizou, em 1896, uma série de filmes o primeiro dos quais se intitulava "Saída dos Operários da Fábrica Confiança".

Em 1909 verifica-se um acontecimento importante a realização do primeiro filme de entrêcho. Intitula-se "Diogo Alves", e o seu realizador, João Tavares, descreve-nos em 300 metros as proezas daquele famoso bandoleiro do século passado.

E, a partir daí, nunca mais em Portugal se deixou de fazer cinema. Este primeiro período da história do cinema mudo no nosso país teve uma época brilhante — a que correspondeu à existência da Invicta-Film, empresa constituída no Pôrto em bases industriais verdadeiramente sólidas, a qual se manteve em atividade de 1918 a 1924. A Invicta era, no seu tempo, a melhor organização da Península Ibérica, possuindo estúdios próprios e um excelente laboratório. Os filmes desta empresa que na sua maior parte se inspiravam em obras literárias de alguns dos mais conhecidos escritores portugueses, como "A Rosa do Adro", de Manuel M. Rodrigues, "Os Fidalgos da Casa Mourisca", de Júlio Diniz, "Mulheres da Beira", de Abelo Botelho, "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco, "O Primo Basílio", de Eça de Queiroz, foram realizados não somente por realizadores portugueses como também por alguns encenadores estrangeiros entre os quais se devem citar o francês George Fallu e um italiano, Rino Lupo, que dirigiu "Os Lobos", um dos melhores filmes

mudos portugueses. Digna também de ser mencionada é a interessante iniciativa da escritora Virginia de Castro e Almeida, que em 1922 fundou a Fortuna Film, a qual produziu os filmes "Sereia de Pedra" e "Os Olhos da Alma", onde o ator francês Jean Murat fez a sua estreia cinematográfica ao lado de outros artistas portugueses.

Em 1928, depois de durante alguns anos a sua produção ter diminuído sensivelmente, o cinema português entrou de novo numa fase de atividade devida ao espírito de empreendimento de algumas personalidades vindas do jornalismo e da crítica cinematográfica, entre os quais Leitão de Barros, António Lopes Ribeiro e Chianca de Garcia.

Após o grande êxito, verificado em 1931, do primeiro filme sonoro, "A Severa", segundo a obra do mesmo nome de Júlio Dantas, filme dirigido por Leitão de Barros cujos interiores e sonorização foram realizados em Paris, pois que não havia ainda em Portugal a aparelhagem necessária, funda-se em Lisboa, em 1932, a Tóbis Portuguesa. Imediatamente esta empresa iniciou a construção do seu estúdio, onde, um ano mais tarde, se começava a realização da "Canção de Lisboa", o primeiro filme sonoro produzido inteiramente em Portugal. E' desse mesmo ano, ainda, o filme "Gado Bravo", dirigido por António Lopes Ribeiro e cujos interiores foram filmados em Paris, sendo os exteriores realizados no Ribatejo, terra de touros e de campinos.

Desde então, toda a produção portuguesa pôde passar a ser realizada nos estúdios nacionais, salvo um ou outro filme feito em colaboração com produtores espanhóis. Entre eles conta-se "Inês de Castro", dirigido por Leitão de Barros em Madrid e em Lisboa, e cujos primeiros papéis foram confiados a atores portugueses. Esse filme obteve até o primeiro prêmio do Sindicato do Espetáculo espanhol, tendo ao ator português António Vilar sido atribuído pelo seu papel de D. Pedro I o primeiro prêmio de interpretação do ano.

Música Popular

SE voltarmos os olhos para trás e examinarmos a situação da nossa música popular de há 5 anos, por exemplo, constataremos com tristeza o fraquíssimo movimento atual. O que houve? Decadência? Valores não renovados? Indiferença do público? Sim. Tudo isto contribuiu para o declínio da popularidade dos ritmos indígenas. Para começar, a inspiração dos compositores populares decaiu tenebrosamente. Nunca mais se produziu um "Aquarela do Brasil", um "No rancho fundo", "Carinhoso", "Teu cabelo não nega", um número que "ficasse" como estes. E os intérpretes de há dez ou quinze anos ainda estão aí sem que apareça alguém que os ofusque. Não que Francisco Alves, Orlando Silva e Sílvio Caldas precisem ser "rifados". Pelo contrário: Sílvio, depois de uma considerável ausência do ambiente, voltou há pouco em grande forma. O que não houve foi, justamente, o aparecimento de outros grandes cantores jovens que se candidatassem aos lugares dos grandes "cartazes" quando estes se afastarem. Está provado estatisticamente que o público das grandes cidades brasileiras, especialmente o público rádio-ouvinte, prefere os ritmos latinos, particularmente os boleros, ao samba nacional. Como explicar este fenómeno? Facilimo. Simplesmente porque os compositores e intérpretes deste género são mais caprichosos, abnegados, trabalham com mais ardor. Entre 5 ou 6 boleros novos, três ou quatro "pegam" e todo mundo passa a associá-los automaticamente. Faz-se a clássica versão em língua portuguesa e pronto! E' sucesso para os próximos seis meses. A proporção em relação ao nosso samba é, infelizmente, muito diversa. Dos quinze ou vinte sambas novos, apenas dois ou três ficam. O resto desaparece. Esquece-se-os involuntariamente. Não há, pois, o carinho, a dedicação na feitura dos nossos números populares. Hoje o autor entoa o seu samba numa caixinha de fósforos perante uma roda na calçada do Nice e daí a três dias lá está o mesmo sambinha sendo gravado num dos nossos estúdios, pelo Jorge Veiga & Regional. Não há a devida seleção, o cuidado, a responsabilidade em jogar um número nas mãos do público. E' doloroso ver uma lista dos discos mais vendidos e entre os dez estarem cinco boleros e um ou dois sambas apenas. Mas é esta a verdade. O público é o grande juiz. Ele é o termómetro mais fiel da popularidade. Não adianta lhe impingir gato por lebre. Ele recusa energicamente. Mas quando lhe dão coisas como "Caminheiros", "Adeus América", "Ponto final", é esse mesmo público, frio e intransigente, o primeiro a prestigiar um número de valor. O público aí está, senhores, à vossa espera. Elevemos o nível de nossa música popular, construamo-la com arte e inteligência, e veremos se ela não estará sempre em primeiro lugar.

★

Há várias correntes atualmente na escolha da maior sambista brasileira. Uma afirma ser Araci de Almeida; outra, Isau-

rinha Garcia. As menores decidem-se por Linda & Dirceinha Batista, Marlene, Ademilde Fonseca, etc. E' interessante constatar esta disputa surgida no meio de rádio e jornalismo e que ainda não chegou até o público. Por diversas vezes, em vários setores, a polémica tem sido tão calorosa, que eu não resisto em dar à luz a minha opinião. Embora reconheça que Araci seja a maior em sua bossa, cadência e espírito, a voz de Isaurinha, que não tem toda aquela malícia, toda aquela "jinga", me agrada mais por sua tonalidade morna, penetrante. Em suma: ambas são "grandes" em seus respectivos estilos. E podem perfeitamente receber o título das maiores sambistas brasileiras.

Não sei por que, a gente fala em sambista e lembra-se logo de Carmen Miranda. Talvez seja porque a Pequena Notável ficou definitivamente no coração do fã. Quem esquece o seu "Taí", seu "Casaquinho de tricot", seu "Cachorro vira-lata" ou o seu "Boneca de pixe" com Almirante? Ninguém. Mas ninguém esquece também o quanto eia foi ingrata negligenciando em gravar lá nos Estados Unidos para o seu grande público brasileiro. E' raro aparecer uma gravação sua por aqui. E quando isto se dá, acontece como o atual "Quanto le gusta", que ela canta em inglês. Será que Carmen esquece de que há ainda milhares de seus fãs no Brasil que desejariam vê-la gravando para eles na terra do Tio Sam? Carmen esqueceu o seu público, o público cujo aplauso foi um trampolim para que ela ostente o grande prestígio de hoje. Mais ingrata ela não poderia ter sido.

★

Uma caso bem diferente foi o de Dick Farney. Recusando os contratos que tinha em mãos, Dick trocou os muitos dólares que lhe ofereciam por uma carreira talvez menos rendosa, mas junto ao seu verdadeiro público. Este gesto do jovem cantor patricio contribuiu para aumentar seu grande prestígio e, por este momento, ele já deverá estar cumprindo vultosos contratos no rádio e boites cariocas. Dick Farney conseguiu um lugar absolutamente inédito em nosso show business. Ele é, a um só tempo, não só o nosso melhor intérprete das canções norte-americanas, como também o cantor de música popular brasileira em maior evidência atualmente. E se há alguém que mereça mais a vitória, esse alguém terá de ser forçosamente Dick Farney. Ele lutou, lutou muito para elevar o nome à altura de seu talento. Pois, como todos sabem, além de ser o cantor popular nº 1 do Brasil, Dick Farney é também um dos maiores pianistas de jazz da América do Sul.

★

Outro género que perdeu o trono para os ritmos latinos foi a música americana. Até uns três anos, a música popular americana desfrutava grande prestígio entre o nosso público jovem, maior mesmo que qualquer outro género estrangeiro. Os anos entre 1940 e 1945 foram seu período áureo. A propaganda de guerra americana, os filmes musicais que Hollywood nos mandava sempre com grandes orquestras e, finalmente, a importação de discos em franca atividade, contribuíram para despertar sempre um interesse crescente pelos ritmos "yankees". Mas a propaganda cessou, os filmes escassearam, a importação foi suspensa e a música americana caiu de uma hora para outra. Um filme mu-

sical que dava X de renda, hoje não dá a terça parte. Um disco de Glenn Miller que vendia 10.000 em um mês, hoje não vende 100. E daí por diante. Até os fãs de jazz, os mais entusiasmados, esfriaram bastante, sou obrigado a constatar. Aquê movimento todo que se via entre os colecionadores, desapareceu. Não há mais aquelas reuniões periódicas, jam sessions, aquê conagração permanente dos entusiastas deste género. Ainda assim, foram fundados no Rio recentemente dois ou três fã-clubes de música americana. E' um grupinho valente que quer despertar os antigos fãs da sonolencia que os atacou e avivar-lhes novamente o interesse pela música e intérpretes norte-americanos. Um dos sintomas mais agudos deste esfriamento foi o desinteresse verificado em relação as reviravoltas no ambiente. Apareceram novos valores, novos estilos e ninguém quis tomar conhecimento. Billy Eckstine ocupou o lugar de Sinatra e Crosby, Sarah Vaughan o de Billie Holiday, Ella Fitzgerald, June Christy, e ninguém deu bola. Stan Kenton passou por aqui e... nada. Gregorio Barros autografa discos numa loja carioca e o trânsito fica impedido. Decididamente, o público brasileiro está todo do bolero. Todo, não. Quase todo. Porque uma parte está voltada para a música popular francesa, há pouco ressuscitada pomposamente. Gente como Charles Trenet, Edith Piaf e George Ulmer, são discutidos como Pedro Vargas, Ruy Rey ou Ana Maria Gonzalez. "La mer" é um dos maiores fenómenos fonográficos destes últimos anos. Está em 1º nas listas de vendas e parece que não quer sair...

★

Agora, por último, o disco. A verdadeira situação do nosso mercado fonográfico, no que se refere à música popular.

Nunca se vendeu tanto disco no Brasil como atualmente. E nunca faltou tanto disco no Brasil como atualmente. Paradoxo? Não. O que há é simplesmente isso: produção menor que o consumo. Produzimos apenas a metade do que o público pede. E por que isso? Porque as nossas fábricas produzem o mesmo que produzem há 3, 5, 10 e 15 anos. O público quintuplicou mas a capacidade de produção das fábricas permaneceu intacta.

Por isso é muito comum se entrar numa loja e ouvir-se o clássico "Está esgotado" de instante a instante. Dos 10 ou 20 mil discos do catálogo, as fábricas só estão aptas a fornecer os discos editados no mês em curso. Os discos de Gregorio Barrios, durante a visita do popular cantor mexicano ao Rio, estavam sempre ausentes das prateleiras. Sucessos como "Night and day", de Sinatra, "It's been a long, long time", de Crosby, "Caminheiros", de Chico Alves, ou "Três palavras", de Pedro Vargas, todos eles legítimos best-sellers permanentes, nunca estão à venda. O colecionador é que sabe a luta para se encontrar um disco...

E' uma situação angustiosa tanto para o vendedor, que só vive dizendo "Não tem" a vida inteira, quanto para o colecionador, que bate a cidade inteira atrás de um disco... e acaba não achando. Afinal de contas, isso não deve repercutir muito bem nas praças estrangeiras.

Talvez, com a próxima inauguração da fábrica da RCA Vitor, a construção da Capitol em S. Paulo, a ampliação da IEM aqui no Rio, amenize-se um pouco o estado de coisas. Porque, francamente, é só aqui que um negócio lucrativo como o disco atravessa uma situação de circunstâncias tão estranhas. Coisas do Brasil...

Sylvio Tulio Cardoso



Ismênia dos Santos

(Foto de Halfeld)



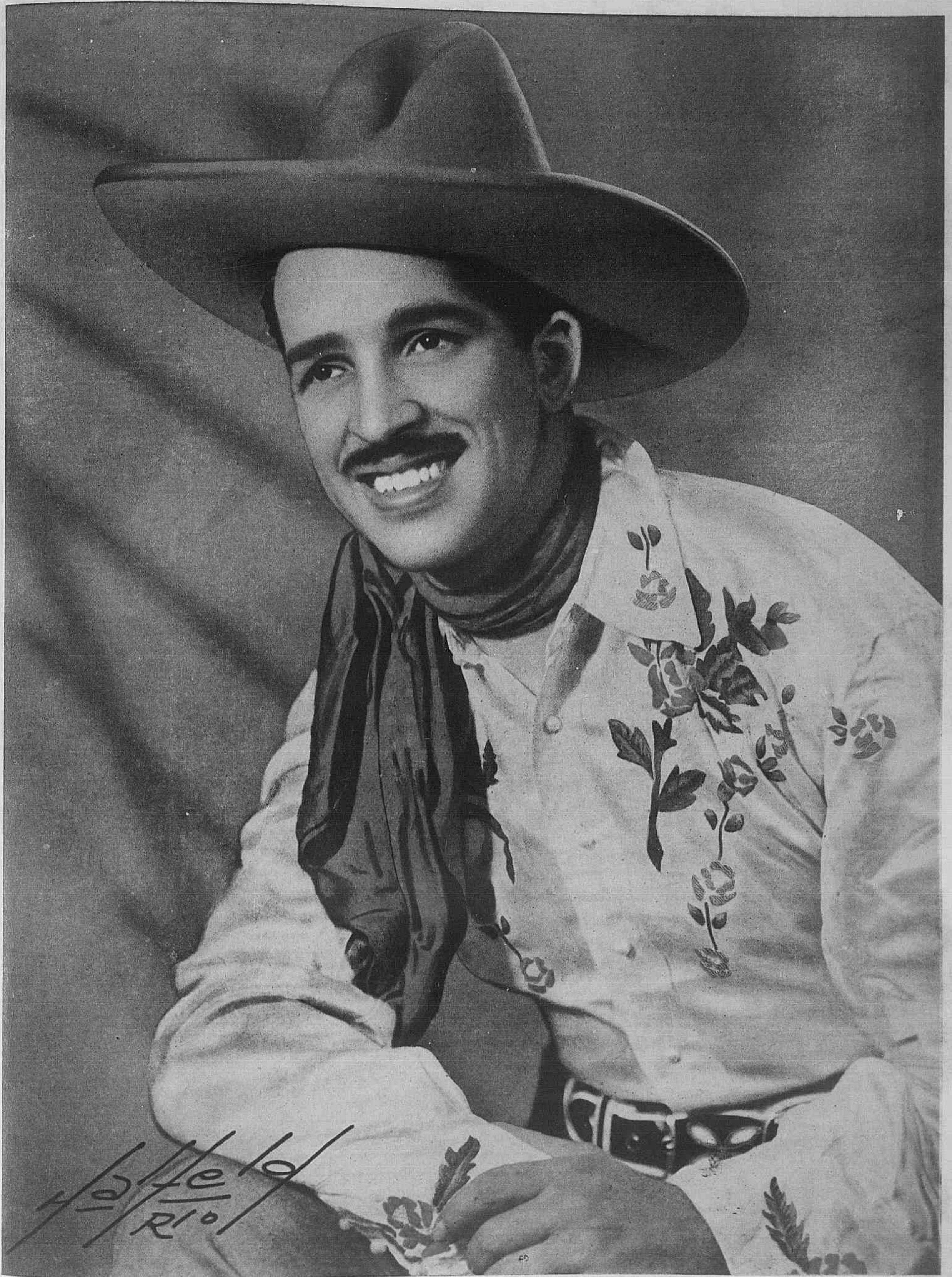
Anselmo Duarte

(Foto José)

* * * * *

ANSELMO DUARTE nasceu no dia 21 de abril de 1920, em Salto, Estado de São Paulo. Estudou no Colégio dos Jesuítas e Escola Alvares Penteado, de São Paulo. Perito contador e técnico em economia e finanças, era redator-comercial do "Observador Econômico e Financeiro" quando foi convidado para trabalhar no cinema. O seu filme de estréia foi "Querida Suzana", película em que trabalhou ao lado de Madeleine Rosay. Desde êste filme os produtores nacionais compreenderam que Anselmo Duarte poderia avançar muito como galã, e êle não desmentiu os prognósticos. Hoje, Anselmo é tido na conta de nosso melhor galã cinematográfico, e vai dia a dia melhorando suas atuações na tela. Com 29 anos de idade e 1 metro e 82 centímetros de altura, Anselmo é exclusivo da companhia cinematográfica Atlântida. Depois de "Querida Suzana" êle apareceu em "Um caçula do barulho" e "Terra violenta". Ainda inéditos no Brasil, Anselmo tem "Pinguinho de gente", película de Gilda Abreu, e "Não me digas adeus", filme argentino que tem como ambiente o Hotel Quitandinha. No momento Anselmo está se dedicando a novo filme na Atlântida. Trata-se de "Elza e Helena", película extraída do famoso romance de Gastão Cruls. Nos dias que passam nenhum ator nacional, galã principalmente, tem o prestígio popular de Anselmo, e pode-se garantir que êle forma com Rodolfo Mayer a melhor duplo de intérpretes masculinos de nossa cinematografia. Estudioso e esforçado, Anselmo sempre procura melhorar as suas condições artísticas e tudo faz para que o filme seguinte seja sempre o seu melhor filme. E isso é alguma coisa em um ator jovem.

* * * * *



Bob Nelson

(Foto de Halfeld)



Maria Montez

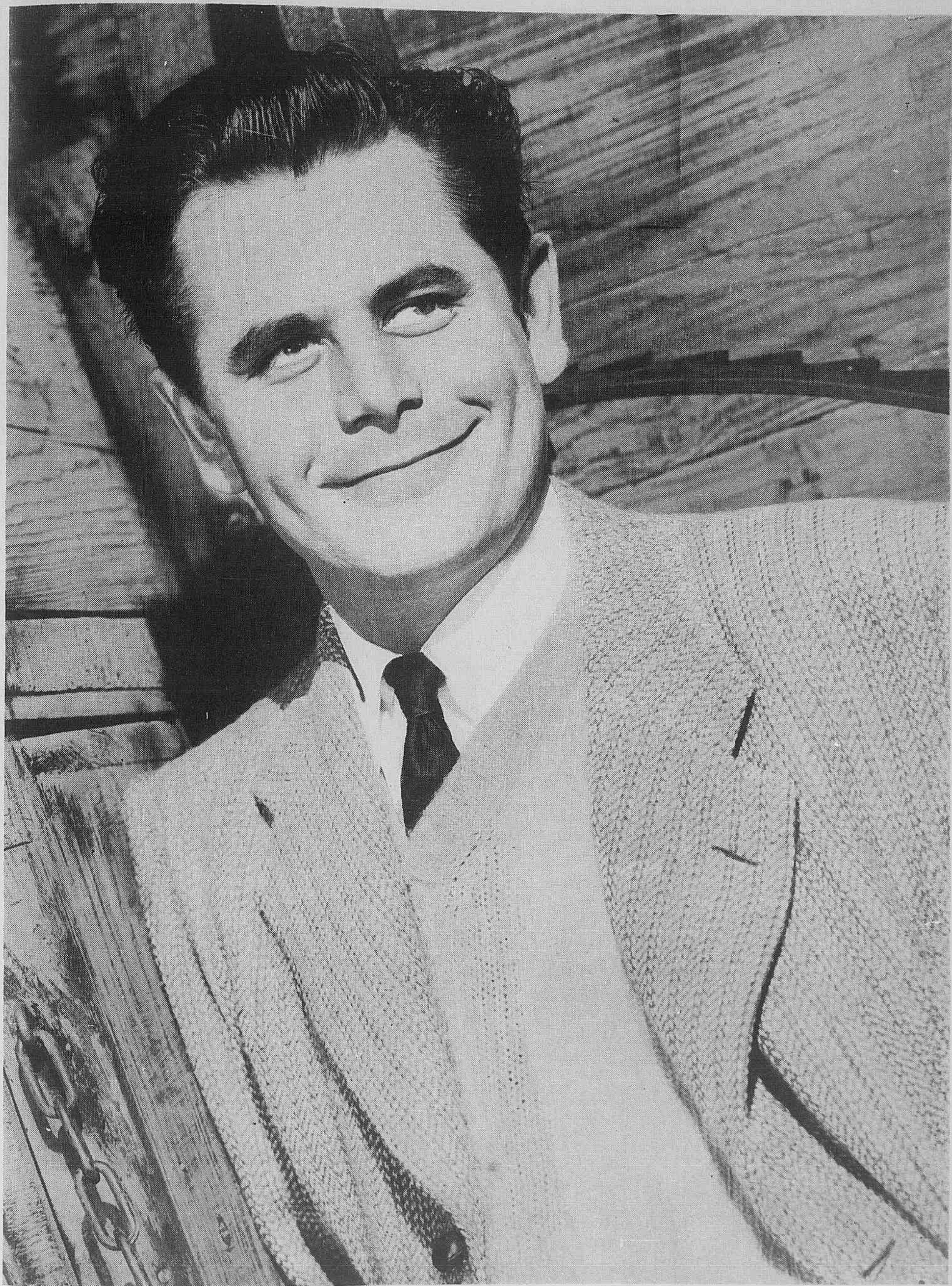
(Foto Universal-International)

MARIA MONTEZ nasceu em um dia 6 de junho, na República Dominicana. Filha de Ysidoro Gracia e D. Teresa Vidal de Santo Silas. Educada no Convento do Sagrado Coração, de Santa Cruz de Teverite, nas Ilhas Canarias. Era modelo quando fez um teste para os estúdios da Universal, recebendo em seguida um contrato para trabalhar na citada companhia, aparecendo em seguida em "Boss of Bullion City". Depois fez "The invisible woman", "That night in Rio", "Raiders of the desert", "Moonlight in Hawaii", "South of Tahiti", "Bombay Clipper", "The mystery of Marie Roget", "Arabian Nights", "White Savage", "Ali Baba e os 40 ladrões", "Follow the boys", "Cobra Woman", "Gypsy wildcat", "Sudan", "Bowery to Broadway" e outros. Casada durante alguns anos com o ator francês Jean Pierre Aumont, não faz muito o casal resolveu divorciar-se. No Brasil, o nome de Maria Montez é bastante conhecido. Tem a atriz um grande público distribuído por todo o território brasileiro, e podemos comprovar isto através de cartas que nos chegam pedindo o endereço da atriz e também fotos e notícias. Apesar de não ser considerada como uma figura proeminente do cinema mundial, Maria Montez tem a seu favor uma notável popularidade. E isso já é alguma coisa em uma atriz de cinema. Usando-a em technicolor, a Universal explorou a conhecida atriz durante muito tempo em filmes onde somente se destacavam as fantasias coloridas e a figura da atriz da República Dominicana. De qualquer maneira, Maria Montez, pelo seu grande prestígio perante o público brasileiro, merece a sua colocação neste despretensioso album que A CENA oferece a seus leitores.



Bibi Ferreira

(Foto de Annamaria Weinrich)



Glenn Ford

(Foto Columbia)



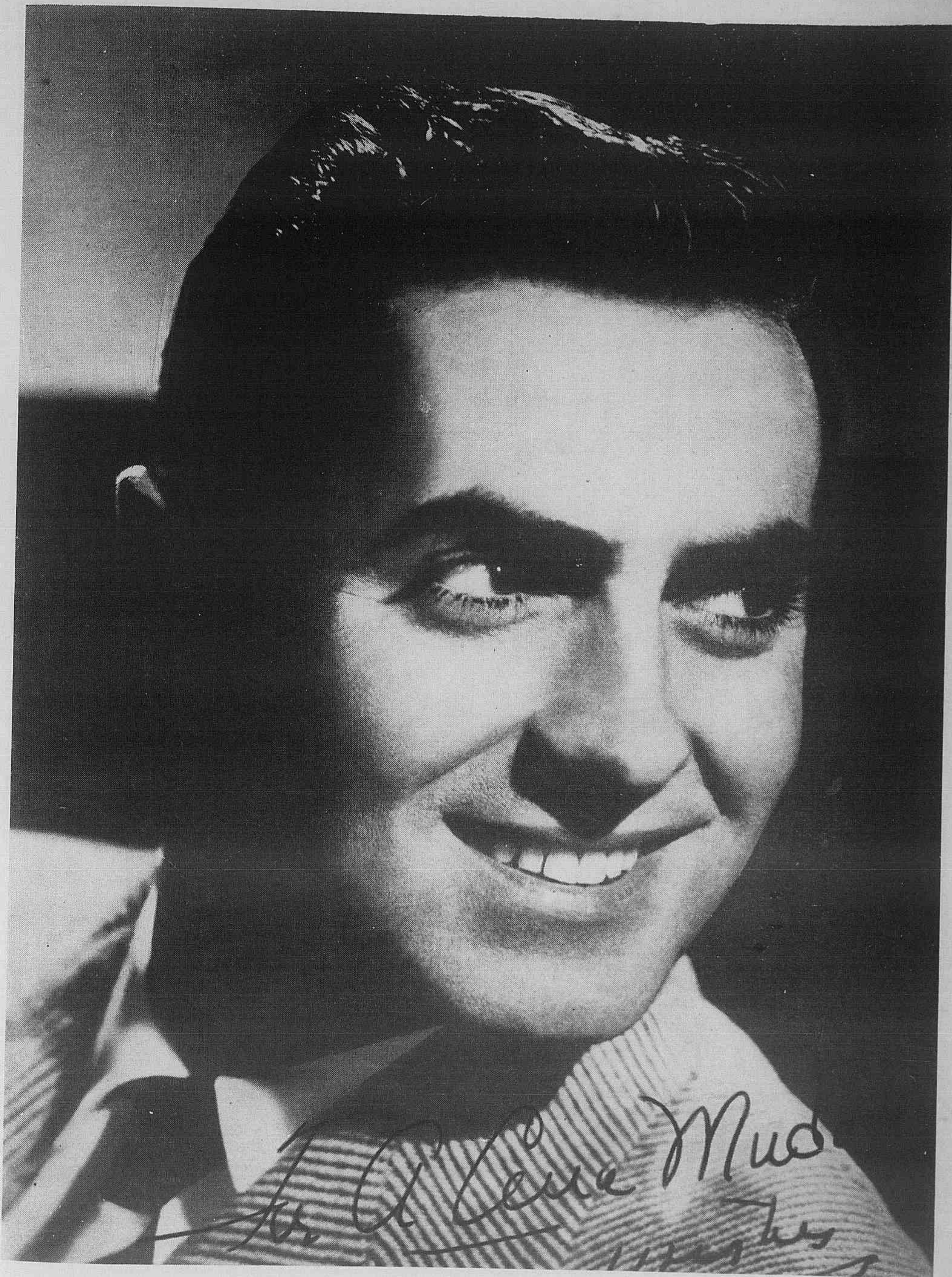
Heloisa Helena

(Foto de Avila)

* * * * *

HELOISA HELENA é fora de dúvida uma das maiores expressões artísticas do Brasil. Seu nome, por extenso, é Heloisa Helena de Almeida Gama Magalhães. Heloisa estreou no rádio muito jovem ainda, com quinze anos apenas. No rádio foi cantora de foxes e sambas. É compositora, e autora também, tendo escrito uma peça teatral, "Granfinos em apuros", o que lhe valeu o ingresso na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, como sócia efetiva. Ligada ao cinema brasileiro, apareceu em várias películas, entre as quais "O samba da vida", "Luz dos meus olhos" e a recente "Terra violenta". Mas os seus maiores sucessos Heloisa alcançou no teatro. E tem sido no palco onde Heloisa chegou ao mais alto grau de seu indiscutível talento de intérprete. Foi "estrêla" da Companhia de Filmes Cênicos, de Raul Roulien, e da Companhia Luis Iglésias. Atuou durante muito tempo nos grandes **shows** mantidos pelos cassinos, nos tempos em que a roleta ainda funcionava legalmente. Atualmente, Heloisa está na Companhia Jaime Costa, como "estrêla" absoluta. Pelo seu magnífico trabalho em "Carlota Joaquina", de R. Magalhães Junior, Heloisa foi considerada a melhor intérprete de 1948 pela Associação de Críticos Teatrais. E recebeu, em 1949, uma verdadeira consagração da imprensa especializada pelo seu recente desempenho em "Filomena, qual é o meu?", um dos maiores cartazes da Companhia Jaime Costa em todos os tempos. Heloisa Helena pode ser considerada nos dias que passam como uma das mais notáveis atrizes dos palcos brasileiros. Ela alcançou uma maturidade artística digna dos mais coloridos vivos.

* * * * *



Tyrone Power

(Foto 20th Century-Fox)

TYRONE POWER nasceu em Cincinnati, Ohio, no dia 5 de maio de 1913. Filho de um conhecido ator, Tyrone Power, Sr, e de Patia Rayome, o jovem Tyrone Power frequentou a "High School" em sua terra natal. Antes de entrar para o cinema, Tyrone Power trabalhou em programas radiofônicos com Don Ameche e teve muitas aparições no palco, em peças como "Romeu e Julieta", de Shakespeare, e "Santa Joana", de Bernard Shaw. Mas foi no cinema que Tyrone alcançou grande fama e teve seus dias de glória. Porque indiscutivelmente Tyrone Power é um ator popularíssimo e de prestígio mundial. Entre os seus muitos filmes citaremos: "Dormitórios de moças" (Girl's Dormitory), "Mulheres enamoradas" (Ladies in love), "Lloyds of London" (Lloyds de Londres), "Quem bem ama... castiga", "Café Metropole", "Ela e o príncipe", "No velho Chicago" (In old Chicago), "Segunda lua de mel", "Maria Antonieta", "Epopéia do jazz" (Alexander's Ragtime Band), "Suez", "Jesse James", "Rosa da Broadway", "O repórter amoroso", "E as chuvas chegaram" (The rains came), "Espôsas ciumentas", "E o filho também roubou", "O filho dos deuses" (Brigham Young), "A marca do Zorro", "Sangue e areia", "Um yankee na RAF", "Ódio no coração", "Isto acima de tudo" (This above all), "O cisne negro", "Um mergulho no inferno", "O fio da navalha", "Capitão de Castela" e "Beco das almas perdidas". Divorciado de Annabella, a famosa atriz francesa, Tyrone Power casou-se meses atrás com a jovem atriz Linda Christian, casamento efetuado em Roma, segundo o rito da igreja católica. Tyrone Power esteve por duas vezes no Brasil, a primeira em companhia de Annabella, e da segunda vez acompanhado de seu particular amigo Cesar Romero.



Jane Wyman

(Foto Warner)

JANE WYMAN não ganhou o "Oscar" da Academia de Ciências e Artes de Hollywood assim sem mais nem menos. O seu absoluto sucesso em "Belinda" foi o resultado de anos e anos de labor incessante e duro, anos de trabalho, de luta por um lugar ao sol. "Belinda" nada mais foi do que o resultado lógico de uma carreira artística amadurecida, de uma larga experiência cinematográfica. "Belinda" foi o prêmio justo de uma atriz que sempre levou a sério o seu trabalho. Jane Wyman, a mais nova premiada da Academia, nasceu no dia 1º de janeiro de 1914. Seu verdadeiro nome é Sarah Jane Folks. Trabalhou em muitos filmes em Hollywood, e aqui citaremos algumas de suas películas: "My man Godfrey", "Cain and Mabel", "Smart blonde", "Larceny, Inc.", "My favorite spy", "Footlight serenade", "Princess O'Rourke", "The animal kingdom", "The Doughgirls", "Make your own bed", "Crime by night", "Farrapo humano" (Lost week-end), "Virtude selvagem" (The yearling) e "Belinda". Seus melhores trabalhos foram sem dúvida alguma nos dois últimos filmes citados. Tanto em "Virtude selvagem" como em "Belinda" Jane Wyman merecia ser premiada com o "Oscar". Até bem pouco tempo era considerada uma das mulheres mais felizes de Hollywood no setor matrimonial, pois estava casada com Ronald Reagan durante vários anos. No entanto, o amor entre os dois desapareceu, e veio o divórcio, um divórcio jamais esperado pelos muitos fãs de Jane e Ronnie espalhados pelo mundo inteiro. Mas a vida nem sempre é um mar de rosas, e cada um tem os seus dramas, maiores ou menores.



Dircinha Batista

(Foto de Halfeld)

* * * * *

DIRCINHA BATISTA, expressão legítima de nossa música popular, é paulista de nascimento. Veio ao mundo a 7 de abril de 1922. E já aos seis anos de idade exhibia suas qualidades vocais, interpretando as mais diversas composições, inclusive as de seu pai, o saudoso ventríloquo Batista Junior. Tal vocação levou Raul Roulien, após ouvi-la cantar o tango "Garufa", a incluí-la no **show** que então apresentava no Teatro Santana. Assim, Dircinha fez sua estréia em público cantando o samba "Morena, me pegue, me jogue no chão...". Foi ainda em São Paulo, ao microfone da Rádio Educadora, a sua estréia no **broadcasting** nacional, que nela possui uma de suas atrações máximas. Da emissora paulista veio para o Rio, onde Francisco Alves a contratou para a Tupi, pagando-lhe um **cachet** que não ia além de 30 cruzeiros... Com a evolução da radiofonia e o número cada vez maior de estações, a irmã de Linda foi sendo cobiçada por outros prefixos que, no afã de conseguirem seu concurso, não hesitavam em oferecer-lhe vantajosos contratos. Foi o que se deu com a Rádio Clube, a Mayrink Veiga, a Nacional, a Ipanema e a Tupi, onde se encontra, presentemente. Também o cinema interessou-se pelo seu concurso, incluindo-a em "Alô, alô, Brasil", "Entra na farrã", "Bombonzinho", "Abacaxi azul", "Futebol em família", "Laranja da China" e vários outros. Dircinha Batista é devota de São Jorge e leitora de Cassiano Ricardo, Olavo Bilac, Stefan Zweig e Paulo Setubal. Seu mais recente sucesso é a versão brasileira de "Quanto le gusta".

* * * * *



Cary Grant

(Foto R.K.O.)

